



EM JOÃO PESSOA

Carnaval Tradição coloca escolas de samba, tribos e frevo na avenida

Já no Rio de Janeiro, a Império Serrano abre o desfile do Grupo Especial, hoje, às 22h. **Páginas 6 e 14**

Foto: Roberto Guedes



Agremiações levaram o ano inteiro preparando o espetáculo de forma artesanal, como a Império do Samba, enaltecendo a fé (foto)



Foto: Edson Matos

Polícia Militar começa estudo para realizar novo concurso

Informação é do comandante da PM, Sérgio Fonseca. Hoje a Paraíba conta com 10.500 policiais.

Página 4

Foto: Divulgação/LabTermes da UFPB



Foto: Pixabay

■ A vida trai a gente todos os dias. E trai muito, porque agimos por impulsos ou ficamos dispersos. Ou seja, colaboramos.

Kubitschek Pinheiro

Página 10

■ O Carnaval de rua dos anos 60 era realmente uma festa popular, numa manifestação de euforia coletiva. O clima era de absoluta tranquilidade.

Rui Leitão

Página 2

Maurício de Nassau e suas histórias de amor

Nunca se casou, mas não era santo. Em Recife, abalou casamentos da alta sociedade.

Página 25



Ilustração: Tômio

Cientista da UFPB entra em ranking da Stanford

Farmacêutica Fátima Agra é considerada uma das cientistas mais influentes do mundo.

Página 3

Câmara corre contra o tempo para votar Plano Diretor

Última revisão foi realizada em 2008, quando deveria ser atualizado em 10 anos, segundo legislação.

Página 13

Pensar

Mansplaining ou maninterrupting é o ímpeto masculino de interromper a oportunidade de fala da mulher com explicações. Expressa o machismo estrutural e tem efeito nocivo.

Páginas 29 a 32



Foto: Evandro Pereira



Memórias

Deoclécio Moura cumpriu missão de sanear A União

No início, ele tergiversou, mas acabou aceitando convite do governador Wilson Braga para presidir o jornal com carta branca para cobrar dos órgãos do governo pelos serviços prestados.

Página 15

Editorial

Marchinha de Carnaval

O Carnaval é a festa popular brasileira por excelência. Resumido ao assunto, é uma mão na roda para artistas de todas as vertentes, do mesmo modo que para produtores de notícias dos meios de comunicação, que dele extraem, por exemplo, pautas para reportagens especiais. De tudo tem um pouco no reinado de Momo, para o bem e para o mal, como é próprio da condição humana, portanto, também das manifestações culturais.

Em cidades como João Pessoa, o Carnaval valoriza a orla marítima e o patrimônio histórico, sem esquecer das comunidades que lutam pela preservação de suas tradições. A história, a cultura e o meio ambiente são destaques da grande escola de samba do povo, que reivindica, nos sambas-enredo, políticas públicas para melhoria das condições de vida da população e conservação da natureza e dos memoriais.

No caso da capital paraibana, a orla marítima e áreas do Centro Histórico transformam-se em passarelas, onde desfilam blocos tradicionais, a exemplo das Virgens de Tambaú, Muriçocas de Miramar, Cafuçú e Raparigas de Chico. A autoestrada do Muriçocas é a avenida Epitácio Pessoa, mas o ponto de dispersão, diga-se assim, são as praias de Tambaú e Cabo Branco. E a cidade inteira se encontra nos tantos dias de Carnaval.

Que as praias paraibanas sejam então bem cuidadas para que, mantendo a beleza, deslumbrem e sirvam aos moradores e visitantes. E a história da capital e do estado, que os prédios também contam, seja melhor conhecida tanto da população nativa como dos turistas, favorecendo, dessa maneira, o desenvolvimento social, cultural e econômico. Afinal de contas, Carnaval também é alegria e denúncia, raciocínio e extroversão.

Se fosse possível sintetizar o que se canta nos carnavais, não importa se nos frevos ou nos sambas-enredo, com certeza haveria consenso quanto ao que se pede ou se sonha: uma vida próspera e saudável para todas as pessoas. Tem muito de brincadeira, porém, de um modo geral, o que se quer é o fim da pobreza, da violência, dos preconceitos. E só se chega a este paraíso com as pessoas conhecendo melhor a si mesmas e ao seu país.

Pois bem, parafraseando Vandrê, seja para exaltar o encanto, seja para denunciar o descaso, que se cante o povo e a terra, para que tudo o que é de bom que se encontre em um canto, se ache também em todo e qualquer lugar. Que ao fim e ao cabo, edifique-se o sonho de Paulo Freire, concretado por ele no verbo esperar. Importa crer que tudo na vida pode se transfigurar, mesmo a partir de uma simples marchinha de Carnaval.

Artigo

Rui Leitão
ruileitao@hotmail.com

O Carnaval dos anos 60

O Carnaval dos anos 60 era realmente uma festa popular, numa manifestação de euforia coletiva, em que a população conseguia de forma espontânea cantar suas dores e prazeres, usando do humor irreverente contido nas letras das marchinhas ou nas fantasias caricatas de personalidades.

O Carnaval de rua tinha a participação das famílias, independente das faixas etárias, porque o custo da alegria era muito barato e o clima era de absoluta tranquilidade, sem o risco da violência urbana tão presente na atualidade. O povo saía às ruas com fantasias de pierrôs, colombinas, palhaços, zorros, odaliscas, marinhos, mascarados, etc.

Durante as tardes dos três dias de Carnaval, a atração era o curso no centro da cidade, mais concentrado na Lagoa (Parque Solon de Lucena). Os de melhor condição financeira seguiam o cortejo em carros luxuosos, enquanto os mais pobres utilizavam camionetes e caminhões, e a maioria do povo assistia de pé ao desfile automobilístico.

Tanto na rua, quanto nos clubes, eram indispensáveis os confetes e as serpentinas. A gurizada se divertia com seringas que disparavam jatos d'água nas pessoas, assim como o "mela-mela" com banhos de talco. Não era proibido o lança-perfume, mas só os ricos podiam adquiri-lo.

Os blocos desfilavam pelas ruas ao som das marchinhas executadas por orquestras. Os grandes sucessos eram "Me dá um dinheiro aí", "Índio quer apito", "Cabeleira do Zezé", "Máscara Negra", "Pó de Mico", etc. Não existiam os trios elétricos, nem os abadá. Os ritmos eram o frevo e o samba. Entrar no bloco era facultado a quem tivesse interesse. Todos se misturavam, sem segregação de classes sociais. Logo, eram desnecessários os cordões de isolamento que existem hoje.

Os bailes mais elitizados aconteciam nos clubes Astrea, Cabo Branco e AABB. O folião se sentia seguro nesses sodalícios e brincava até o amanhecer do dia.

O Carnaval dos anos 60 tinha um que

de romantismo que desapareceu nos tempos atuais, tornou-se indústria, movimentando grande volume de recursos financeiros e criando considerável número de empregos temporários. Portanto, passou a ser um evento economicamente rentável. Brincar o Carnaval agora custa caro. Tudo faz parte de um planejado marketing, com interesses econômicos e turísticos. Falta naturalidade na folia carnavalesca.

Tenho uma dica para quem não vai sair de casa para o Carnaval de rua: ouvir a programação especial das Rádios Tabajara FM e AM, onde poderá recordar das músicas carnavalescas de antigamente, que se tornaram clássicos. Os saudosistas se sentirão voltando no tempo e, de certa forma, integrados à folia. Mas não serão esquecidas as que fizeram sucesso recente e estão fazendo atualmente. A Tabajara é uma emissora que faz história. Acompanha todas as manifestações culturais no passar dos anos, desde 1937.

“

Tanto na rua, quanto nos clubes, eram indispensáveis os confetes e as serpentinas. A gurizada se divertia com seringas que disparavam jatos d'água nas pessoas

Rui Leitão

Foto Legenda

Roberto Guedes



Pedalandos sem compromisso e curtindo a paisagem!

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Tragédias visíveis e invisíveis

Não devo ter sentido diferente de minha cronista predileta ao ver a Turquia desabar inteira, não sobre seus irmãos vizinhos, por ambição eslava de riqueza e poder, mas sobre suas próprias carnes e suas próprias almas, como se o céu e a terra se conjugassem contra sua milenar existência.

Depois de repassar, conta por conta, o rosário de lágrimas de sucessivas tragédias, desde as provocadas pelos elementos da natureza bruta, como os vulcões, os tsunamis, às arquitetadas e detonadas pelo bicho homem (que nem bicho é), de sua cátedra aberta e bem pessoal, Ana Adelaide Peixoto se pergunta: "Por que nos comovemos com a tragédia alheia? E por que algumas tragédias longínquas nos tocam mais que a tragédia ao nosso lado? Os estudiosos explicam. Defesa? Mais fácil se emocionar com o que não está nos incomodando de perto?"

Tem sido uma das minhas intrigas, caríssima confrade. Não a tragédia que desaba das fúrias tectônicas dos elementos e que nos colhe como parte deles. Mas a tragédia muda dos que sonham encontrar o pão seco e duro que às vezes aparece no plástico de boca bem laçada na cata do lixo. Sim, tem que ir para o lixo antes que mofo porque as casas onde sobra o pão estão sempre de portas lacradas e super-lacradas à prova de incômodos como os de antigamente, que podiam estirar a mão pelas janelas. É uma das sequelas mínimas imperceptíveis da velha guerra de classe a pretexto de segurança.

Como nasceram ou foram feitos para sofrer esses ribeirinhos dos primeiros rios históricos das nossas cartilhas ginásias, Tigre e Eufrates, povos milenares que se estraçalham para não ser dominados desde que o pão e o mais da subsistência virou mercadoria!

Não me sai da memória, sempre me atingindo como se fosse agora, a procela infame que devolveu à orla turca, há uns 10 anos, a criança que a mesma Turquia rejeitara, recolhida piedosamente por um soldado fora da tropa, reinvestido em sua condição humana. É preciso haver isto para nos emocionar ou comover. Fora disso, restringe-se ao cerebrino, de leve, o absurdo humano de 19 milhões de brasileiros em situação de fome. O mais que o governo pode fazer, sendo Lula, é pôr no prato o bolsa-família,

que não chega a ser conquista assegurada num país no qual a lei é hoje e não é amanhã. E como a lei, os homens.

Ivan Bichara, já ex-governador, premiou-me em se aliar a uma das minhas crônicas de "Um sítio que anda comigo - A fome, essa invisível". Permitam-me transcrever minhas palavras de mais de 30 anos:

"A fome, entre nordestinos, oferece dois motivos para não comover: é corriqueira, sem o menor efeito sísmico, e se manifesta sob mil disfarces, mesmo pintada com a cara de herege. A fome anda, veste, vai à missa, à escola, vagueia entre uma calçada e outra e algumas vezes até responde que vai bem. Em alguns casos põe a bolsinha de lado, borrija-se de colônias e alfazemas, e em vez de objeto de angústia e revolta, oferece-se como objeto de amor. A palidez do rosto e o langor dos olhos confunde em tons de sensualidade os sintomas do esgotamento. O desmaio da inanição travestido em ânsias de prazer. A lassidão do gozo e da morte confundindo-se./ Quando a fome chega a ser doença não é fome. É avitaminose, distrofia, tísica. E é fácil e institucionalmente enganada: um naco de pão, um punhado de farinha, coisas que enganam o estômago, adiam o óbito e entram no sangue com o mesmo teor de abstração das estatísticas da economia e do planejamento".

E segue assim, sempre assim...

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042

Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

RECONHECIMENTO

Cientista da UFPB entra em ranking de Stanford

Nome de professora paraibana apareceu em catálogo produzido pelos EUA

Lucilene Meireles
 lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

A Ciência viveu tempos sombrios nos últimos quatro anos. Cientistas e pesquisadores passaram por uma série de dificuldades no desenvolvimento de seus estudos. Porém, eles resistiram e mostraram que, mesmo com a falta de apoio financeiro do Governo Federal e a burocracia que resultou em atraso na aquisição de equipamentos fundamentais para a realização do trabalho, a pesquisa não parou e cientistas paraibanos conseguiram se destacar. Considerada uma das cientistas mais influentes do mundo, a farmacêutica paraibana Maria de Fátima Agra, da Universidade Federal da Paraíba, é um exemplo de determinação.

Seu nome está num catálogo, elaborado pela Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, em parceria com a editora holandesa Elsevier BV, atualizado em outubro de 2022. A lista foi feita para um levantamento que avalia o impacto e a relevância de pesquisadores e trabalhos científicos, e reúne o grupo de 2% dos cientistas mais respeitados do mundo. Destes, 20 são da UFPB.

O levantamento foi feito por uma equipe coordenada pelos professores Jeroen Baas, Kevin Boyack e John P.A. Ioannidis. Em 2020, o nome da pesquisadora também figurou nesse ranking. Maria de Fátima Agra é natural de Campina Grande.

Ela conta que as dificuldades da pesquisa botânica no país são muitas e desestimulantes. Falta de apoio financeiro e muita burocracia, segundo a cientista, são entraves que atrapalham a realização dos estudos. Um exemplo foi o atraso na entrega de um equipamento solicitado em abril de 2010 e que só foi recebido 12 anos depois. “Chegou em dezembro de 2022, após um gasto de muita energia refazendo e adequando os valores do orçamento e enviando ao órgão financiador, ano após ano. É desgastante. É um teste de resistência”, constata. Por outro lado, a cientista



Maria de Fátima Agra pesquisa plantas, principalmente as da Caatinga

Foto: Arquivo Pessoal

Professora foi responsável pelo registro de novas espécies de plantas e por descobertas importantes para a farmacologia

Universidade americana produziu catálogo, atualizado em outubro, com nomes dos cientistas mais respeitados do mundo



Docente tem investigado se extrato de planta age contra o mosquito da dengue

Foto: Arquivo Pessoal

comemora a aprovação das pesquisas que realiza. Entre os trabalhos dos quais esteve à frente, está um levantamento das plantas medicinais da Caatinga paraibana, pesquisa que envolveu todos os municípios da área que abrange o bioma. Esses estudos foram publicados em revistas internacionais da Europa e Estados Unidos, e revistas brasileiras.

“Eu me sinto feliz com o reconhecimento do meu trabalho. É um grande incentivo para continuar minha atividade científica. O reconhecimento no nível internacional é bastante importante porque nos apresenta o alcance do nosso trabalho além das nossas fronteiras”, comemora. Por sua contribuição à ciência, ela está também en-

tre os 28 integrantes da UFPB no ranking dos 10 mil principais cientistas do Brics, grupo que reúne Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. A UFPB ocupa a 77ª posição entre as mil instituições que compõem a lista. Esse ranking foi publicado em 2021. Entre as instituições brasileiras, a UFPB ocupa a 20ª posição.

Pesquisas têm foco em plantas medicinais

O campo de trabalho da cientista Fátima Agra está ligado ao estudo das plantas medicinais do Nordeste, especialmente, as da Caatinga. Ela atua ainda em trabalhos de taxonomia das espécies da família das solanáceas, um grupo de plantas de importância econômica, onde se encontram, por exemplo, as pimentas, de nome científico Capsicum; as jurubebas, além do tomate, a berinjela, o jiló e a petúnia.

Há pesquisas da farmacêutica em andamento em diferentes estágios. Algumas, no início e outras, em fase de conclusão. Um dos destaques é um estudo que está sendo realizado em colabo-

ração com a professora doutora Fabíola Nunes, da UFPB. A intenção, conforme Fátima Agra, é avaliar a atividade de um extrato de planta sobre o Aedes aegypti. “Estamos pesquisando se ele atua eliminando o mosquito da dengue”, resumiu.

Ao longo de sua carreira, a pesquisadora registrou novas espécies de plantas para a ciência, diferentes usos populares e formas de preparo das plantas medicinais. Realizou ainda colaborações com colegas da fitoquímica e farmacologia que resultaram na descoberta de novas substâncias com importantes atividades farmacológicas. “Além disso, é importante ressaltar a nos-

sa contribuição na formação de recursos humanos, que atualmente estão envolvidos no ensino e pesquisa em diferentes universidades do país”.

A cientista afirmou que, na área da Botânica, é muito importante a colaboração com profissionais de universidades nacionais e internacionais. Entretanto, ressaltou que seu foco são as espécies brasileiras. “O meu trabalho teve grande apoio do intercâmbio com colegas do Brasil e, principalmente, do exterior, além de apoios com várias instituições internacionais, como o Jardim Botânico de Missouri, Jardim Botânico de New York, Jardim Botânico Real de Kew, entre

outros”, explicou.

A professora é vinculada à Pós-Graduação em Biologia Vegetal, conceito 7; pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes); e às Pós-Graduações em Biotecnologia e Biodiversidade da UFPB, trabalhando em três pós-graduações: duas na UFPB e uma na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Fátima Agra foi pesquisadora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Produtos Naturais e Sintéticos Bioativos da UFPB até levá-lo ao Conceito 6 da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

UN Informe

Ricco Farias
 papiroeletronico@hotmail.com

ROMERO EVITA FALAR EM INDICAÇÃO DE VICE DE BRUNO E DIZ QUE CHAPA SÓ SERÁ DEFINIDA PERTO DAS CONVENÇÕES



Foto: Divulgação/Câmara dos Deputados

Esta semana, o prefeito de Campina Grande, Bruno Cunha Lima (PSD), fez afagos em Romero Rodrigues (foto, do Podemos), afirmando que ele terá prioridade na escolha da candidata a vice, na chapa de sua candidatura à reeleição. O prefeito, inclusive, chegou a amuir pela indicação de Micheline Rodrigues, esposa do deputado. A fala de Bruno ocorre em meio a especulações – negadas por ambos, ressalte-se – de que a relação deles já não é mais a mesma. Teria ficado estremecida devido à decisão do prefeito de retirar indicados de Romero da gestão. Posteriormente, o deputado foi provocado a comentar a fala do prefeito no tocante à indicação de Micheline, mas não quis se manifestar. “Não quero falar sobre esse tema, até para ninguém dizer que estou com interesse pessoal”, afirmou. Afirmando que esse debate é prematuro, Romero lembrou que essas definições só ocorrem próximo às convenções. E citou a própria escolha de Bruno como candidato a prefeito, em 2020, que foi dessa maneira – os outros cogitados, à época, eram Tovar Correia (PSDB) e Manoel Ludgério (PSD). Os ‘desconfiados’ de plantão têm uma tese: se Bruno não tiver bem nas pesquisas, o grupo poderá optar por outro nome. E Romero encabeçaria a lista.

PRIMEIRA DISPUTA POLÍTICA

Médica, Micheline Rodrigues não tem experiência em cargos eletivos. Em 2018, ingressou na política, sendo candidata a vice-governadora na chapa de Lucélio Cartaxo, à época filiado ao PV – inclusive a chapa teve o apoio de Bruno Cunha Lima. Como é sabido, a chapa não decolou – teve apenas 23,41% dos votos – e João Azevêdo (PSB) venceu no primeiro turno, com 58,18%.

NÃO ACREDITA EM ÊXITO

Professora da UFPB, Cida Ramos não acredita ser possível, juridicamente falando, retirar Valdiney Gouveia da Reitoria da UFPB, embora haja a intenção de alguns membros da instituição de fazer um movimento nesse sentido.

MESMO COM ‘ZERO VOTO’

A justificativa para contestar a legitimidade da nomeação de Valdiney Gouveia como reitor da UFPB é até justificável: ele teve zero voto no Consuni. O problema é que, estando na lista tríplice, ele poderia ter sido nomeado pelo então presidente Bolsonaro. Como, de fato, foi.

AUDIÊNCIA SERÁ EM MARÇO

A deputada Cida Ramos (PT) confirma para 1º de março a audiência pública para debater o projeto de engorda de praias em João Pessoa, que foi anunciado pelo prefeito Cícero Lucena (PP). O projeto engloba as praias de Cabo Branco, Tambaú, Manaíra e Bessa.

“NÃO É TANTO ASSIM”

Presidente do PL Mulher, a ex-primeira-dama Michele Bolsonaro disse à imprensa que o salário de R\$ 33 mil que irá receber “Não é tanto assim. E, se vou ter de viajar o país todo, preciso ter condições”. Ela ficará responsável por ampliar as filiações femininas à legenda.

PÚBLICO TERÁ ACESSO A PROCESSO CONTRA PAZUELLO EM DEZ DIAS

Em dez dias saberemos o que resultou do processo do Exército que investigou o ex-ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, por participar, após deixar a pasta, de ato político do então presidente Bolsonaro (PL). É que, como militar da ativa, ele estaria proibido de participar de eventos desse tipo. Ao decidir pela retirada do sigilo de 100 anos sobre o processo, a Controladoria-Geral da União (CGU) afirmou que “Deve preponderar o princípio da transparência” na administração pública.

Sérgio Fonseca

Comandante da Polícia Militar

“PM estuda proposta de elaboração de novo edital de concurso”



Foto: Edson Matos

Comandante destaca também que ações preventivas e repressivas serão intensificadas durante o ano

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

A Polícia Militar da Paraíba trabalha dia e noite para garantir a segurança do cidadão e, durante o Carnaval, o trabalho é redobrado, principalmente, nos municípios onde acontecem as festas de Momo. Após dois anos sem folia, devido à pandemia de Covid-19, os blocos da prévia carnavalesca Folia de Rua voltaram a desfilar, assim como o Carnaval Tradição com as ala ursos, tribos indígenas, clubes de frevo e escolas de samba. A segurança em todo o estado ganhou reforço.

Para isso, no Carnaval 2023, a Segurança Pública monitora a Paraíba com mais de 800 câmeras instaladas do Litoral ao Sertão nas regiões metropolitanas de João Pessoa, Campina Grande e Patos. Outras 33 reforçaram o policiamento no “Corredor da Folia”. Na entrevista, ele ressalta que, no final de 2022, comitivas das PMs do Ceará, Pernambuco e São Paulo vieram conhecer de perto o trabalho bem sucedido da gestão. Em 2022, a segurança pública da Paraíba ficou em 1º lugar do Nordeste no ranking de competitividade dos Estados em 2022, em levantamento do Centro de Liderança Pública (CLP).

O efetivo empregado conta com policiais e bombeiros, somando 8.400 homens e mulheres que trabalham desde o dia 9 de fevereiro, quando houve a abertura da prévia Folia de Rua, em João Pessoa, e segue até a Quarta-feira de Cinzas. Em entrevista do *Jornal A União*, o comandante da Polícia Militar da Paraíba, Sérgio Fonseca, destacou a tranquilidade das prévias devido às estratégias de policiamento e monitoramento planejadas, a intensificação do uso de inteligência aliada ao reforço de ações preventivas e repressivas e orientações de segurança para os cidadãos que estão brincando o Carnaval.

A entrevista

■ Estamos em pleno período de Carnaval e as festas estão acontecendo por toda a Paraíba. Como foi planejado o esquema de segurança para o evento em todo o Estado?

Tendo em vista o longo período que passamos sem festejos carnavalescos, foi realizado um grande planejamento em conjunto com a Secretaria de Estado da Segurança e da Defesa Social (Sesds), Polícia Militar (PM), Corpo de Bombeiro Militar da Paraíba (CBMPB), Polícia Civil (PC), Detran e Polícia Penal, além de órgãos municipais que estão envolvidos na grande operação.

■ A Polícia Militar trouxe novidades em relação aos anos anteriores para a segurança do Carnaval 2023? Que equipamentos foram utilizados pelos policiais militares nas ações durante o período carnavalesco?

Nesta edição foram utilizadas, ao longo do Corredor da Folia, 33 câmeras de videomonitoramento. Trata-se de equipamentos de alta resolução, que auxiliam na prevenção de ocorrências criminais e na identificação de eventuais infratores. Além disso, o policiamento a pé conta com o subsídio do helicóptero Acauã, além das imagens obtidas por meio de drones e das nossas vans de videomonitoramento. Os policiais militares utilizam cole-

tes de proteção balística, bastões policiais e outros instrumentos de menor potencial ofensivo, seguindo os protocolos de emprego em grandes eventos.

■ Como está sendo feito o patrulhamento turístico nesse período?

As ações nas áreas turísticas têm sido desenvolvidas pelo Batalhão Especializado em Policiamento Turístico (BEPTur). Especificamente, neste período, o policiamento ordinário tem sido incrementado com o emprego intensivo da cicloturista e do policiamento com quadriciclos.

■ No Carnaval é comum a ocorrência de assédio. Que tipo de atitudes

configuram essa violência? E quais as penalidades?

Houve alterações recentes na legislação penal brasileira, com a definição do crime de importunação sexual. Este crime está previsto no Art. 215-A, como "Praticar contra alguém e sem a sua anuência ato libidinoso com o objetivo de satisfazer a própria lascívia ou a de terceiro", e prevê a pena de um a cinco anos de reclusão.

■ De que forma a Polícia Militar está atuando nos casos de assédio durante o Carnaval? Como pedir ajuda em caso de assédio neste período de folia e quais as providências imediatas tomadas pela PM?

Nossa atuação tem se pautado no caráter preventivo, no intuito de coibir tais práticas, entretanto, quando há ocorrências dessa natureza, a Polícia Militar atua de maneira a prender e conduzir o agressor em flagrante, quando identificado e prestar o devido apoio à vítima, direcionando-as para o devido atendimento perante à Polícia Civil. Eventuais vítimas de crimes contra a liberdade sexual podem procurar qualquer guarnição de serviço durante os festejos, fornecendo o máximo de informações que permitam a identificação dos agressores.

■ Como os Direitos Humanos são abordados nos processos de formação dos policiais, no policiamento comunitário, na revista não violenta, no patrulhamento ostensivo, na revista às pessoas LGBTQIAPN+?

A disciplina de Direitos Humanos passou a integrar os cursos de Formação, Habilitação e Especialização desde 1997. Nos dias atuais, seguimos orientações da Secretaria Nacional de Segurança Pública (Senasp), dentro da Matriz Curricular Nacional para ações formativas dos profissionais da área de Segurança Pública. Sendo assim, toda e qualquer pessoa, independente de cor, gênero e credo, é abordada de acordo com os ditames elencados pelos mandamentos e diretrizes dos Direitos Humanos.

■ Que avaliação o senhor faz do Carnaval no estado até agora? Têm sido registradas muitas ocorrências? De que natureza?

As festividades têm ocorrido de forma tranquila, com ocorrências pontuais, demonstrando que as ações preventivas da PM vêm dando certo e que todo o planejamento vem trazendo resultados positivos. Nos quatro primeiros dias de prévias carnavalescas em João Pessoa, por exemplo, oito suspeitos de crimes patrimoniais, tráfico de drogas e agressões foram presos.

■ Como a população pode contribuir

Redução

Atuação dos 10.500 policiais militares contribuiu para a redução em 6% no número de Crimes Violentos Letais Intencionais (CVLI) em 2022

com o trabalho da Polícia Militar neste Carnaval?

A ajuda da população é fundamental no processo de fortalecimento da segurança pública. Foliões, turistas e toda a população, de forma geral, podem colaborar com o trabalho dos homens e mulheres que fazem a Polícia Militar. Entre as orientações para o período estão evitar fazer o uso excessivo de bebidas alcoólicas; se beber, não dirigir; levar para os locais de festas apenas os objetos que realmente precisar, buscando se abster de fazer uso excessivo de celulares; caso constate algum delito ou infração, comunicar imediatamente à PM, seja através do policiamento preventivo no local, seja através do número 190.

■ De forma geral, o que está previsto no planejamento da PM para o ano de 2023?

Vamos fortalecer ainda mais nossas ações preventivas e repressivas, com apoio da inteligência policial, estatísticas criminais e treinamento da nossa tropa. Estaremos apoiando as ações e operações da Secretaria de Segurança e Defesa Social, principalmente, junto aos Centros Integrados de Comando e Controle (CICC). Esperamos contar com a ajuda da população durante esse fortalecimento da segurança pública.

■ Haverá novos concursos? Os aprovados em certames anteriores serão contratados?

Em relação à realização de novos concursos, o Comando da Polícia Militar já está realizando os estudos necessários à elaboração da proposta de edital que, por sua vez, deve ser submetido ao aval da equipe de governo, uma vez que todos os aprovados do certame anterior já foram convocados.

■ Quantos policiais a Paraíba tem hoje? Esse número é suficiente para garantir a segurança do Estado? Se não, quantos seriam necessários?

Temos cerca de 10.500 policiais militares, valorosos guerreiros e guerreiras que contribuíram para a redução de 6% dos crimes violentos letais intencionais (CVLI)

no ano de 2022, colocando nosso estado como o 5º menos violento do Norte-Nordeste no ranking de violência, com taxa de 27,1 por 100 mil, segundo o Núcleo de Análise Criminal e Estatística (NACE), além de serem responsáveis pela retirada de circulação das ruas de 2.288 armas de fogo.

■ Como a Polícia Militar da Paraíba tem sido vista pelos outros estados do Brasil?

Nossa corporação tem sido elogiada de Norte a Sul do país pelos resultados que alcançamos. No fim do ano passado, recebemos comitivas das Polícias Militares do Ceará, Pernambuco e São Paulo, que vieram conhecer de perto nossa gestão e resultados exitosos no combate aos crimes contra a vida e contra estabelecimentos financeiros. Além disso, a segurança pública da Paraíba ficou em 1º lugar do Nordeste no ranking de competitividade dos Estados em 2022, apontado pelo Centro de Liderança Pública (CLP).

■ Em breve, o senhor completa um ano à frente do comando da PM. Que avaliação faz desse período? O que mudou?

Nosso comando preza pela gestão participativa, pela eficiência da máquina e pelo desenvolvimento de boas práticas administrativas. Com o fim de potencializar nossas seções administrativas promovemos renovação nos quadros de todos os setores desta Corporação. Tal ação gerou um expressivo reflexo na prestação de serviços operacionais à sociedade paraibana. Primamos pela garantia da democracia, da lei, da paz, da proteção da maioria, independente de cores, credos, gêneros e bandeiras. Estamos investindo na capacitação dos nossos valorosos policiais, homens e mulheres, que se doam em prol da segurança social.

■ Qual a sua trajetória na Polícia Militar da Paraíba?

Ingressei na Polícia Militar da Paraíba em 1996, através do Curso de Formação de Oficiais (CFO), e, em 1998, fui declarado aspirante à oficial. Na corporação, atuei na Região Metropolitana da Capital, nas zonas Norte e Sul de João Pessoa e Cabedelo. Neste período, fui subcomandante e comandante de companhias e unidades especializadas, atuando também na Inteligência, e fui subcomandante do 5º Batalhão. Atuei em Campina Grande, como comandante do 10º Batalhão de Polícia Militar (BPM). No sistema prisional, fui diretor de penitenciárias da Paraíba, e secretário de Administração Penitenciária, fortalecendo a implementação de políticas de ressocialização para as pessoas privadas de liberdade.

ALEGRIA RENOVADA

Carnaval é muito mais que a folia

Após anos de pandemia, foliões compartilham o sentimento de amor pela festa mais democrática do país

Juliana Cavaleanti
julianacavaleanti@epc.pb.gov.br



Para milhões de brasileiros, a máxima de que o ano só começa após o Carnaval é uma das regras a ser seguida. De bailes nos clubes aos tradicionais blocos de rua, curtindo uma orquestra de frevo ou correndo atrás do trio elétrico, o que importa para os foliões é viver a alegria da festa.

Após dois anos sem festejos de rua, os brincantes aproveitam o avanço da vacinação que controlou a pandemia da Covid-19 para extravasar o sentimento de saudade e alegria pelo retorno do Carnaval.

A professora de artes, Rossana Chaves, de 59 anos, é uma das brincantes que aguardou ansiosamente pelas festas. Moradora de João Pessoa, a professora já esteve em seis blocos desde as prévias até ontem, e descreve o momento como um dos mais inesquecíveis de todos.

“Os blocos de Carnaval servem para encontrar os amigos, para conversar, mas acima de tudo servem para vivermos a vida com alegria, sorrindo e cantando. Para mim, o Carnaval é isso”, afirmou.

Além da animação, a folia só está completa com as fantasias e todas as cores que colorem a festa. Rossana falou que, em todos os anos “incorpora um personagem” para cada evento, com fantasias e adereços.

“Adoro me fantasiar, acho isso maravilhoso. Desde criança, eu achava lindo as fantasias e tenho essa alegria dentro de mim de me vestir, me fantasiar e sair dançando. Sou de Recife-PE e adoro frevo e maracatu. Por isso, tenho dentro de mim essa característica de viver plenamente o Carnaval”, finalizou.

Participar de todos os dias de festa é uma rotina, mas para os amantes do Carnaval, alguns blocos tomam conta do coração e são muito mais do que uma simples folia. A jornalista Maria Helena Rangel é uma dessas pessoas. Mesmo não perdendo nenhum bloco das prévias de João Pessoa, o Bloco Cafuçu é o mais importante porque é para onde as pessoas vão para brincar e serem felizes distante de padrões estéticos.

A jornalista, que se dedica a cada fantasia, confeccionou uma prótese dentária para usar na noite do Cafuçu. “Eu gosto, eu me envolvo, eu faço fantasia. As pessoas pedem

para tirar foto comigo e até querem andar do meu lado por conta desta caracterização. Esse bloco tem uma forma de expressão muito bacana porque deixa a gente à vontade para brincar”, destacou.

Já o vendedor Júnior Filho também possui um bloco do coração: As Virgens de Tambaú, considerado por ele, o evento mais divertido das prévias da capital paraibana. “Além das Muriçocas, o meu bloco preferido são as virgens de Tambaú, pois é onde as pessoas são mais alegres e se vestem de diferentes formas”, contou o folião que após as prévias vai para os tradicionais carnavais de Pernambuco. A representante de vendas, Sandra Silva, também tem o seu favorito: As Raparigas de Chico. “É um bloco bem cultural, que dá um passeio nas marchinhas, nas vedetes de antigamente, além do charme e da elegância do passado”, descreveu.

Sandra esteve na maioria dos blocos de prévia pessoense e vai conhecer, hoje, a festa de Olinda-PE para viver o carnaval. “A alegria tem que estar dentro da gente e transbordar. É impossível não pular, não sorrir e não curtir. O Carnaval por si só é pura alegria”, finalizou.



Fotos: Arquivo pessoal



Maria Helena, Rossana Chaves, Sandra Silva e Júnior Fialho no Carnaval

MINISTÉRIO DA CULTURA E REDE APRESENTAM

um espetáculo de MIGUEL FALABELLA

idealização JÓ SANTANA

18 de março
Sábado às 20h
Teatro Pedra do Reino

ÚNICA APRESENTAÇÃO

Vendas: ingressodigital.com e loja Skyler Manaira Shopping
Informações: 2106-6504

GARANTA SEU INGRESSO
Ingresso Digital

MARROM
o musical

FOTO: CAIO GALUCCI

CARNAVAL NA TABAJARA 105.5 FM

BLOCO DAS 90 HORAS

Das 12h do sábado (18.02) às 6h da quarta-feira (22.02)
90 horas de folia para curtir com a gente.

marketing EPC

Tabajara EPC EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

CARNAVAL TRADIÇÃO

Preparação movimentada comunidades

Escolas e demais agremiações tiram do papel os planos adiados pela pandemia para colorir as ruas da capital

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

Um ano inteiro de preparação que une moradores de bairro e integrantes de agremiações em um coletivo para fazer o Carnaval acontecer. Corta aqui, cola ali, costura acolá. Esse processo, repetido diversas vezes, faz com que um amontoado de materiais se transformem em uma explosão de cores que encantam a todos na avenida durante os desfiles.

Essa é a rotina anual de quem faz parte e integra os desfiles do Carnaval Tradição de João Pessoa.

Os preparativos para o desfile das escolas de samba foram intensos, principalmente neste mês, quando a montagem das fantasias, carros alegóricos e demais elementos chegava atravessar as madrugadas. Rotina que fez parte dos últimos dias da escola Império do Samba, do bairro do Róger, que é a penúltima a desfilar na Avenida Duarte da Silveira neste domingo.

A escola levará para a avenida o tema “Milagre das Águas”, homenageando Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, pintando o trecho da Beira Rio com diversas tonalidades de azul. A escolha, inclusive, acompanha a escola desde 2021, quando todo o planejamento de colocar a escola na rua foi frustrado em decorrência do agravamento da pandemia da Covid-19, como informou Sebastião Gomes (conhecida como Jessika Wambastian), presidente da escola.

Jessika conta que a Império do Samba chega na avenida com um elemento surpresa e promete emocionar o público, além de promover um desfile repleto de luxo e grandiosidade. “A Escola vai fazer uma grande homenagem a Nossa Senhora Aparecida, trazendo a fé e a esperança de que aquele momento de pandemia ia passar, lá em 2021.

Apesar de os casos terem diminuído bastante”, conta.

O samba-enredo da “Bateria Guerreira” da escola é de autoria do compositor Genilson Félix e foi criado a partir da ideia de um dos carnavalescos cuja mãe era devota de Nossa Senhora Aparecida. Assim, esse carnavalesco tinha o sonho de homenagear a santa.

“O samba-enredo pede para as pessoas refletirem sobre essa pandemia, sobre amar o próximo, ter compaixão e mostrar que todos os seres humanos são iguais, independente de classe social ou renda. Também pretende mostrar que a fé move montanhas”, destacou a presidente da escola.

Além da homenagem a Nossa Senhora Aparecida, a proposta é também destacar o trabalho dos profissionais da saúde que estiveram na linha de frente contra a Covid-19.

“Na pandemia, muitas pessoas não podiam sair de casa, entraram em depressão, outras perderam a vida. E a Império vem trazendo a fé e a esperança que ajudaram a enfrentar a pandemia”, afirmou Jessika.

Uma média de 450 integrantes estarão desfilando, divididas em 12 alas, três carros alegóricos (com 2,5 metros de largura e cinco metros de comprimento), cinco alegorias, 20 baianas, além da comissão de frente, mestre-sala e porta-bandeira.

Na avenida estarão moradores dos bairros do Róger, Cruz das Armas, Bairro dos Novas, além de pessoas da cidade de Santa Rita e de Mossoró-RN. Muitos são devotos da santa e aproveitam a oportunidade para homenageá-la.

A Império tem sede na Rua Salvador de Albuquerque, no Baixo Róger, mas a montagem aconteceu na casa da presidente, em outra rua no mesmo bairro, onde foram confeccionados todas as fantasias, adereços, alas, alegorias, carro abre-alas, montagem de carros alegóri-



Foto: Roberto Guedes

A fé em Nossa Senhora será o tema da Império do Samba

“

Na pandemia, muitas pessoas não podiam sair de casa, entraram em depressão, outras perderam a vida. E a Império vem trazendo a fé e a esperança que ajudaram a enfrentar a pandemia

Jessika Wambastian

cos, além de outros retoques e decorações.

Segundo a representante da escola, durante esta reta final, as madrugadas foram de mui-

to trabalho. “Desde novembro, a preparação acontece, mas foi neste mês que tudo aconteceu com maior intensidade. O samba-enredo está belíssimo e fizemos um belo trabalho para mostrar na avenida. Estamos em busca do título”, finalizou a presidente.

A Império do Samba foi fundada no dia 7 de novembro de 2004, estreando na avenida do samba no Carnaval do ano seguinte. Uma de suas fundadoras foi Fernanda Benvenutty, militante transexual dos direitos humanos LGBTIQAP+ e cultural. A ativista ajudou, posteriormente, na fundação da escola Unidos do Róger.

Até o momento, a Império foi seis vezes campeã do Carnaval Tradição de João Pessoa, acumulando os títulos de 2006, 2008, 2009, 2010, 2011 e 2015.

No último campeonato, em 2020, a escola foi premiada na segunda colocação. A grande campeã foi a Unidos do Róger, já o terceiro lugar ficou para a escola Malandros do Morro.

Neste ano, a premiação para as três agremiações campeãs será de R\$ 7 mil, R\$ 5 mil e R\$ 4 mil, respectivamente.

A apuração irá ocorrer nes-



Foto: SecomJP

Desfiles de Ala Ursas também integram as disputas

sa terça-feira, após avaliação realizada durante os desfiles por uma comissão composta por pessoas que trabalham ou pesquisam cultura popular. O Corpo de Jurados é formado por oito pessoas de Campina Grande, além de avaliadores de outras estados cidades e estados, como Natal-RN e Recife-PE.

O Carnaval Tradição é promovido pela Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP), através da Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope), além da Liga Carnavalesca de João Pessoa e do apoio do Governo do Estado.

A programação de hoje conta com o Grupo As Calungas, além de quatro tribos indígenas e três clubes de frevo, a partir das 17h, são elas: Tribo Indígena Tupi Guanabara, Clube de

Frevo Bandeirantes, Tribo Indígena Tupi Guarani, Clube São Rafael Frevo e Folia, Tribo Indígena Tabajara, Clube de Frevo Piratas de Jaguaribe e Tribo Indígena Africanos Bom Samaritano.

Ainda durante este domingo, acontecem os desfiles de quatro escolas de samba, com início previsto para às 22h40, são elas: Pavão de Ouro, do bairro do São José; Malandros do Morro, da Torre; Império do Samba e a Unidos do Róger, ambas do bairro do Róger.

A disputa segue amanhã, quando 16 Alas Ursas participam do evento, sendo 14 em competição. A programação conta ainda com a participação especial da Nação Maracatu Pé de Elefante, do Urso Selvagem e Urso Treme Terra.

Antigos carnavais e Tupã vão à avenida

Além da Império, uma das favoritas ao prêmio, outras escolas também se dedicaram para levar suas histórias para a disputa. O Grêmio Recreativo e Cultural Escola de Samba Malandros do Morro, do bairro da Torre, traz o Carnaval do bairro, em seu centenário, como tema.

Conforme o presidente da escola, Mestre Romero, a Torre é o bairro mais carnavalesco de João Pessoa, que serviu de pontapé inicial para o Carnaval Tradição, no ano de 1918 com a fundação da Tribo indígena Africanos.

“Na avenida, vamos falar dos mais de 100 anos de Carnaval do bairro da Torre, onde vamos retratar a fundação das tribos indígenas, da própria Malandros do Morro, dos clubes de frevo, além dos blocos de arrasto, as troças carnavalescas e os bailes de Carnaval tanto do Cine Metrôpole, como na Malandros do Morro que tinha o tradicional baile verde e branco”, detalhou.

O enredo da escola vai mostrar um Carnaval original, recriado com materiais que marcaram época. “A es-

cola vem muito irreverente e luxuosa. Então, é isso que podemos esperar da Malandros do Morro: vai ser um Carnaval muito colorido, muito claro e com um samba maravilhoso”, declarou o presidente.

Fundada em 30 de agosto de 1956, nas proximidades do Mercado Público da Torre, a escola completa 66 anos de existência.

A Malandros do Morro é detentora de mais de 25 títulos do Carnaval de João Pessoa e desenvolve diversos projetos e programas sociais visando o resgate da cidadania pela comunidade, a exemplo do “Bateria Show” e oficinas de fantasia e alegorias. A escola já se apresentou com Negrinho da Beija-Flor, no Projeto Seis e Meia.

A atual campeã, Unidos do Róger, também chega forte para a disputa apresentando o enredo “Sateré Mawé - A Essência da Vida”, que exalta os valores culturais indígenas da Amazônia e a cultura do guaraná.

De acordo com o presidente Paulo César, a Unidos do Róger desfilará com três alegorias

e um tripé, bateria com 70 ritmistas, sete alas, dois casais de mestre-sala e porta-bandeira, além de comissão de frente, passistas, rainha da bateria, musa e destaques, totalizando aproximadamente 400 membros envolvidos no evento.

Conforme o carnavalesco, Renan Wesley, “Sateré Mawé - a essência da vida” retrata a lenda amazônica da criação do guaraná que é um fruto originário da Amazônia. Segundo a lenda folclórica da região, ele é originalmente os olhos de um garoto indígena que foi morto pelos seus tios quando estava apanhando frutos na floresta.

“Tudo aconteceu quando uma cobrinha macho tocou levemente em uma das pernas da índia Anhyã-Muasawé e isso bastou para que ela ficasse grávida. Expulsa do país - Nusokén por seus dois irmãos, a índia teve um menino bonito e saudável. Com inveja de suas qualidades, os tios resolveram matá-lo. Um dia, enquanto o menino colhia frutos na floresta, os vigias do nusokén o decaparam”, conta o carnavalesco.

Tupã, divindade tupi, mandou trovões alertando a Anhyã do perigo que o menino corria, mas já era tarde demais. Após o assassinato, Tupã ordenou que os olhos da criança fossem plantados para que deles nascesse uma planta. O fruto dessa planta deveria ser dado para as pessoas comerem com o objetivo de lhes dar a energia que era característica da criança.

A escola, que vai em busca do quarto título, foi criada no dia 1º de março de 2014, sendo a agremiação mais jovem do Carnaval pessoense. Tem as cores Verde, Rosa e Branco e a Estrela como símbolo. No primeiro desfile, em 2015, levou o enredo “Um Baile de Máscaras para Celebrar os 100 anos do Carnaval Tradição”.

Foi campeã em 2017 cantando “A água que cai do céu é chuva, a água que cai dos olhos é lágrima”. A escola levantou o troféu também em 2020, quando apresentou o enredo “Abram alas que ela vai passar: Fernanda Benvenutty, um legado de luta e suor”, em homenagem a sua ex-presidente-fundadora.

Carnaval Tradição 2023

■ **Carnaval Tradição 2023**
Ordem dos desfiles na Avenida Duarte da Silveira

19/2 – Domingo
Tribos indígenas,
Clubes de frevo e
Escolas de samba

Malandros do Morro
0h20min às 01h
Escola Império
do Samba

17h às 17h30
As Calungas
18h às 18h30
Tribo Tupi Guanabara
18h40 às 19h10
Clube de Frevo
Bandeirantes
19h20 às 19h50
Tribo Tupi Guarani
20h às 20h30
Clube de Frevo
São Rafael Frevo e Folia
20h40 às 21h10
Tribo Tabajara
21h20 às 21h50
Clube de Frevo
Piratas de
Jaguaribe
22h às 22h30
Tribo Africanos
Bom Samaritano

1h10 às 1h50
Unidos do Róger

20/2 - Segunda-feira
17h30
Nação Maracatu
Pé de Elefante
Urso Selvagem
Urso Treme Terra

Escolas de Samba
22h40 às 23h20
Escola de Samba Pavão
de Ouro

Competição – 19h
Urso Alegria do Panda
Urso Branco do 13
Urso Anos Dourados
Urso Preto do Padre Zé
Urso Branco & Cia de
Mandacaru
Urso Santa Cruz
Urso Amigo e Batucada
Urso Celebridade
Urso Panda
Urso Solitário
Urso da Paz
Urso Gavião
Urso Sem Lenço
Sem Documento
Urso Jamaica

23h30 às 0h10
Escola de Samba

VIOLÊNCIA

Relações tóxicas atingem mulheres

Falas e comportamentos de parceiros podem provocar violência psicológica e antecipar agressões físicas

Carol Cassoli
 carol.cassoli@gmail.com

Ao entrar em um relacionamento, toda pessoa espera que a história tenha capítulos felizes. Não são raras as vezes, porém, que o conto de fadas se torna um pesadelo. Desconfianças, traições e ameaças dão o tom em relacionamentos abusivos e deterioram a saúde dos envolvidos. Simbólico, este tipo de abuso não causa danos físicos à vítima, mas deixa marcas na moral e no psicológico dessas pessoas. Assim, os relacionamentos abusivos são a porta de entrada para outros tipos de violência, como a física, a patrimonial e a sexual também.

Em 2019, o extinto Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos levantou que, durante o Carnaval, os casos de violência sexual crescem 20%. Diante desta realidade, a Rede de Proteção às Mulheres em Situação de Violência na Paraíba (Reamcav), do Governo do Estado, está atenta ao aumento significativo de casos de importunação sexual e outros tipos de violência durante o Carnaval.

Com os slogans “vestida para ser feliz” e “não é não”, a Reamcav lançou a campanha ‘Meu corpo não é sua folia’, uma iniciativa que busca conscientizar a população a respeito da segurança de mulheres e pessoas LGBTQIAPN+ no período carnavalesco. A intenção é que as vítimas de abusos na Paraíba não se sintam sozinhas e que os “namorados de Carnaval” não se desdobrem em histórias piores, como foi o caso da esteticista Alice Pereira. Há pouco mais de cinco anos, Alice conheceu um rapaz no Carnaval de rua e foi tomada por uma paixão arrebatadora. Poucos meses depois, a esteticista e o namorado foram morar juntos. Foi quando a relação mudou. Além de afetar o psicológico de Alice, seu namorado contraiu cerca de R\$ 20 mil em dívidas em seu nome e, quando questionado sobre o assunto, jogou uma caneca de chá quente em sua perna direita. Hoje, anos depois do término e da renegociação do valor em débito, a esteticista decidiu fazer uma tatuagem sobre a cicatriz como uma forma de ressignificar as marcas deixadas pela relação.

Atualmente, o combate aos comportamentos abusivos naturalizados pela sociedade tem ganhado destaque em rede nacional. Na novela Vai na Fé, o casal Clara e Theo (interpretado pelos atores Regiane Alves e Emilio Dantas) reflete o cotidiano de muitos casais. As cenas protagonizadas pela dupla representam os comentários feitos por Theo sobre o peso, a aparência, a idade e o comportamento de Clara.

Depois de um relacionamento abusivo acontecer dentro do reality show Big Brother Brasil, onde um dos integrantes do programa ameaçou dar uma cotovelada em outra integrante, com quem desenvolveu uma relação afetiva, o assunto também recebeu destaque. É que a população se chocou ao notar que os comportamentos abusivos acontecem até mesmo ao vivo.

Na ocasião, o apresentador Tadeu Schmidt alertou o casal: “você está percebendo que tem alguma coisa errada? Eu estou aqui pra fazer um alerta antes que seja tarde”. Depois disso, o modelo se reuniu com a atriz para pressioná-la a se pronunciar a respeito do caso e em favor dele. Nas redes sociais, a reação do abusador repercutiu negativamente e os internautas reforçaram que isso também é um traço que simboliza a toxicidade de muitos relacionamentos Brasil a fora.

A psicóloga Rayanne Moreira

“

Em uma relação abusiva, existe um discurso de que uma das pessoas sempre precisa ficar em evidência

Rayanne Moreira



Manipulações e jogos psicológicos resultam em efeitos danosos e comprometimento da vida

Foto: Pixabay

ra explica que, em relações tóxicas, as pessoas tendem a seguir um padrão em que a personalidade do abusador sobrepõe a da vítima. Envolvida em uma teia de atitudes vãs, a vítima não percebe que a maioria (senão todas) as ações do abusador são manipulativas. Especialista em terapia cognitivo comportamental, Rayanne alerta para o fato de que os relacionamentos abusivos podem se desenvolver não apenas em situações amorosas, mas também em amizades.

“A partir do momento que se tem a junção de duas pessoas em uma relação é importante dizer que ela vem acompanhada dos traços de personalidade de cada um e depende da comunicação de ambas as partes. Em uma relação abusiva, existe um discurso em que uma das pessoas sempre precisa ficar em evidência. Nesse discurso, o outro se encontra sempre em uma posição mais vulnerável”.

Crente de que seria capaz de contornar as mentiras e traições as quais foi exposta, a analista de logística, Ana Beatriz Silva, passou oito anos com um companheiro tóxico. Ana Beatriz conta que se envolveu com o ex-namorado aos 15 anos. À época, ele tinha 17.

Nos primeiros dois anos, o re-

lacionamento aparentava ir bem. Mas, com o tempo, a personalidade tóxica do ex-companheiro de Ana, hoje com 26 anos, começou a fazer parte do namoro. “Na época, eu estava imersa no relacionamento e não percebia muito. Quando a gente está dentro, acha que está tudo bem. Às vezes a gente acha que é coisa da nossa cabeça. A gente gosta tanto de estar com a pessoa que não consegue enxergar o mal que está passando”.

Após inúmeras traições e incontáveis descobertas seguidas de ameaças de término, Ana conta que começou a se sentir paranoica. A relação ficou cada vez mais fragilizada pela falta de confiança.

Aos poucos, a saúde mental de Ana foi minada e, mesmo quando percebeu que não estava em um relacionamento saudável, ela não conseguiu se desvencilhar. “Eu não contava para a minha família ou amigos porque tinha vergonha e medo que me julgassem como errada. Estava em um relacionamento tóxico e abusivo psicologicamente e não sabia como pedir ajuda”, lamenta. As marcas deixadas pelo ex-namorado são tantas que, mesmo dois anos e meio depois do término, algumas situações ainda são gatilhos para a Ana.

Escuta ativa

Como os danos não são fisicamente perceptíveis ou mensuráveis, o acompanhamento de um paciente que foi vítima de abuso envolve escuta ativa e acolhimento para reestruturar a autopercepção da pessoa e ensiná-la a lidar com suas emoções.

Rayanne Moreira explica que é possível identificar um relacionamento abusivo através de uma espécie de ‘termômetro emocional’ do paciente. Segundo a psicóloga, estes são pacientes que vivem constantemente preocupados, estressados, tristes ou angustiados e podem ter, também, crises de ansiedade quando têm que se apresentar aos parceiros, por exemplo. “As próprias opiniões, desejos e vontades do paciente já não são mais sua prioridade. A preocupação passa a ser o que o parceiro vai achar e como ele pode reagir”, diz Rayanne ao explicar que uma das condições para acender o alerta é quando a pessoa se anular em detrimento do outro.

Depois de passar por dois relacionamentos tóxicos, o último deles há três anos, a estudante universitária Maria Clara de Souza, de 22 anos, ainda lida com os fantasmas de seus abusos. No primeiro dos relacionamentos em que esteve, Ma-

ria ainda era adolescente e aceitou se envolver com um colega de escola, depois de ser perseguida por ele. “Ele foi me levar em casa depois da aula e se apresentou para minha mãe como meu namorado. Fiquei com medo de dizer a verdade para minha mãe e, depois, ele fez alguma coisa comigo”, relata.

Emocionada, Maria Clara se lembra que o ex-namorado a levou para ambientes fechados e a acariciava sem sua autorização. “Uma vez ele foi violento comigo e eu corri para casa. Minutos depois ele chegou lá e falou bem baixinho no meu ouvido que da próxima vez que eu fizesse isso, me arrependeria”.

Quando terminou o namoro, Maria ficou receosa até se envolver novamente com outra pessoa. A estudante não contava, no entanto, que seu segundo namorado também fosse adotar uma conduta abusiva. “Ele queria transar comigo no banheiro da faculdade e eu não consegui. Saí correndo e pedi para terminar. Depois de muita pressão psicológica, voltamos no dia seguinte... as traições começaram”, Maria Clara conta que o segundo namorado media com percentuais o quanto a amava antes e depois do episódio do banheiro e ele dizia que as traições eram culpa dela.

Respeito e noções de cidadania no Carnaval

Embora o abuso no relacionamento também aconteça com homens, as vítimas massivas deste tipo de violência são as mulheres. Isto se provou durante a pandemia de Covid-19. Os casos de abuso contra mulheres aumentaram significativamente, segundo a União de Mulheres Alternativa e Resposta (Umar). A pandemia revelou o que já acontecia: a dominação do psicológico feminino por outrem.

Após acreditar que encontrou o amor de sua vida, a professora Flávia Duarte, de 38 anos, descobriu que estava se relacionando com o vilão de sua história e não com o mocinho, como imaginava. No dia a dia, Flávia percebeu que o namorado dava sinais, como categorizar a ex-namorada como louca, declarar amor eterno em poucas semanas e se envolver em brigas perto dela.

Flávia relevou os comportamentos do parceiro, mas optou por não deixar que ele comandasse sua vida. Depois que seu ex-companheiro ameaçou man-

dá-la embora de casa, se não largasse as terapias com psicólogo, Flávia foi embora com as roupas do corpo e contou com o acolhimento de amigos. “Embora este seja um tema sensível para mim e que, algumas vezes, gera gatilhos, decidi contar o que houve para que outras mulheres reconheçam alguns dos sinais através do meu relato e a história não se repita”.

Meu corpo não é sua folia

Durante o período carnavalesco, as medidas adotadas pelo Reamcav para combater a violência vão da distribuição de banners, cartazes, leques e cartões informativos ao recebimento de denúncias na Delegacia Especializada da Mulher (Deam). Nas

idades onde não há uma Deam disponível, é possível registrar a denúncia em qualquer delegacia ou pelos telefones 197, 190 e 123; números para denunciar importunação, emergências e violação de direitos, respectivamente.

Em sua 5ª edição, a campanha ‘Meu corpo não é sua folia’ enfrenta, também, a LGBTQIAPN+ fobia. Dentre as estruturas elaboradas para acolher as vítimas, o slogan “bloquinho de todes” reforça à população que, nos festejos, não há espaço para a violência.

Outra alternativa para que vítimas de violência bus-

quem amparo é o Ligue 180, que recebe denúncias e orienta mulheres em situação de violência a agirem. Também é possível acessar o serviço via Telegram. Basta baixar o aplicativo, digitar na busca “Direitos Humanos Brasil” e falar com a equipe da Central de Atendimento à Mulher.



Foto: Freepik

IDENTIDADE

Pecuária e esportes marcam Igaracy

Cidade do Sertão movimenta a economia através da criação de gado e derivados, do comércio e do serviço público



Foto: Ascom/Igaracy

Torneios e campeonatos têm sido realizados no Estádio Carneirão para incentivar as novas gerações nos esportes. Igreja de Nossa Senhora dos Remédios reflete a fé na padroeira da cidade

Mayra Santos
mayraalvessantos@hotmail.com

No Vale do Piancó, o esporte é destaque no pequeno município de Igaracy, localizado a 450 quilômetros da capital, no Sertão paraibano. O esporte ganhou projeção com o atleta paralímpico Cícero Valdiran Lins Nobre, filho de Igaracy e medalhista nos Jogos Paralímpicos de Verão de Tóquio, no Japão, em 2021. Dotada de um povo acolhedor e de fé, cuja padroeira é Nossa Senhora dos Remédios, sua população é estimada em pouco mais de seis mil habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O atleta paralímpico igaraciense é destaque no cenário internacional. Filho de agricultor, com deficiência física, ele superou barreiras e se tornou um medalhista.

O atleta conquistou, em 2019, medalha de ouro em Dubai, onde bateu recorde com a modalidade de lançamento de dardo. Ele iniciou na natação, depois migrou para o atletismo, em 2013. Em 2015, após dois anos na classe F43, onde os lançamentos são feitos em pé, Cícero foi para a classe F57, passando a lançar o dardo sentado em uma plataforma.

Com essa trajetória, o igaraciense é um exemplo para outros jovens da cidade. Por isso, a prefeitura local vem incentivando crianças e jovens no esporte com a promoção de campeonatos de futebol. Na gestão atual, foi implementado o bolsa-atleta, por meio de lei, como incentivo à população mais vulnerável. O campeonato de futebol acontece sempre nos meses de novembro e dezembro, sempre com encerramento no dia da emancipação política da cidade.

De acordo com o prefeito Lídio Carneiro, foram

Um dos grandes destaques da cidade é o atleta paralímpico Cícero Valdiran, que tem se tornado referência para os jovens

formadas equipes de futebol e handball como forma de estimular os jovens no esporte. Inclusive, ele contou que dois estudantes de Igaracy já foram campeões pela seleção brasileira estudantil, além de outro atleta que foi vice-campeão paraibano da terceira divisão. Com isso, a prefeitura vem realizando campeonatos e torneios, no Estádio Carneirão, para que novos atletas possam surgir em Igaracy.

Recentemente, o Governo da Paraíba, por meio da Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado (Suplan), vem realizando a manutenção da escola e do ginásio da Escola Cidadã Integral Joselita Brasileiro, o que corresponde a um investimento orçado em cerca de R\$ 1 milhão, sendo este mais um incentivo à educação e ao esporte do local.



Incentivo ao artesanato tem garantido realização de feiras e geração de renda para moradores

Incentivo à economia

As principais festividades culturais que acontecem no município e que movimentam a economia são as festas de São João, da Padroeira, que ocorre em outubro, e a festa de emancipação política, que acontece em dezembro. São festas tradicionais que acontecem na Praça João Costa Brasileira, área de eventos da cidade. Em 2022, Igaracy completou 60 anos de emancipação política com uma grande celebração.

Sob o aspecto cultural, o município vem recebendo incentivos em relação à arte local como a renda Renascença, o crochê, a pintura, artigos de palha. De acordo com o secretário de Cultura, José Cândido da Silva, foi realizado, em 2022, uma feira artística cujo nome foi "Igaracy, Mostra tuas Artes", como forma de impulsionar os artistas locais que não foram beneficiados pela Lei Aldir Blanc. Em contrapartida, os produtos confeccionados pelos artesãos foram doados para escolas públicas. "É uma

forma de mostrar para os moradores, assim como para as cidades circunvizinhas, que na nossa cidade tem muita gente talentosa. Por vezes, as pessoas buscam fora o que já existe na própria cidade, por falta de conhecimento. Essa mostra foi feita com um público reduzido, devido à pandemia de Covid-19, e já está sendo planejada a realização de uma grande mostra para este ano e contemplar todos os artistas".

Pecuária

A pecuária é uma das atividades que fomenta a economia local. Com isso, a criação de gados proporciona a venda do próprio animal, assim como a venda do leite. Na agricultura, por ser uma região seca, esse não é o forte da cidade, mas ainda existe a plantação de milho, feijão e arroz da terra. Além disso, a principal fonte de renda é o serviço público e o comércio local que consiste, principalmente, em supermercados, com vendas no varejo.

Origem de nome indígena

O historiador Manoel Mouzinho da Silva, autor do livro História de Igaracy, conta que o nome da cidade foi escolhido pelo padre Manoel Otaviano. Por meio de decreto, em 1943, a localidade passou a ser chamada de Vila de Igaracy. Em 22 de dezembro de 1961, a vila foi elevada à condição de município, retornando ao nome Boqueirão dos Cochos, que se originou dos cochos com o quais os índios atravessavam o riacho de Boqueirão.

Por fim, em 1992, por meio de decreto-lei de autoria de um deputado, a comunidade passou a ser chamada de Igaracy. Segundo ele, existem duas versões que explicam a origem do nome. A primeira é que o nome vem do Tupi e significa "canoa grande". A segunda e mais aceita, é a de que

o nome se referia a uma índia, filha do cacique Piancó, que teria sido assassinada pelo pai porque havia engravidado de um índio da tribo de Coremas com o qual pretendia se casar.

Clima e vegetação

O clima de Igaracy é caracterizado pela presença de apenas duas estações: a seca, que constitui o verão, de setembro a dezembro e a chuvosa denominada pelo sertanejo de inverno. A vegetação é de pequeno porte, típica de caatinga, onde se destaca a presença de cactáceas, arbustos e árvores de pequeno a médio porte. Igaracy possui uma área territorial de 192 quilômetros quadrados, sendo limitrofe a oeste e a sul com a cidade de Itaporanga; a leste, Piancó; a norte, Aguiar; e no extremo nordeste, Coremas.

Foto: André Firmão/Divulgação



Coletivo Pé de Frevo entre o público no concerto realizado neste mês no Teatro Santa Roza, em João Pessoa, sob regência de Carlos Anísio, rememorando as antigas marchinhas e frevos

Fotos: Otílio Antonio/Arquivo A União



Foto: Arquivo A União

Acima, festas realizadas no Clube Cabo Branco, na capital, nos anos 1990: atualmente, o esvaziamento desses locais contribui para a queda da visibilidade e da divulgação das composições; ao lado, o jornalista pessoense Livardo Alves (1936-2002), autor da 'Marcha da Cueca', famosa canção nos anos 1970 e 1980: "Eu mato, eu mato / Quem roubou minha cueca / Pra fazer pano de prato"

MÚSICA

Marchinhas carnavalescas: ontem e hoje

Compositores analisam a criação das marchas e os frevos nos dias atuais e a visibilidade das obras tradicionais

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

Durante o período pré-carnavalesco deste ano, o maestro Carlos Anísio confessou estar sentindo saudade de ouvir marchinhas e frevos inéditos de autores paraibanos. "Hoje, com exceção da Rádio Tabajara, não tem tanto espaço para difusão de músicas desse gênero. Nem o mesmo interesse que existia antes, há algumas décadas, quando eventos eram realizados, na cidade de João Pessoa, como festivais. Eu mesmo participei de alguns, que serviam como vitrines", disse o regente.

O cantor e compositor Fuba também percebeu uma diminuição da quantidade dessas canções, por causa da diversidade de ritmos que passou a ser tocada na folia dedicada ao Rei Momo, embora ele mesmo continue compondo novas obras e divulgando-as por meio de suas redes sociais. A cantora Gracinha Teles foi outra artista a constatar idêntico fenômeno, tanto que deixou de compor tal tipo de música, por não ter onde mostrar.

Na opinião de Carlos Anísio, a sazonalidade pode ser outra razão para a pouca divulgação de novas músicas carnavalescas desse tipo. "A marchinha é mais enfatizada no Sul e Sudeste, sendo um gênero que funciona como uma crônica. Se alguma marchinha e frevo conseguiram ultrapassar esse período sazonal é porque o apelo foi mais que o momentâneo para o público, a exemplo de 'Cabeleira do Zezé', 'As Touradas de Madrid', 'Mamãe Eu Quero', 'Microbio do Frevo' - esta gravada por Jackson do Pandeiro - e 'Frevo Mulher', de Zé Ramalho", observou ele. Referindo-se a essa última canção, que virou um clássico em todos os carnavais, inclusive em centros da folia como Salvador (BA), Recife e Olinda (PE), o regente disse que considera ser o ritmo junino, mas, até por ter a palavra "frevo" no título, é tocada durante os festejos.

No último dia 10, com a participação de vários grupos, Carlos Anísio regeu um concerto de Carnaval no palco do Teatro Santa Roza, na capital paraibana, onde reviveu as marchinhas e frevos. "Foi um projeto aprovado pelo Fundo Municipal de Cultura (FMC) no final de 2021, mas veio a suspensão dos eventos, por causa da pandemia, e só pudemos realizar agora. No repertório, incluí 14 músicas de compositores como Lourival Oliveira e Alcides Leão, dois paraibanos que foram muito importantes para o frevo de Pernambuco", frisou ele.

Anísio admitiu que ele mesmo poderia voltar a compor marchinhas e frevos, se os eventos para divulgar e dar visibilidade a novas músicas desses gêneros voltassem a ser promovidos. Ele observou que o crescimento do Carnaval de rua levou ao esvaziamento dos clubes, que contribuíam para divulgar as composições. Mas, enquanto iniciativas assim não são retomadas, ele ressaltou que a Rádio Tabajara tem feito "um trabalho maravilhoso, extremamente valioso e rico na divulgação dessas canções carnavalescas tradicionais".

Um dos apresentadores, ao lado de Cíntia Peromnia, do programa *Tabajara em Revista*, que a Rádio Tabajara transmite de segunda a sexta-feira, a partir das 14h, o cantor e compositor Adeildo Vieira destacou a importância da emissora na divulgação das músicas carnavalescas. "É uma iniciativa que contribui para valorizar e pre-

servar as marchinhas e frevos tradicionais para os ouvintes, inclusive para os da nova geração. Vamos continuar tocando essas músicas no programa", disse ele.

Adeildo lembrou que a marchinha 'Musa de Carnaval' foi a que ele criou, em parceria com o jornalista Fernando Moura, em 2006. "Participamos de um festival em João Pessoa, naquele ano, e que gerou um disco, e, dois anos depois, no festival Femucic, na cidade de Maringá, no Paraná, que resultou em um CD. Os compositores paraibanos são plurais e considero a música 'Folia de Rua', do Mestre Fuba, representativa do Carnaval, pelo sincretismo dos ritmos e a temática local", comentou ele.

Já Fuba observou que o aspecto sazonal contribuiu para a queda na divulgação dessas obras. "Os ritmos foram se diversificando e entrando no Carnaval. A música tem a conotação de mexer com as pessoas, não importando o ritmo, e isso fez com que o frevo e a marchinha fossem perdendo espaço. No passado, havia lançamento de discos específicos desses dois ritmos, mas, atualmente, é raro alguém colocar um disco de frevo e ficar ouvindo em casa", explicou o artista. Um dos seus grandes sucessos, 'Porta do Sol', foi lançada em 1995, sendo regravaada por diversos artistas, a exemplo de Renata Arruda. Fuba garantiu que vai continuar compondo marchinhas e frevos para divulgar em suas redes sociais.

O Maestro Chiquito comentou que ficou "um pouco fora de moda" o lançamento de discos do gênero, por causa do advento das plataformas digitais, mas que também precisa de custos para divulgação, por exigir a gravação com os músicos. "Marchinhas e frevos são mais difíceis de compor, pois requer mais elaboração, e acredito que esse tipo de música nova vem sendo apresentada nos blocos de Carnaval em João Pessoa, como hinos que servem para identificar cada um desses grupos", disse ele, acrescentando ter havido a queda na produção de novas composições de marchas e frevos no interior do estado.

Gracinha Teles comentou que a última vez que compôs esses gêneros foi em 1995, quando foi morar em Recife (PE). "A marchinha é uma preciosidade e, naquela época, Pernambuco, por respirar frevo e marcha, me inspirava a compor. Já aqui em João Pessoa é muito diferente e, por isso, não tenho mais ânimo para compor marchinhas e frevos, porque o artista faz isso para mostrar ao público. Se não consegue mostrar, por falta de espaço, vai para a gaveta, onde mofa, se rasga e, com o tempo, é esquecida pelo próprio autor. Atualmente, fico indignada com as porcarias novas de ritmo que são divulgadas pelas mídias, onde só quem ganha são os produtores", disse ela.

Já o escritor e jornalista Fernando Moura observou que não há visibilidade como ocorria no passado. "Hoje está mais difícil gravar e agora se coloca as canções nas plataformas de música. As marchinhas agradam a quem é mais maduro, que tem dificuldade para manusear os dispositivos digitais. Mas, no passado, compositores paraibanos faziam sucesso, como Livardo Alves, autor da 'Marcha da Cueca', nos anos 1970 e 1980. E, por volta de 1940, 1950, quando o maestro Severino Araújo divulgava que ia lançar alguma música, o público ficava atento para ouvir", disse o pesquisador, acrescentando que a última canção que compôs foi para o bloco As Raparigas de Chico, da capital.

Artigo

Estevam Dedalus*

Sociólogo | colaborador

A música negra

Existe uma hierarquia social entre as artes. Muitas vezes, julga-se que alguns estilos são mais nobres e sofisticados, enquanto outros são tratados como bregas e ultrapassados. Falamos em alta e baixa cultura. Em bom e mau gosto. Classificações que não podem ser vistas como universais. Elas refletem o mundo concreto e suas relações de poder. Geralmente funcionam como marcadores sociais de distinção, legitimando simbolicamente hierarquias e formas de dominação. Tal aspecto fica evidente na maneira como foram desvalorizadas as músicas criadas por descendente de escravizados no Brasil e nos EUA.

As canções produzidas pelos descendentes e escravizados desempenharam um papel estruturante nessas sociedades. Elas, porém, foram atingidas por uma política repressiva, ao mesmo tempo em que conseguiam assumir uma forma de resistência. Com o passar do tempo acabaram sendo apropriadas pela cultura dominante, normalmente a partir de sua inserção mercadológica. Uma boa maneira de ilustrar esse argumento, é o fato de que as canções escravas no século 19 foram alvo de representações depreciativas com o uso de *blackfaces*.

Nesse período, surgiram nos EUA os *minstrel shows*. Marcados pela comicità e pela prática de *blackfaces* para representar personagens negros. Os atores brancos eram pintados com gra-

xa preta, tinham seus lábios aumentados e exagerados. As personagens negras eram expostas ao ridículo, ao risível, tradas como bobas e ignorantes. Havia a tendência a essencializar a graça dos negros. Eles nasceram assim, diziam. “Menos racionais que brancos, engraçados e inferiores”.

No Brasil, as canções escravas entraram no mercado dos teatros e dos salões, mas os negros também ficaram de fora. Nesse movimento, a indústria musical da época se apoderou de suas criações artísticas para servir de base a músicas dançantes que foram exploradas comercialmente. Esse tipo de apropriação de formas populares pela produção dominante, que pode remontar ao barroco – e o uso de temas populares por Bach seria um bom exemplo –, ganha outras cores com o desenvolvimento industrial da música a partir de finais do século 19 e adensado no século 20. Com a abolição da escravidão no Brasil e a proclamação da República, procurou-se também ressignificar a música dos ex-escravizados.

Trata-se de um projeto que apostou no esquecimento histórico dos sons da África, numa tentativa de criação de uma nova identidade nacional. Como os descendentes de africanos já estivessem aculturados, cultuando o mesmo Deus cristão e usando instrumentos da “civilização” (flautas e trombones), o passado poderia ser apagado e não teria mais importância.

Um questionamento adicional, que foge ao escopo direto deste artigo, seria a produção desse movimento em consonância com a conformação de certos símbolos nacionais necessários para construir a imaginação republicana. Ideologia que se valia da crença de que a nação brasileira é multicultural, um caldeirão que diluiria todas as particularidades, criadas a partir de um amálgama da mestiçagem – imagem cara ao pensamento social brasileiro da primeira metade do século 20, que tem, provavelmente, na obra de Gilberto Freyre seu exemplo máximo.

(*) Esta coluna foi escrita em parceria com a socióloga Anne Medeiros.

Redefinir

Com a abolição da escravidão e a proclamação da República no Brasil, procurou-se também ressignificar a música dos ex-escravizados

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

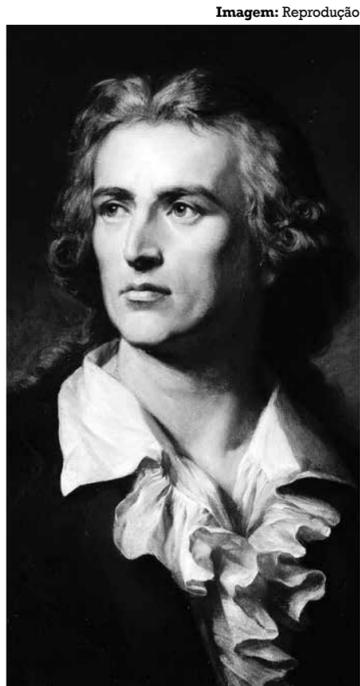
Estética e Existência

Educação estética e sua dignidade social

A existência humana, geralmente, é constituída de tragédias que geram a perda da sensibilidade, da intuição e do desaparecimento dos referenciais quanto à dignidade. Diante disso, um dos desafios é priorizar a beleza de viver a partir da reconstrução dos afetos e conciliá-los às expressões de liberdade ao próprio pertencimento, a fim de tornar o comportamento humano uma manifestação estética, isto é, uma beleza moral.

Johann Christoph Friedrich von Schiller (1759-1805) foi poeta, filósofo, médico e historiador alemão, afirmava que através da “educação estética” a natureza humana é capaz de viver a liberdade, desde que a sua disposição de ânimo estivesse em condições dignas. No seu livro *A Educação Estética do Homem* (1795), apresenta o contraste entre a forma de viver atual e a dos cidadãos gregos antes de Cristo. Para Schiller, a modernidade se apresentava dominada por um racionalismo estéril, que convertia as relações sociais em uma mera tensão de forças materialistas e utilitaristas, que pendiam entre “perversão e grosseria, entre desnaturado e meramente natural, entre superstição e descrença moral” (2014, p. 35). E considerava que a antiga arte grega unia todas as virtudes da sabedoria. Também afirmava que os gregos – daquele período clássico – ensinam a harmonizar a realização humana à cultura com a beleza do Universo. Para essa finalidade, eles usavam a arte, de forma mais intensa a poesia, com a intenção construir as virtudes éticas ao bem-estar social. Isso era possível através das intuições que dão acesso à ordem do Cosmos que existe na constituição da natureza humana.

Friedrich von Schiller, no livro citado acima, apresenta a intuição estética com a finalidade de unir razão e sensibilidade, a qual – a natureza humana – é consciente de sua liberdade e a executa convenientemente de modo livre; também, deve estimular o uso do impulso lúdico. Isso permite o equilíbrio entre os usos racionais e emocionais dos atos morais, possibilitando uma existência livre e consciente. Diante disso, o cidadão que busca conhecer-se, deve, segundo Schiller, abstrair da própria experiência para chegar à dualidade originária, que lhe indica que tudo



Poeta Friedrich von Schiller (1759-1805)

que foi intuído deve ser uma ideia expressada num símbolo, para, desse modo, reconhecer na obra de arte a representação da ideia da humanidade. Essa intuição acontece quando o cidadão alcança o estado estético, nele, desenvolve de forma livre e harmoniosa a unidade entre razão e sensibilidade. Essa é uma das teses em que todos se encontram consigo mesmo e, portanto, o final do caminho proposto por Schiller nas suas Cartas Estéticas. Ele apresenta esse processo na sua Segunda Carta, afirma que: “A arte é filha da liberdade” (Ibid., p. 21). Outra frase, nessa segunda carta, Schiller afirma que: “É pela beleza que se vai à liberdade”. Um princípio determinante para entender a intuição é a sua definição de como a natureza procede, pois somente por meio de uma representação da realidade é que ele pôde intuir como a natureza procede. Ele apresenta na sua Terceira Carta, afirma que: “A natureza não trata melhor o homem que suas demais obras: age em seu lugar onde ele ainda não pode agir por si mesmo como inteligência livre. O que o faz homem, porém, é justamente não se bastar com o que dele a natureza fez, mas ser capaz de refazer regressivamente com razão os passos que

ela antecipou nele, de transformar a obra da privação em obra de sua livre escolha e de elevar a necessidade física à necessidade moral. (Schiller, Ibid., p. 23). Esse acesso é dado pela intuição estética, através do impulso lúdico no momento em que simultaneamente razão e sensibilidade constroem toda dignidade social.

Ao considerar a educação estética para formação do cidadão, em João Pessoa, capital do estado da Paraíba, a Escola Integral Técnica de Arte, Tecnologia e Economia Criativa, no bairro Varadouro, recentemente inaugurada, apresenta a estrutura de educação e ensino técnico. Essa escola oferece estes cursos técnicos: Design Gráfico; Produção de Áudio e Vídeo; Artesanato e Teatro. A unidade conta com laboratórios de ciências, informática, robótica, *maker*, xadrez, auditório com caixa cênica. Também, salas de aulas: de dança; teatro; pilates; maquiagem; figurino; música; circo; audiovisual; mídias digitais; laboratório de artes; biblioteca; instrumentoteca e laboratório de fotografia. No mesmo local, está o Centro de Inovação e Tecnologia (Inotech), com a disponibilidade de curso técnico em informática integrado ao Ensino Médio, onde os discentes, além do conteúdo da Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio, recebem formação profissional técnica para atuar em empresas da área de Tecnologia da Informação e em setores de TI de empresas de naturezas diversas, sejam elas públicas ou privadas.

As duas escolas citadas acima priorizam a inovação e o empreendedorismo, a fim de oferecer aos jovens as oportunidades de construir a dignidade humana, bem como o bem-estar social. O professor e físico Dr. Cláudio Furtado, que é secretário da Educação, Ciência e Tecnologia do estado da Paraíba, destacou que a Paraíba é pioneira com a entrega da primeira Escola Integral Técnica de Arte, Tecnologia e Economia Criativa do país. Ele afirmou que: “Essa escola representa a inclusão, porque os filhos do povo poderão fazer um curso técnico, dando condições de empregabilidade, aglutinando a classe artística e tecnológica, transformando um ambiente que antes era de dor, em um espaço de transformação social e de alegria”.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

A traição

Vem de longe, muito longe, a tal da traição. Bem a.C.

A solo, tudo se mantém fora da ordem mundial. Não quero falar sobre a traição, do modo como as bocas espalham – Zé traiu Expedita com Joventina. Não, deixa estar – tal qual a bomba atômica, já que cada olhar é uma ameaça constante. Traição aí é raiz.

Me parece que esse tipo de traição começa pela boca de quem espalha, e aí vira meme. No Sertão, todo mundo sabia, menos um dos cônjuges, matrimonialmente vinculado, consorte etc. Agora, com as redes sociais – o WhatsApp só falta falar, aliás fala demais sem ter nada a dizer com a desgraça um do outro, cabeça de biloto.

Na música, Chico Buarque vai ao ponto mais cruel, quando diz “te perdoo por te traíres”. E nada muda, o traído vai aos mesmos lugares, sabendo que vai encontrar seu amor com outro ou outra, depois de rondar a cidade. Mas não quero escrever sobre isso.

Lupicínio Rodrigues, toca mais na ferida: “Você sabe o que é ter um amor, meu senhor e loucura por uma mulher e depois encontrar esse amor, nos braços de outro qualquer?”. Será que o outro, é um sujeito qualquer mesmo ou ele é casado e eu sou a outra na vida?

A vida é traição, bem disse Manoel Bandeira. E vamos sendo atraídos pelas traições. Se você tem um amigo, que está acometido de uma doença que não reconhece mais ninguém, é uma traição da vida sem dúvida. Se a pessoa nasce feia, ela pode considerar uma traição, mas aí não cola. Se tem dinheiro, ficará melhor.

Ser mais bonito, mais bem-vestido, mais inteligente, mais culto, mais bem relacionado, mais telegênico, mais e mais insuportável, é conversa para pacientes e psicólogos – ou seja, tem jeito.

Apostos ninguém pode vangloriar-se muito. Zoom out, please! O insuportável pode ser nós mesmos e não sabemos. Claro que sabemos. Ainda falaremos aqui sobre os solitários e os insuportáveis.

Voltemos à traição. Quando perdemos uma pessoa jovem não podemos achar que foi traição da vida, essas perdas estão acertadas desde o clarão, quando nos encontramos Macunaíma. A vida trai a gente todos os dias. E trai muito, porque agimos por impulsos ou ficamos dispersos. Ou seja, colaboramos.

Quando nos decepcionamos com alguém, pode ser considerado uma traição da vida? Talvez. O mantra de onde menos se espera permanece...

Uma pessoa que está sempre ligada, sabe tudo, pau para toda obra, e outra que se mostra blasé, mas se julga o máximo de microfone em riste, nada disso tem a ver com tração. É papo de quem dá explicações demais ou vive passando recibos.

Uma pessoa que faz tudo para tomar o lugar da outra, também não é traição, porque o mundo é assim – os caudilhos que os digam.

A vida trai a gente de mil maneiras.

A traição vai se enrolando nesse viés da vida real e só faz aumentar.

Vamos ao carnaval da Madonna com sua dismorfia facial, descuido vaidoso da vida fatal. Mudar não é difícil o problema é pagar o frete. Te dana.

Então, quando não há coca-cola, pode ser uma pepsi? Deixa quieto.

Kapetadas

1 - Em meio a tanta notícia de gravidez, de criança nascendo, tenho certeza que a fábrica de DIU tá bombando!

2 - Eu faço tudo o que gostaria que fizessem por mim para alguém. Aí, tudo o que eu espero que façam por mim, vem... De *outra* alguém. É o ciclo.

3 - Som na caixa: “Se não parar o calor, eu jogo a roupa fora”.



Madonna na entrega do Grammy 2023, realizado no último dia 5

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Cinema, fábrica de gelo e DOI-Codi

Nos meus 10 anos de idade até a juventude, se não me falha a memória, a Rua São Miguel, da Praça da Pedra, sempre foi a minha segunda residência. Próximo da casa de meus tios, Oliveira e Lica, ele influente “guarda-livros” (contador) dos comerciantes da Rua da República, ficava o Cine São Pedro. Esse era realmente o templo de meus sonhos de criança, dos meus super-heróis, bem como as Lojas 4.400, na Av. Beaurepaire Rohan. Mesmo morando em Santa Rita, vivendo as fantasias nos cinemas de meu pai, sempre passava temporadas na casa dos meus tios em João Pessoa.

Por vezes, conseguia tomar o bonde com tia Lica, indo para os lados da praia, numa longa avenida arborizada, hoje de nome Epitácio Pessoa, e sobre a qual o meu pai Alexandre havia comentado, sobre a época em que havia ali trabalhado com seu tio Antonio Gonçalves, “que era uma região pouco ou quase nada habitada, mas que ligava o Centro da cidade à praia de Tambauú”. E foi numa dessas idas com a minha tia, rumo à praia, que ouvi pela primeira vez uma melodia de piano que vinha de uma mansão, sob intensa vegetação, que jamais esqueci. Só com o passar dos anos, soube realmente o título e de quem era a bela composição – ‘Por Elisa’, de Beethoven, música que usei como uma das trilhas em *Antomarchi*, nosso audiovisual premiado pela Academia Paraibana de Cinema.

Mas, com referência ao título deste artigo, como parte de nossa história, diria da importância que tem o prédio da



De DOI-Codi (E) para a atual Escola Integral Técnica de Arte, Tecnologia e Economia Criativa (D)

recém-inaugurada Escola Integral Técnica de Arte, no Varadouro. No passado de minha adolescência, um centro pauroso de tortura e perseguição, que foi o DOI-Codi, na ditadura militar, que era o nosso tormento, enquanto estudantes e ativistas culturais em Santa Rita. Inclusive, onde ficou preso o meu primo, Reginaldo Antônio de Oliveira (depois juiz de Direito), após ser transferido do 15 RI de Cruz das Armas.

Pois bem. Entre o antigo prédio da ditadura (hoje de arte) com a Rua da República, na esquina ficava o Cine Astória, e logo pegado a este existia uma fábrica de gelo do Sr. Diogo Braz. Que, aliás, foi sócio de meu pai na construção do seu primeiro cinema em Santa Rita – o São Braz. Parceria que durou alguns anos, mas a pedido amigável do Sr. Braz, meu pai comprou a parte dele, dando início a mais três cinemas. Salas construídas no Bairro das Populares, outra no Centro e uma no distrito de Várzea Nova.

Na época, ainda muito jovem e residindo na São Miguel, tanto os cinemas São Pedro e Astória, que sempre frequentava, e a fábrica de gelo eram para mim pontos de interesse juvenil. Menos o antigo prédio do DOI-Codi, que diziam ser onde se torturavam as pessoas. E hoje, toda vez que me lembro da prisão do primo Reginaldo pelos militares, em 1964, vem à mente o atentado que ele sofreu como juiz da Comarca de Itabaiana, quase meio século depois. Assunto sobre o qual escrevi na semana passada.

E parodiando o grande escritor francês Victor Hugo – “Quem abre uma escola fecha uma prisão” –, afirmo que, bem posta foi a ideia de se construir a Escola Integral Técnica de Arte, justo no local de uma Central de Polícia. O que significa, escolarizando a juventude em detrimento da criminalidade. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse o nosso blog: www.alexasantos.com.br.



UFPB exhibe Américo - Falcão Peregrino

Criado a partir de reunião da Academia Paraibana de Cinema, o projeto ‘Prata da Casa’, coordenado pelo professor João de Lima, vice-presidente da APC, deve ter prosseguimento na próxima quinta-feira (dia 23), às 11h, no Cine Aruanda, em João Pessoa, com a participação dos professores e alunos dos cursos de Cinema e Audiovisual da UFPB.

A obra a ser exibida nesse dia será *Américo – Falcão Peregrino*, com direção de Alex Santos, membro da Academia Paraibana de Cinema, a partir de argumento seu e do Dr. Manoel Jaime Xavier, também da APC, sobre a vida do poeta Américo Falcão, de Lucena (PB). A música é de Adeildo Vieira. Após a exibição, haverá debate com os realizadores, sob a coordenação de João de Lima.

EM cartaz

ESTREIAS

HOMEM-FORMIGA E A VESPA: QUANTUMANIA (Ant-Man and The Wasp: Quantumania. EUA. Dir. Peyton Reed. Aventura. Livre). O Homem-Formiga (Paul Rudd) e a Vespa (Evangeline Lilly) lutam contra Kang, o Conquistador (Jonathan Majors), no reino quântico. CENTERTPLEX MAG 4: 14h (dub.) - 16h40 (dub.) - 19h15 (dub.) - 21h50 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 14h45 - 17h30 - 20h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 4: 14h30 (dub.) - 17h15 (dub.) - 20h (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub., 3D): 13h45 - 16h30 - 19h15 - 22h; CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (leg., 3D): 12h50 - 15h30 - 18h15 - 21h; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg., 3D): 13h15 - 16h - 18h45 - 21h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub., 3D): 13h45 - 16h30 - 19h15 - 22h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 15h30 (exceto seg. e ter.) - 18h15 (exceto seg. e ter.) - 21h (exceto seg. e ter.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub., 3D): 14h30 - 17h15 - 20h; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 15h30 - 18h - 20h30; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 15h - 17h30; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 14h (3D) - 16h20 - 18h40 (3D) - 21h; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 15h - 17h30; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 14h (3D) - 16h20 - 18h40 (3D) - 21h; CINE SERCLA PARTAGE 3 (leg.): 21h15.

ROCK DOG: UMA BATIDA ANIMAL (EUA. Dir: Anthony Bell. Animação. Livre). Quando os jovens artistas de um concurso de música admitem que nunca ouviram falar da banda True Blue, eles são compelidos a se juntar ao show para restaurar o bom nome da lenda do rock. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 13h30.

PRÉ-ESTREIAS

A BALEIA (The Whale. EUA. Dir: Darren Aronofsky. Drama. 16 anos). Um professor de inglês recluso (Brendan Fraser) que vive com obesidade severa tenta se reconectar com sua distante filha adolescente para uma última chance de redenção. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 19h30.

AS MÚMIAS E O ANEL PERDIDO (Moomios. Espanha e EUA. Dir: Juan Jesus Garcia Galocha. Animação. 12 anos). Três múmias egípcias que acidentalmente entram no mundo moderno. CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 14h (exceto qui. e sex.); CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 14h15 (sáb. a qua.) - 16h15 (sáb. a qua.); CINE SERCLA PARTAGE 3

(dub.): 14h50 (sáb. a qua.); CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 16h15 (sáb. a qua.).

CONTINUAÇÃO

AVATAR - O CAMINHO DA ÁGUA (Avatar: The Way of Water. EUA. Dir: James Cameron. Ficção Científica. 12 anos). Após 10 anos da primeira batalha de Pandora entre os Na’vi e os humanos, Jake Sully (Sam Worthington) vive pacificamente com sua família e sua tribo. No entanto, eles devem explorar as regiões de Pandora, indo para o mar e fazendo pactos com outros Na’vi da região, quando uma antiga ameaça ressurgir. CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 13h - 16h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub., 3D): 12h45 (sáb. e dom.) - 18h40; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 20h15; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 20h15.

BATEM À PORTA (Knock at the Cabin. EUA. Dir: M. Night Shyamalan. Suspense. 14 anos). Durante as férias em uma cabana remota, uma família é feita refém por quatro estranhos armados que exigem que eles façam uma escolha para evitar o apocalipse. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP: 17h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 22h15; CINE SERCLA TAMBIA 1 (dub.): 18h20; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 18h45.

DESAPEGA! (Brasil. Dir: Hsu Chien. Comédia. 10 anos). Após sete anos controlada de seu vício em compras, Rita (Glória Pires) assume a liderança de um grupo de apoio a compradores compulsivos para ajudar outras pessoas a darem a volta por cima. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 15h45; CINE SERCLA TAMBIA 1: 16h30; CINE SERCLA PARTAGE 3: 16h50.

GATO DE BOTAS 2: O ÚLTIMO PEDIDO (Puss in Boots: The Last Wish. EUA. Dir: Tom Wheeler. Animação. Livre). Com apenas uma vida restante, o Gato de Botas precisa encontrar a mítica Estrela dos Desejos, capaz de restaurar suas vidas. CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 14h (qui. e sex.) - 16h15 - 18h40; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 13h30 (exceto sáb. e qua.) - 16h (exceto seg.); CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 14h45 - 16h45; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 18h15; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 14h45 - 16h45; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 16h45.

M3GAN (EUA. Dir: Gerard Johnstone. Terror. 14 anos). Gemma (Allison Williams) é uma brilhante robocista de uma empresa de brinquedos que usa inteligência artificial para desenvolver M3gan, uma boneca realista programada para ser a maior companhia de uma criança. Depois de inesperadamente ganhar a custódia de sua sobrinha órfã, ela pede a ajuda a M3gan para cuidar da menina. Porém, por ser um protótipo, ela ainda vem com erros de sistema. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 18h - 20h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 16h30; CINE SERCLA TAMBIA 1 (dub.): 18h45 - 20h45; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 20h45.

O MENINO E O TIGRE (El niño y el tigre. México e Brasil. Dir: Brando Quilici. Aventura. 10 anos). Uma jornada do órfão Balmani (Sunny Pawar) e do filhote de tigre Mukti pelas montanhas do Himalaia. CINE SERCLA TAMBIA 1 (dub.): 14h30; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 14h45.

OFERENDA DO DEMÔNIO (The Offering. EUA. Dir: Oliver Park. Terror. 14 anos). Uma família lutando contra a perda encontra-se à mercê de um antigo demônio tentando destruí-los por dentro. CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 21h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 18h30 (exceto seg.) - 20h45 (exceto seg.).

PEARL (EUA. Dir: Ti West. Terror. 18 anos). Presa em uma fazenda isolada, Pearl (Mia Goth) deve cuidar de seu pai doente sob a vigilância de sua mãe. Desejando a vida glamourosa que ela viu nos filmes, as tentações e repressões dela se colidem. CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (leg.): 20h45.

O PIOR VIZINHO DO MUNDO (A Man Called Otto. EUA e Suécia. Dir: Marc Forster. Comédia. 14 anos). Um velho chato, aposentado e rabugento (Tom Hanks), foi deposto como presidente da associação de condomínios, mas, mesmo assim, ele não se importava com a deposição e, por isso, continua vigiando o bairro com mão de ferro. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 14h15.

TITANIC (EUA. Dir: James Cameron. Drama. 10 anos). Relançamento do filme de 1997 sobre o famoso naufrágio do navio Titanic, ocorrido em 2015. Filme ganhador de 11 Oscars. CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub., 3D): 20h; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub., 3D): 20h.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Não há salvação!

Somos animais sem salvação. A não ser que se imagine uma salvação a conta-gotas, experimentada, gratuita e espontaneamente, como pequeninas fatias vindas do paraíso e que nos são dadas viver em circunstâncias muito especiais, fermentadas no ordinário da rotina cotidiana.

Sim, podem existir resquícios de milagre na pele cinzenta do dia a dia. Coisas e fenômenos que nos acenam com a magia da felicidade e, portanto, com os cuidados delicados de uma possível e efêmera salvação.

Não esqueço, porém, a verdade destes versos que fiz, como um refrão, para um poema a que intitulei de *Cemitério vivo*. “Sei também que saber não salva. / Sei também que saber não salva”.

Coisas?

Algumas parecem resumir os elementos do repouso, do bem-estar, da satisfação que pinga, aqui e ali, quando menos esperamos. Por exemplo, nada me acalma mais que o balanço de uma rede, a sesta numa espreguiçadeira, ou, em outra clave, a sombra de um juazeiro, um oratório, um São Francisco, uma coruja, um búzio, um aquário, um aviário, um livro de poemas.

A natureza, na sua energia nutriente e na sua exuberância pacificadora, é pródiga nas ofertas alimentares da salvação. Quem sabe, não seja a salvação a própria natureza.

O campo, o mar, as árvores, o sol, o céu, a lua, os rochedos, as montanhas, as planícies, os rios e os riachos, as cordilheiras e a neblina, as estrelas, os asteroides, os ciclos do zodíaco, os enigmas da eternidade, tudo, enfim, o visível e o invisível, o sagrado e o profano, o real e o mitográfico, se organiza numa sintaxe extremamente confortável para os reclamos do corpo e para os pedidos da alma.

Certas coisas materiais e certas coisas naturais podem pavimentar as estradas surpreendentes da salvação. Diria que nelas existem uma ecologia do encanto, uma pedagogia do prazer, uma teologia da carne e do espírito disseminadas pelas vértebras do tempo e pelas cartilagens intangíveis dos espaços.

Fenômenos?

São tantos e tão dispares, porém, irmanados nas preces e súplicas por um ínfimo toque de salvação. Todavia, “Sei também que saber não salva. / Sei também que saber não salva”.

Primeiro, a chuva, com o ouro de suas águas, acariciando os músculos da terra, fertilizando a argila dos desertos, iluminando o coração das paisagens e lavando os escuros escondidos no pensamento das criaturas humanas.

A chuva sempre me pareceu como uma alegre elegia, uma orgástica oferenda dos deuses que dançam, um estranho souvenir enviado do éden, para nos salvar enquanto seus líquidos cristais deslizam eroticamente sobre as omoplatas do mundo.

Depois vem o vento, com seus uivos alucinados, dilacerando o solo de todas as geografias. O vento, vergastando varandas e varais, vales e várzeas, vasos, veias, vulvas.

O vento faz bem aos cinco sentidos e possui a rara didática da música e da velocidade. Não importa se do Norte, do Sul, do Leste ou Oeste, o vento é o mesmo artefato inefável e cortante, o verso veraz da poesia que passa e que fica, como um instantâneo, nos órgãos do vazio e da beleza.

Há, assim, uma memória do vento. Uma história que carrega muitos sinais de salvação. E isto me soa bom e quase perfeito. Contudo, “Sei também que saber não salva. / Sei também que saber não salva”.

Sinto que não há salvação.

Foto: Pixabay



“Com o ouro de suas águas, acariciando os músculos da terra”

Serviço

• Funes [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Partage [83]3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira [Box] [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

Colunista colaborador

Imagem: Pipoca e Nanquim/Divulgação

Jovem muçumana que vive em Nova York, nos EUA, é atormentada por criaturas quando passa por um momento de negação da própria fé, diante da paranoia, xenofobia e misoginia



LANÇAMENTO

Com o peso do terror nas costas

Chega ao Brasil 'Infiel', história em quadrinhos que aborda temas como a intolerância e o ódio aos imigrantes

Audaci Junior
audaciuniao@gmail.com

Deitada, uma muçumana que está radicada na cidade de Nova York, nos Estados Unidos, lembra do cheiro de carne podre quando, certa vez, deixou o produto fora da refrigeração apropriada após chegar de uma viagem. Na virada da página, o leitor vai se deparar com a cena apavorante de uma figura monstruosa, disforme e grotesca por cima da jovem de origem paquistanesa, que – apesar de ter uma aparência etérea – está colocando todo seu “peso” na protagonista, evocando o clássico da literatura *O Horror*, um dos mais importantes contos fantásticos escrito pelo francês Guy de Maupassant (1850-1893).

Todo esse preparo é para uma história de terror, cujo viés é da boa e velha residência mal-assombrada, mas com uma crítica sócio-política bastante acentuada, algo que podemos observar em determinados filmes do gênero, a exemplo de *Corra!* (2017), do Jordan Peele, *O Que Ficou Para Trás* (2020), dirigido por Remi Weekes, ou *Nanny* (2022), fábula conduzida por Nikyatu Jusu. Veio para somar a história em quadrinhos *Infiel* (Pipoca e Nanquim, 180 páginas, R\$ 89,90), escrita por Pornsak Pichetshote, ilustrada por Aaron Campbell, com cores de José Villarrubia, este último acumula também a função de editor original da obra, lançada nos Estados Unidos em 2018, pela Image Comics.

Na trama, a jovem muçulmana é Aisha, que vive um momento de negação da própria fé perante vários acontecimentos ao seu redor, desde ela ter se mudado com o marido e a pequena enteada para o prédio onde mora sua sogra. Além de colher os olhares e atitudes hostis dos moradores, o próprio local carrega a chaga visível nas suas paredes e estrutura por ter sido explodido em um suposto atentado terrorista, ato atribuído a um vizinho árabe.

Porém, as feridas são bem mais profundas, quando ela começa a presenciar seres

monstruosos saindo de paredes, saindo das sombras dos corredores ou simplesmente invadindo seu espaço porta adentro, sempre ao som de insultos em vez das tradicionais correntes se arrastando pelo assoalho.

Caberá a Aisha e à sua melhor amiga, Medina, descobrirem como trazer a situação de volta à normalidade, frente à desconfiança, paranoia, recismo, xenofobia e misoginia espalhada como se fosse um câncer.

O roteirista Pornsak Pichetshote é um tailandês-americano que foi por muitos anos editor do finado selo adulto da DC Comics, o Vertigo, publicando séries como *Sweet Tooth*, do badalado canadense Jeff Lemire (que assina o posfácio). *Infiel* é sua primeira grande obra, que não deixa de cutucar o pior terror fora da alçada do sobrenatural: a realidade.

Um exemplo pode ser encontrado na figura da sogra, uma “nova-iorquina comum”, mas que não se despe de seus preconceitos, evidenciados no comportamento passivo-agressivo ou até mesmo em ações “sutis” no que é retratado através do dia a dia do novo convívio com a nora muçumana. Desde questionamentos culinários nos quais consistem nos preparos de pratos com ingredientes que não condizem com a sua cultura ou religiosidade, até quando a enteada é pega experimentando o *hijabe* da madrasta, sendo censurada pela avó.

Aisha, encurralada, procura oferecer o apoio emocional para sua família não explodir como o prédio onde atualmente reside, cheio de assombrações. Tudo isso emoldurado pelo clima de tensão e horror proporcionado pela bela arte de Aaron Campbell, com atmosfera angustianante nos matizes orquestrados com habilidade pelo veterano Villarrubia.

Em suma, *Infiel* cumpre o papel de entregar uma genuína história de terror, como também provocar uma reflexão com uma base na metástase do racismo, preconceito e ódio, que nunca será curado, mas que pode pelo menos ter uma remissão.

Em 'Infiel', a protagonista fica encurralada entre manter o apoio emocional para a sua família e desvendar o mistério de assombrações no seu prédio



Através do QR Code acima, acesse o site oficial da Editora Pipoca e Nanquim

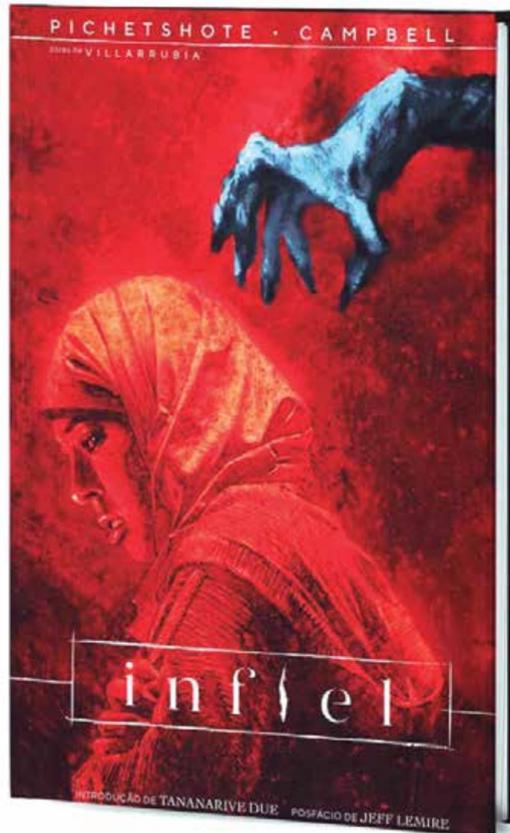


Imagem: FN/Divulgação

Reportagem em quadrinhos foca a vida dos refugiados na ilha grega de Lesbos

Deixando de lado o quesito “sobrenatural”, outro lançamento recente que envolveu a questão dos refugiados é a HQ *A Sala de Espera da Europa: Uma história de refugiados* (Editora Conrad, 32 páginas, R\$ 14,90), da holandesa Aimée de Jongh.

Em outubro de 2017, a quadrinista viajou até o campo de refugiados na ilha grega de Lesbos para fazer uma reportagem em quadrinhos sobre as condições apresentadas no local. Um importante detalhe: câmeras não eram permitidas. Por isso, os relatos apresentados através do lápis e da prosa da autora nos seus sete dias de visita acabam sendo um documento único sobre o ambiente e as condições dos refugiados.

Pela primeira vez, não só as pessoas que esperam entrar na Europa em busca de uma vida melhor, mas suas moradas, seus lugares de descanso e de refeições, foram documentadas

pela perspectiva de Aimée de Jongh.

A autora também assinou outra grande obra que foi lançada no ano passado por aqui: *Dias de Areia* (Editora Nemo, 288 páginas), sobre a dramática situação dos agricultores do

Dust Bowl após a Grande Depressão, uma região foi atingida pela seca e por terríveis tempestades de areia que lançaram seus habitantes na miséria, forçando muitos deles a migrar para a Califórnia. Uma situação que rendeu

o livro *As Vinhas da Ira*, do escritor norte-americano John Steinbeck, publicado em 1939 (e que rendeu um filme homônimo dirigido por John Ford).

Como um meio de democratizar a leitura de quadrinhos, a Conrad publica *A Sala de Espera da Europa: Uma história de refugiados* sob o selo 'HQ para Todos', iniciativa na qual a edição inédita tem um preço acessível, mantendo uma qualidade editorial. O outro lançamento é o nacional *Mayara e Annabelle e a Carreta Furacão*, de Pablo Casado e Talles Rodrigues.

Imagem: Conrad/Divulgação



Jongh relatou o cotidiano dos expatriados no local



Através do QR Code acima, acesse o site da Editora Conrad

EM DEBATE

Plano Diretor disciplina crescimento

Norma que será votada pela Câmara Municipal tenta prever mudanças que atingirão capital nos próximos anos

Iluska Cavaleante
cavalcanteiluska@gmail.com

Um processo que decide as prioridades de mobilidade urbana, habitação, aspectos territoriais, sociais, econômicos e ambientais para uma cidade durante os próximos 10 anos. Esse é o objetivo do Plano Diretor, um instrumento básico de política de desenvolvimento e expansão urbana, previsto por lei desde 2001. Após quatro anos de atraso em João Pessoa, o projeto está em fase final, faltando apenas a aprovação na Câmara Municipal para ser colocado em prática.

O presidente da CMJP, Dinho Dowsley (Avante), afirmou, em entrevista ao Jornal A União, que os vereadores devem aprovar o Plano Diretor antes do fim desta legislatura. “Nosso objetivo é ampliar e agilizar as discussões para que ainda neste ano a proposta seja aprovada. Antes disso, todos os pontos serão debatidos com a população”.

De acordo com o parlamentar, os pontos envolvendo o Plano Diretor serão discutidos pela comissão técnica, abrindo espaço para a participação da população através de audiências públicas. “Nenhum tema deixará de ser apreciado”, disse.

Segundo prevê o Estatuto das Cidades, esse processo precisa ser democrático, ou seja, com a participação da população, de entidades e movimentos sociais que contribuam com pautas para o melhor desenvolvimento da cidade.

“Vivemos numa cidade que caminha para atingir a marca de um milhão de habitantes. Isso demanda melhor planejamento para estrutura viária, de saúde, mobilidade, destinação de áreas verdes e tudo o que precisa ser delineado para que a urbe possa se desenvolver adequadamente, sem gargalos”, ressaltou Dinho.

O vereador comentou, ainda, sobre o atraso em relação ao Plano Diretor. A última revisão foi realizada em 2008. E, segundo a legislação, é necessário que ele seja atualizado a cada 10 anos. “O Plano Diretor indica a qualidade do desenvolvimento que desejamos, atendendo às necessidades que se impõem no dia a dia. Por isso, ele precisa ser revisto a cada 10 anos. Essa revisão, no caso de João Pessoa, está atrasada e, por isso, precisa ser feita com certa urgência”.



Fotos: Andrey Câmara

O crescimento urbano e as implicações na mobilidade, na habitação e no ambiente são preocupações do Plano Diretor, que já está na Câmara de João Pessoa

Prefeitura começou a elaboração ainda em 2021

O processo de criação do novo Plano Diretor de João Pessoa teve início em junho de 2021, pela Prefeitura de João Pessoa. Segundo a gestão, a Secretaria do Planejamento (Seplan) e a Secretaria Executiva de Participação Popular (SEPP) realizou au-

diências e reuniões envolvendo as 14 Regiões Comunitárias do Município e encontros técnicos/temáticos com entidades e instituições da sociedade civil organizada.

O debate sobre a revisão do Plano Diretor também

chegou às representações de universidades, conselhos profissionais, órgãos de proteção do meio ambiente e do patrimônio histórico, e com o Ministério Público (em âmbito estadual e federal). De um total de 203, foram 145 eventos técnicos e 58 participati-

vos/populares, que incluem oficinas de propostas, três grandes audiências públicas e uma conferência municipal, todas abertas à participação popular.

A formulação envolve diretrizes e propostas que incluam, entre outras, temá-

ticas das áreas ambiental, econômica, social, de zoneamento e uso do solo, infraestrutura, mobilidade, urbanismo e habitação. O documento foi entregue em dezembro do ano passado à Câmara Municipal de João Pessoa.



Pontos turísticos com apelo ambiental, como a Lagoa, terão atenção especial do Plano Diretor

Entre as pautas discutidas, características regionais

Entre as principais pautas a respeito do Plano Diretor, está a inserção de características regionais. Foi analisada, entre outras coisas, a forma como João Pessoa se relaciona com os municípios vizinhos, com a Região Metropolitana e com o estado. “Essa relação entre os municípios envolve a gestão, o meio ambiente, a população, a economia, as relações de trabalho e moradia, a infraestrutura, a mobilidade, o saneamento e outros aspectos”, diz trecho do site desti-

nado ao Plano Diretor, disponibilizado pela prefeitura.

Entre as discussões que precisam ser levantadas na CMJP, está o planejamento e gestão territorial; caracterização e análise socioeconômica, ambiental e do uso e ocupação do solo; questão fundiária e moradia; mobilidade urbana, rural e regional; infraestrutura, serviços públicos e equipamentos urbanos e rurais; finanças públicas e capacidade de investimento do município.

Lei que institui o PD já sofreu várias alterações

A Lei Complementar nº 03, de 30 de dezembro de 1992, que instituiu o Plano Diretor atual, passou por várias atualizações ao longo dos anos. A última, mais significativa, que revisou a lei em decorrência do Estatuto da Cidade, foi a Lei Complementar nº 54, de 23 de dezembro de 2008, posteriormente consolidada pelo Decreto N.º 6.499, de 20 de março de 2009.

O Plano Diretor de 1992 teve ampla participação da

sociedade civil organizada e apresentou instrumentos inovadores para o combate às desigualdades sociais. A criação das Zonas Especiais de Interesse Social, bem como a introdução da Outorga Onerosa do Direito de Construir, fez do Plano Diretor pressuoso um dos precursores na formulação de instrumentos legais que, mais tarde, seriam apresentados ao país através do Estatuto da Cidade.

Técnicos encontraram problemas para equilibrar projeto na capital

De acordo com informações da Prefeitura de João Pessoa, foram encontrados alguns desafios para a realização do projeto. A porção norte, urbanizada, com poucas áreas verdes, concentra a população de maior renda, o turismo, o comércio e as principais avenidas, além de passar por um processo de verticalização das construções. Por outro lado, a porção sul apresenta amplas áreas verdes, concentra a população de menor renda e tem apresentado um crescimento horizon-

tal espreado e desconectado, muitas vezes irregular.

O documento identificou, ainda, que João Pessoa se estendeu sobre duas regiões distintas: a Baixada Litorânea e o Baixo Planalto Costeiro, caracterizando o que originalmente se denominou de Cidade Alta e Cidade Baixa. “Esta configuração do território, somada à presença de uma rede hidrográfica importante e de uma extensa unidade de floresta nativa na área central (Mata do Buraquinho), contribuem

para uma ocupação do solo compartimentada e conectada por uma escassa estrutura viária”.

■ Zona sul da cidade apresenta amplas áreas verdes e concentra a população

DESFILES CARNAVALESÇOS

Escolas mostrarão enredos de histórias não contadas

Agremiações vão resgatar o protagonismo de negros, mulheres e indígenas

Priscila Mengue
Agência Estado

O carnaval de 2023 será marcado por histórias que a História não conta. Escolas de samba do Rio e de São Paulo apresentarão enredos dispostos a reverter apagamentos históricos, valorizar a ancestralidade e mostrar o protagonismo de negros, mulheres e indígenas em diferentes momentos.

Com temas que vão da primeira negra a publicar um livro no Brasil ao samurai africano que se tornou herói no Japão, os desfiles dos Grupos Especiais ocorrem desde a sexta-feira (17), nas capitais paulista e carioca. As 12 melhores escolas de samba do Rio realizam um grandioso espetáculo no domingo e na segunda-feira de carnaval no sambódromo.

Para pesquisadores, as escolas de samba vivem um momento de volta às raízes e de valorização da origem negra, marcado pela vitória da Grande Rio no carnaval passado, com um enredo sobre exu-



Fotos: Tomaz Silva/Agência Brasil

No sambódromo do Rio, as escolas de samba prometem surpreender o público com enredos históricos

entidade ligada a religiões de matriz africana e estigmatizada por décadas. Esse retorno dialoga com um contexto sociocultural de questionamento de apagamentos históricos e de força das redes sociais, nas quais trechos de desfiles viralizam e atingem um público para além do tradicional.

Um exemplo é o enredo da Mocidade Alegre, em São Paulo, sobre Yasuke, o primeiro samurai negro de trajetória

pouco conhecida fora do Japão. “A gente conta a trajetória heroica de um homem que chegou ao Japão escravizado e se tornou um membro da mais alta Corte”, resume o carnavalesco da escola, Jorge Silveira. “A escola não conhecia, mas se identifica com o personagem. Percebeu que, embora tenha acontecido 500 anos atrás, tem muita semelhança com lutas e batalhas de hoje”, relata.

“Muitos heróis negros fo-

ram negligenciados na história e revelados (para o grande público) por escolas de samba, como Chico Rei. Xica da Silva e Zumbi (todos retratados pela Salgueiro nos anos 1960). Eram esquecidos pelos livros de história e foram enaltecidos pelas escolas de samba.” A partir da trajetória do guerreiro africano do século 16, a escola pretende fomentar discussões sobre as barreiras enfrentadas até hoje pela população negra.

Carnaval do Rio movimentará R\$ 4,5 bilhões

Roberta Jansen
Agência Estado

Depois de dois anos sem carnaval, a expectativa é que no Rio a celebração deste ano movimente R\$ 4,5 bilhões - 12,5% a mais do que em 2020, a última celebração completa antes da pandemia de Covid-19. Desse total, R\$ 1,2 bilhão virá do carnaval de rua. Os números estão no levantamento Carnaval de Dados, da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Inovação e Simplificação (SMDEIS) em parceria com a Riotur e a Fundação João Goulart

Os quatro dias de festa têm um impacto direto no turismo e na economia da cidade. O carnaval do Rio

gera um terço de toda a movimentação econômica no País durante o período. A expectativa da prefeitura é que a arrecadação do Imposto Sobre Serviços (ISS) seja 20% maior do que em fevereiro de 2020, passando de R\$ 194 milhões para R\$ 23,3 milhões. Em média, feverei-

ro tem uma arrecadação em média 10% maior do que os demais meses por conta da folia.

“O carnaval é fundamental para a cidade, pois está no DNA do carioca e é um evento que atrai muitos turistas para o Rio”, afirmou o secretário municipal de Desenvol-

vimento Econômico, Inovação e Simplificação, Francisco Bulhões.

Somente no sambódromo, 45 mil pessoas trabalharão oficialmente na festa. Este ano, a prefeitura dedicou um incentivo recorde para as escolas de samba do grupo especial, de R\$ 2,1 milhões.

Veja abaixo as escolas de samba que desfilam hoje e amanhã no Rio de Janeiro

	19 de Fevereiro (Domingo)	20 de Fevereiro (Segunda)
22:00	Império Serrano	Tuiuti
23:15	Grande Rio	Portela
00:30	Mocidade	Vila Isabel
01:45	Unidos da Tijuca	Imperatriz
03:00	Salgueiro	Beija-Flor
04:15	Mangureira	Viradouro

Rosa de Ouro apresenta o enredo Kindala

Também em São Paulo, a Rosa de Ouro apresentará o enredo Kindala! Que o amanhã não seja só um ontem com um novo nome, com diferentes momentos históricos de protagonismo da população negra, principalmente na contemporaneidade.

“Resolvemos nos engajar nessa luta, sendo um aliado do povo negro”, diz o carnavalesco Paulo Menezes. “A gente passa pelos quilombos, pelas grandes revoltas, por revoltas que não são conhecidas também”, aponta. O desfile irá destacar a identidade negra de personalidades históricas que

passaram por um processo de embranquecimento quando retratadas, como Machado de Assis e Aleijadinho. “Resgatamos a verdadeira cor deles.

Menezes usa ainda a explicação que o termo “escola de samba” explicita o papel das agremiações na difusão do conhecimento. “Elas ensinam a pensar, levam a refletir. Vários assuntos se tornaram mais conhecidos após desfiles em escolas de samba. Vão influenciando, plantando uma semente das pessoas, e a gente espera que essas sementes germinem e deem bons frutos.

Rio de Janeiro

Outra das histórias pou-

co conhecidas que serão narradas em um sambódromo é a de Rosa Egípcia, primeira escritora negra do Brasil, chegada ao país em 1725 para ser escravizada e que se tornou uma santa popular em Minas Gerais. A ideia de retratá-la no carnaval deste ano foi do carnavalesco Tarcísio Zanon, da Viradouro, ao encontrar a biografia da autora em um sebo. “A Rosa é uma personagem desconhecida do grande público. Um dia encontrei esse livro (a biografia da autora, escrita pelo historiador Luiz Mott: Rosa Egípcia: uma Santa Africana no Brasil) e me encantei com o título. É uma personagem da história do Brasil

importantíssima, mas que não tinha essa invisibilidade”, conta o carnavalesco.

Para Zanon, além de dar protagonismo a uma história pouco conhecida, o desfile também fomentará discussões sobre a realidade atual e poderá inspirar o público. “Muitas mulheres, principalmente as pretas, vão se ver na Rosa”, diz.

A ideia é mostrar a continuidade do legado da autora na trajetória de intelectuais e artistas negras contemporâneas, como a escritora Helena Theodoro, que estarão em um carro alegórico. “São parte dessa roseira que não para de brotar, mesmo em solo árido”.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

A solidão é fera

Na Rua do Galo, fim de linha de um subúrbio quase agrário, mora um senhorzinho solitário de cabelos encanecidos, num trecho da área projetada onde sopra uma brisa a favor, daqueles bafejos vindos das serras distantes, trazendo odor de inverno próximo com soledade antiga e longínqua. O senhorzinho caminha lento pela estrada de barro vermelho, contando os passos incertos, pensando na morte da bezerra e na sua própria morte, de repente, sem aviso, caindo fulminado por um ataque cardíaco ou investida segura do acidente vascular cerebral. De tudo ele já escutava os sinais, como na cantiga de Alceu Valença. Dor no peito, falta de ar, suor frio. “Preciso falar a sós com você”, dialogou o velhinho com ele mesmo, fazendo chacota do seu desterro. Um cara com mais de setenta não pode viver só. Até pode, mas morrer só é que preocupava.

Há mais de duzentos quilômetros dali, na grande metrópole, uma senhora sentadinha na frente da TV assistia a missa e rezava uma súplica antiga, pedindo pra ver os filhos distantes apenas a 10 minutos de automóvel e ausentes há mais de uma semana. A senhora claudicava da perna e não conseguia manter a coluna ereta, o corpo marcado por feridas e infortúnios da vida. O olhar manso e conformado não escondia, no entanto, o espanto de ter concebido e educado os filhos e, no final da existência, não ter ninguém ao lado para escutar suas queixas naquela manhã domingueira de sol, e o cinzento da senilidade cobrindo seu interior. “Cada um com seu cada qual”, conforma-se a desgostosa senhora. Chora um pouco e tenta se levantar para esquentar o refogado de galinha. Lá pelas tantas, liga uma sobrinha benévola, verdade seja dita, a única parente solícita. Mesmo porque ela mesma, a sobrinha, também padece desse fenômeno social da incomunicação. A parente da senhora isolada sente-se acometida de uma percepção mínima, mas angustiante: “eu serei titia amanhã!”.

A morte é certa, mas a solidão deveria ser um mal desnecessário. “Isolamento social leva à solidão crônica e interfere na qualidade do sono, é causa de fadiga e reduz a sensação de prazer em atividades recreativas”, ensina o médico Drauzio Varella. Ele garante que o isolamento aumenta o risco de morte tanto quanto o cigarro e mais do que o sedentarismo ou a obesidade.

Há muitos anos viveu na minha rua uma senhorita de vida social intensa. Passou a existência brincando. A alegria natural de todo jovem elevada a uma dimensão inimaginável. Essa moça conhecia a arte de como enfrentar o tigre. A vivência entre os semelhantes, em torno deles, ou até dentro das pessoas, essa fera que às vezes nos acua de tal forma que a pessoa tem a sensação de estar sozinha apesar da vida social exorbitante. De repente, numa curva da floresta existencial, a onça abocanhava a moça e veio a depressão. Só, na multidão, a moça deu cabo da vida em uma terça-feira de carnaval, depois de beber um litro de vermute tinto com meio copo de veneno para rato.

Na Rua do Galo, o velho pensa que viver só é recomendável para os associados, mas não necessário. Isolado, entretanto, não se sente solitário. Apenas cansou de vestir a camisa do “eu sou mais eu”. Não é mais. Na verdade, é ele e suas mazelas, indisposições, mal-estares, disfunções e outras patologias da idade prolecta, como se diz. É a “melhor idade”. Na melhor das hipóteses, excelente período para fingir surdez e ouvir as pessoas falarem mal do aposentado que mija nas calças e esquece de tomar o remédio para próstata.

Na sua casinha, a sobrinha da velha senhora desacompanhada tenta dormir, perturbada pelo som alto do vizinho. Pensa em ligar para a polícia, mas lembra que vizinhos adoram apoquentar mulheres solitárias, aparentemente indefesas, e mesmo nesta terra uma cidadã que aponta uma transgressão é sempre olhada com cisma e pode acabar alvo de represália. Política da boa vizinhança nada! Tática de sobrevivência. Engole a afronta e o desrespeito. A boa cabrita não berra, apenas busca estímulo em um dos mais de 10 livros que já leu neste ano, assinado por Clarice Lispector: “Sim, minha força está na solidão. Não tenho medo nem de chuvas tempestivas nem das grandes ventanias soltas, pois eu também sou o escuro da noite”.

Deoclécio Moura Filho

Carta branca para cobrar do Estado

Governador Wilson Braga deu todo apoio à administração e determinou que secretarias pagassem A União

Luiz Carlos Sousa
lulajp@gmail.com

Deoclécio Moura Filho revelou ao então governador Wilson Braga, que o convidara para assumir a presidência de A União, que não era jornalista e esse fato poderia ser importante, uma vez que teria que lidar com a redação. Braga não aceitou o argumento e, não só nomeou Deoclécio, como deu carta branca para que executasse um trabalho de recuperação da empresa, inclusive só autorizando novos contratos com as secretarias de Estado que estivessem em dia com A União. Deu certo. A empresa foi recuperada, passou a pagar funcionários e fornecedores em dia e fechou contratos para imprimir cadernos. E o jornal passou a chegar a todas as cidades do estado com um detalhe: logo cedo, nas bancas e na casa dos assinantes.



Foto: Evandro Pereira

Deoclécio Moura fez questão de imprimir credibilidade em A União

A entrevista

■ Como começou sua história com A União?

Nunca na minha vida esperava que viesse dirigir A União. Um dia estava na fazenda, em Taperoá, quando chegou Luiz Augusto Crispim, que era o secretário de Comunicação de Wilson Braga. Me disse que tinha vindo com a missão de levar-me para conversar com Wilson, em Cambinho. Mas o que Wilson queria conversar comigo? E Crispim disse: “Vou adiantar o assunto. Ele quer que você vá ser diretor de A União”.

■ Qual sua formação profissional?

Sou advogado, como todo brasileiro. A indicação veio porque eu havia passado dois anos em Sapé, como interventor e tinha consertado a cidade. A intervenção tinha sido por causa de muita roubalheira. Fui convidado por Burity, a quem disse que não queria ir, porque eu era professor da Universidade, tinha que dar aula todo dia e era procurador do Estado. Tinha minhas obrigações e minha família morava em João Pessoa e eu não podia sair.

■ E não era jornalista?

Veio o convite de Wilson. Vim de Taperoá e cheguei em Cambinho consciente de que não iria ficar. Disse ao governador que não poderia aceitar o convite, primeiro porque não tinha formação para isso. O jornalista é um grupo delicado e teria que conquistar o grupo para organizar as coisas e funcionar. Mas ele disse: “Não, eu não estou querendo que você vá pra lá para ser jornalista não. Que que você vá consertar A União”.

■ A situação era difícil?

Vivia na bancarrota, praticamente. Devia a todo mundo, os funcionários não recebiam. Era um “aué”. Fiz umas exigências: eu preciso que a gente escolha essa diretoria e ter liberdade para duas coisas. Uma ter liberdade de levar para lá os melhores profissionais. E levei Martinho Moreira Franco, Nonato Guedes, que foi ser o editor. E a outra coisa é que vamos fazer um projeto de independência de A União.

■ Qual era a ideia?

A União precisa ter credibilidade. Ele pode escrever o que quiser, mas ninguém acredita porque é o jornal do Governo. Ele perguntou: “E qual é essa doidice sua?” A gente publicar tudo o que viesse, quem quiser esculhambar com o estado, o que quisesse, agora o secretário da área tinha que fornecer os elementos para que eu possa defender o Governo. Essa parte ele não cumpriu.

■ E a liberdade administrativa?

Essa ele deu. Eu disse: lá só quem manda sou eu. Quem contratar serviços com A União, Diário Oficial, seja o que danado for, paga. Quem não pagar, eu corto. Eu disse que ia fazer uma circular para todos os órgãos do Governo dizendo que A União só publicaria matéria de quem pagasse. E quem tivesse devendo, eu mandaria levantar os valores. Se não pagar, eu executo.

■ A conversa foi boa com os jornalistas?

Pedi a colaboração, disse que queria contar com a colaboração, porque não entendia. Nonato foi muito correto comigo, Gonzaga vinha aqui todo dia, Martinho, todo mundo trabalhava.

■ Esse era um grupo de jornalistas com quem você já tinha contato antes?

Gonzaga até hoje é meu amigo e está aí para contar essa história. E aí, passamos a fazer o trabalho. Não só o trabalho de publicidade do jornal, porque A União foi o primeiro a chegar a Cajazeiras. Antes do que todos os outros jornais. Mandava um carro levar.

■ E o horário industrial?

Tínhamos a obrigação de rodar o jornal até 11h da noite para dar tempo de o carro levar, passando por todas as sucursais. Depois disso começamos a recuperar a parte física. Saímos e fomos para onde é a Biblioteca Pública. Colocamos ar-

as condições. Inclusive as salariais, que estavam atrasadas.

■ Enfrentou algum problema político?

Eu fiquei até o dia, como disse a Wilson Braga: no dia em que vocês quiserem esculhambar o trabalho que fiz, vão quebrar com outro, não comigo.

■ E qual foi a reação dele?

Me perguntou como. Eu disse: olhe, primeiro, ninguém publica nada sem pagar. Aí começou uma reação muito grande de todo mundo, porque ninguém queria pagar. O cara tinha o dinheiro para pagar, pagava a todo mundo e não pagava A União. Comecei a criar problema: corta. Ao ponto que Oswaldo Trigueiro do Vale, que era o secretário de Administração na época se queixar.

■ E o governador?

Wilson Braga me chamou. E disse: “Oswaldo está aqui e disse que está tudo parado lá”, disse o governador ao que respondi: porque ele não está pagando. Disse ao governador: o senhor me deu, o que a gente chama de carta branca, para resolver. E ela (A União) não está indo, não está bem, não está vivendo dos recursos próprios dela? Agora, ou você cumpre o que assumiu comigo e ele manda pagar ou, se não pagar, não publica um edital. Aí ele disse: “Num disse Oswaldo que esse homem era doido. Vamos deixar como está”. E eu reiterei: ou é assim ou você coloca outro no meu lugar para ele fazer o que quiser e quebrar A União, de novo é um problema seu.

■ E olhe que você se dava bem com todos...

Graças a Deus. Eu tinha um relacionamento muito bom. Fiquei até a data em que se aproximou a eleição porque começava deputado trazendo fotografia para fazer isso e aquilo e eu: faço não. Não faço para ninguém e não quero fazer nada de política para não gerar um problema político para o Governo. Como de fato foi criado depois.

■ Do jeito que você entrou, você saiu?

Do mesmo jeito. Fui lá e disse: tome aqui a sua bodega, tome conta porque você vai ver o que vai acontecer. E aconteceu. Teve diretor que foi até preso por conta dessas coisas. Deixei e fui cuidar de minha vida. Aprendi muito.

■ E as alegrias?

Tive muitas. Por exemplo, fiz o Jornal da Terra, com a participação de José Nunes. E eu aprendi a fazer algumas coisas como essa revista de quando eu deixei a Prefeitura de Taperoá mostrando o antes e o depois. Aqui está tudo registrado e aprendi aqui em A União.

■ Além do jornal da Terra, que outras iniciativas você destacaria de sua gestão?

Mas sabe qual foi a maior alegria? Foi eu ter vindo para A União. Primeiro, aprendi muito. E o segundo, foi que a medida em que ia vendo A União se recuperando, era como se tivesse vendo uma criança nascendo. O setor de arte daqui era um dos melhores. A gente teve o prazer de emprestar bobinas de papel ao



“

Eu disse: lá só quem manda sou eu. Quem contratar serviços paga. Quem não pagar, eu corto

Deoclécio Moura Filho

condicionado, compramos equipamentos, fizemos contratos com as agências de notícias. A União começou a crescer e, por último, e começamos a investir no Distrito Industrial para A União se tornar muito forte.

■ O que foi feito?

Fizemos um planejamento. Fui olhar para a gráfica e compramos duas impressoras Heidelberg. Havia uma restrição muito grande, porque o próprio Governo não queria comprar em A União. Queria mandar fazer, mas pagar, nada. Mas conseguimos um contrato com a Educação e houve mês da gente entregar 20 mil cadernos nas escolas do Estado. Aí disparou, A União recuperou-se financeiramente e a gente nessa ida pra lá e pra cá foi melhorando

Correio da Paraíba. Emparamos por quê? Porque estávamos bem. E eles devolveram quando compraram. Assinavam um documento recebendo e depois devolviam.

■ E os recursos humanos?

A União sempre teve os melhores, quer no jornalismo quer na gráfica, com os melhores técnicos. Isso é uma unanimidade.

■ Além de ser uma escola...

Uma grande escola. E a gente teve aqui os melhores profissionais ensinando: Gonzaga Rodrigues, Martinho Moreira Franco, Nonato Guedes, Milton Nóbrega. Em tudo que acontecia eu via a criança crescendo.

■ Você construiu alguma amizade a partir d'A União?

Muitas. Veja Marcone. Trabalhou comigo em Sapé, quando fui interventor. Vi que ele tinha capacidade e trouxe para cá. Construí amizade com Milton Nóbrega e com o irmão dele, o ex-ministro da Economia Mailson da Nóbrega.

■ Como você conseguiu superar a dificuldade de nunca ter trabalhado com jornalismo e, de repente, se viu dirigindo A União?

A primeira coisa que qualquer pessoa que administra precisa ter é humildade. Sou uma pessoa humilde que aprendeu a trabalhar: filho de caminhoneiro e costureira. Quando fui procurador, só tinha fera. Sentei com eles e disse: estou como procurador-geral do Estado, nomeado por Burity, mas vamos administrar juntos. Todos aprendemos juntos. Então, o primeiro passo é conquistar a equipe. Foi o que fiz. Quando cheguei aqui a empresa estava desgobernada, na bancarrota. Chamei todos e disse: meu sucesso depende do sucesso de vocês. Disse que precisava valorizar os profissionais, pagar bem e pagar em dia. Vamos fazer isso. Todos vestiram a camisa.

■ Você implantou a cultura da empresa privada, eficiência e competição?

Exatamente. Sempre um produto melhor e sair na frente de todo mundo. Um dia cheguei e disse vamos fazer o Jornal da Terra. A Globo fez o Globo Rural e nós fizemos o nosso aqui. Outra vez fui convidado pela Ford. E o que era isso? Eles estavam vendo a importância que A União tinha.

■ Algum detalhe que você gostaria de acrescentar?

Eu estou feliz de estar aqui, de atender o convite. A gente não consegue agradar a todo mundo e são poucos os reconhecimentos, embora quando a gente faz um trabalho não é esperando recompensa, mas esperando que amanhã a História registre. E vocês estão fazendo essa história. E eu aprendi muito. Por exemplo, no Governo Maranhão, fui secretário do Controle da Despesa Pública. Por quê? Ele não me conhecia. Foi por causa do trabalho n'A União, do trabalho em Sapé.

■ O trabalho credenciou...

Digo muito sempre: duas coisas com as quais não posso ter ingratidão. A União e com o período que passei em Sapé.





Leonardo Lopes, Têca Cariry, Malu Vinagre, Marieme Vasconcelos, Morgana Macena, Janete Ismael, Gioconda Lucena e Vera Rosa são os aniversariantes da semana.



Duas notícias alvissareiras para a cidade de Cajazeiras: a primeira diz respeito à autorização do Dr. João Benedito, novo presidente do TJ/PB, para a construção do novo fórum; a segunda é a possibilidade de a Azul – Linhas Aéreas estabelecer uma linha convencional da empresa entre João Pessoa e Cajazeiras, conforme conversações já iniciadas pelo governador João Azevêdo.



O Bloco do Turista, que neste Carnaval teve Thereza Madalena, como Rainha, e Sales Dantas, no cargo de Rei, saiu na tarde de ontem, registrando sucesso total, de público e animação. Os melhores momentos serão divulgados na edição do próximo domingo.



O casal Alessandro Mesquita e Ana Paula Quérette estão exultantes com a chegada, muito em breve, da primeira filha do casal, a já amada e muito esperada Bianca, que vai nascer, ao que tudo indica, no dia 21 deste mês. Eles, que fixaram residência no Canadá, estão recebendo o apoio de carinho de Gracinha Braga Quérette, a mãe de Aninha, e sogra de Alessandro. E viva a felicidade!



A Diva Divina, loja dirigida pela empresária Atdiana Mattioli, promoveu evento carnavalesco para reunir amigas e festejar o ano da querida mineira, que lidera a marca. Adriana, uma pessoa do bem, está na foto com a nossa querida Nice Guedes.



Baratona, sim, é este o nome do bloco que tem o advogado Marcos Pires, na liderança, e que realizou a sua edição de 2023, reunindo grandes amigos no Terraço, barzinho localizado na orla do Cabo Branco, em João Pessoa. Na foto, Marcos Pires, conduz a esposa Leka, a bordo de uma cadeira de rodas.



O presidente da Câmara de Dirigentes lojistas de João Pessoa (CDL), Nivaldo Vilar, na foto com o empresário Roberto Bezerra Cavalcanti, liderou evento pelas comemorações dos 57 anos da entidade que abriga, dá suporte e protege o lojista da capital paraibana. Na ocasião, a CDL, por meio de sua diretora, homenageou, dentre outros, o saído ex-presidente, Lindemberg Vieira.

IMOBILIÁRIA

PARAÍBA PROPERTY

www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

CRECI 0362-J

ESPRESSO SÃO BRAZ EM CÁPSULAS. EXPERIMENTE.

*marca de terceiro não relacionada com a São Braz.

O Muriçoquinhas do Miramar, bloco carnavalesco liderado por nossa querida Eliane Holanda, desceu a Avenida Epitácio Pessoa, levando centenas de pequenos foliões. Em tempo: Eliane, uma carnavalesca da melhor qualidade, foi homenageada pelo Bloco do Turista, agremiação que saiu, com muito sucesso e arrastando centenas de foliões, pela orla de Tambaú.

Minha filha Luciana, com seu marido, Marcel, e os filhos, Helena e Gabriel, estão em viagem de férias na Itália. Na terra em que o nosso pintor Pedro Américo viveu seus últimos dias, ela registrou um imagem tradicional do Carnaval de Veneza: as famosas e emblemáticas bruxas.

O industrial da cidade de Souza, Francisco Buega Gadelha, foi reeleito presidente da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (Fiep), durante eleição que ocorreu na terça-feira (14), em Campina Grande. Ele, que disputava a vaga com o empresário Helder Campos, venceu com 14 votos contra 10 dados ao seu concorrente. Desta maneira, Buega Gadelha vai estar à frente da federação até 2027.

Fátima Lisboa, uma empresária expert quando o assunto são calçados de qualidade e belos, promoveu evento para mostrar as últimas tendências de sandálias e sapatos com o DNA Comfort. Claro que o evento, movido a muita alegria e músicas carnavalescas, reuniu a mulherada top de nosso Estado.

O Liv Maal, shopping localizado no Retão de Manaíra e que está se tornando um ponto de encontro para tardes badaladas, promoveu, na sua praça de alimentação, um Carnaval com "gostinho de antigamente", trazendo antigas marchinhas para as foliões brindarem o reinado de Momo. Tudo de bom!

Selic

Fixada em 1º de fevereiro de 2023

13,75%

Sálário mínimo

R\$ 1.302

Dólar \$ Comercial

-0,96%

R\$ 5,162

Euro € Comercial

-0,90%

R\$ 5,521

Libra £ Esterlina

-0,19%

R\$ 6,218

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Janeiro/2023 +0,53

Dezembro/2022 +0,62

Novembro/2022 +0,41

Outubro/2022 +0,59

Setembro/2022 -0,29

Ibovespa



PATRIMÔNIO

Planejamento adequado faz herança durar mais

Gestão de bens e valores mantém a rentabilidade de fortunas por gerações

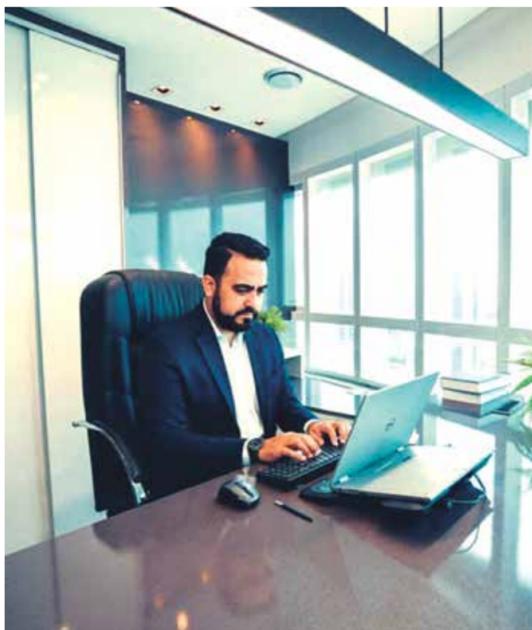
Thadeu Rodrigues
thadeu.rodrigues@gmail.com

Pai rico, filho nobre, neto pobre. A sucessão da situação econômica de uma família não precisa seguir esta máxima popular. A partir do planejamento, é possível construir e perpetuar o capital de pessoa física ou jurídica por gerações. É o caso de famílias que viviam de renda de aluguéis e trocaram a gestão dos bens pela facilidade dos dividendos dos investimentos no mercado financeiro. Outras escolheram criar *holdings* - empresas que controlam o patrimônio da família estritamente nas mãos dos membros.

A gestão patrimonial deve ser realizada por profissionais do mercado financeiro e, em casos de maior volume patrimonial, também por advogados especialistas, pois além das estratégias de investimento do capital, também devem ser traçadas estratégias jurídicas para proteger o legado econômico.

De acordo com o assessor de investimentos e sócio-fundador da Marco Zero Investimentos - escritório credenciado ao Banco Safra, Jedaías Nunes, o cuidado com os investimentos é essencial para quem ainda agrega aportes ao patrimônio, o que potenciali-

Foto: Arquivo pessoal



Orientação profissional é indispensável para gerenciar recursos

za seu crescimento e, mais ainda, para quem vive apenas dos rendimentos de um patrimônio herdado ou construído no passado, pois a inflação pode corroer o que foi construído.

“Buscar investimentos que tenham uma rentabilidade maior do que a inflação vai garantir que a fortuna continue com o mesmo poder de compra ao longo dos anos. A rentabilidade dos investimentos

é muito mutável, portanto, o papel do assessor de investimentos é apresentar a maior diversificação possível”, afirma Jedaías Nunes.

Em um contexto de juros altos - a Selic é de 13,75% a ano - ele recomenda compor a carteira de investimentos em renda fixa. O mesmo não é válido para uma Selic em baixa, com a renda fixa rendendo menos do que a inflação.

“

O que torna um patrimônio eterno é a responsabilidade com que todos os envolvidos lidam com ele

Jedaías Nunes

“É importante investir também em produtos multimercado, que mistura renda fixa e variável, em produtos de renda variável e em produtos internacionais. Parte do patrimônio pode render em dólar. Devemos considerar a bolsa de valores americana e os fundos de investimentos com ativos globais, compostos por bolsa europeia e chinesa, por exemplo”, explica.

Mercado financeiro é opção de investimento

Jedaías Nunes afirma que há muitos clientes que vivem de renda, inclusive são oriundos do mercado imobiliário. A mudança foi pela praticidade para obter rendimentos e o aumento de percentual de lucro. “Antigamente, a pessoa que vivia de renda tinha que comprar imóveis e alugar. Mas é um trabalho absurdo gerenciar uma grande quantidade de imóveis, considerando problemas com inquilinos e a necessidade de acionar a Justiça. Tenho clientes que

possuíam vários imóveis e aproveitaram a valorização imobiliária pós-pandemia de Covid-19 para migrar para o mercado financeiro”.

Ele destaca que a média de valor de aluguel no Brasil corresponde a 0,4% do valor do imóvel. No caso de imóveis de alto padrão, o índice é ainda menor. Mas no mercado financeiro, é possível obter rendimento médio de 1% ao mês, até mesmo sem incidência de Imposto de Renda (IR), como é o caso da Letra

de Crédito do Agronegócio (LCA) ou Letra de Crédito Imobiliário (LCI). Já os fundos de investimentos imobiliários proporcionam rendimento de até 1,5% ao mês, também com isenção do IR.

Segundo o assessor de investimentos, o custo do serviço de assessoria é gratuito ao cliente. “Os escritórios de investimentos recebem um percentual dos valores das taxas de administração que remuneram a corretora ou banco. Ou seja, caso você invista

no banco X diretamente sem assessoria, você irá pagar as mesmas taxas que alguém que investe através de um escritório”.

Conforme o assessor, cada escritório estipula o valor mínimo para entrada em sua assessoria. Com R\$ 100 mil já é possível montar uma carteira. Mas há escritórios que trabalham com piso de R\$ 500 mil. “O que torna um patrimônio eterno é a responsabilidade com que todos os envolvidos lidam com ele”, destaca.

Gasto responsável protege bens e herdeiros

Para controlar o patrimônio familiar com mais rigor e conseguir benefícios, uma opção recorrente é a criação de uma *holding* familiar ou patrimonial, recomenda o professor de Direito Empresarial da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e sócio do escritório CMRV Advogados, Caio Marques.

Conforme o advogado, a *holding* protege o patrimônio dos proprietários dos bens frente aos riscos da atividade empresarial, como demandas trabalhistas, tributárias ou consumeristas, ao distanciar o patrimônio pessoal dos

sócios. Além disso, centraliza todo o patrimônio, possibilitando maior controle administrativo.

Quando ao planejamento sucessório, facilita a transmissão de uma geração para outra. “A transmissão é da cota empresarial. Se feita em vida, pode reduzir riscos de disputa entre herdeiros e dispensa inventário, procedimento que pode gerar conflitos e demorar anos para finalização”, acrescenta o advogado.

Outra questão importante é a alíquota de bens (ITCMD), limitado em 8%, enquanto que em outros países, chega a 40%. “A doação das cotas pode ser escalonada”, destaca. O doador do patrimônio, pode doá-lo e protegê-lo enquanto estiver vivo, ao transferir a cota da empresa com cláusula de usufruto, isto é, seu herdeiro tem a titularidade, mas quem comanda e recebe o lucro é o doador. Também é possível inserir na doação a cláusula de inalienabilidade, impedindo a venda do patrimônio, de impenhorabilidade, e de incomunicabilidade, em relação ao cônjuge”.

Ainda há vantagens no viés tributário para quem tem patrimônio imobiliário. A tributação do IR para pessoa física é de 27,5% sobre o patrimônio. Mas quem aluga por meio de uma *holding*, a tributação de aluguel é de 11,33%, indica Caio Marques. O advogado chama atenção para a possibilidade do pagamento do Imposto sobre Transmissão de Bens Imóveis (ITBI) no momento da transferência dos bens para a *holding*. “O entendimento no Judiciário paraibano é de necessidade do pagamento do ITBI”, adverte.

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaoboscoferraz@gmail.com | Colaborador

O novo mínimo salário

O Governo Federal confirmou na última quinta-feira (16) que irá reajustar o salário mínimo dos atuais R\$ 1.302 para R\$ 1.320, medida que valerá a partir de 1º de maio próximo. Isso só confirma que o governo estava numa situação complicada para dar um valor superior, em que pese ter sido um dos pontos mais debatidos durante o processo eleitoral.

Outra polêmica era o ajuste na tabela do Imposto de Renda, onde os principais candidatos, incluindo o próprio presidente, iriam livrar o bolso do trabalhador. Lula chegou a prometer que isentaria aqueles que ganhassem até cinco salários mínimos, ou seja, um pouco mais do que R\$ 6 mil. Todavia, alegando problemas fiscais, a tabela de isentos a ser aplicada será até R\$ 2.640,00 (equivalente a dois salários mínimos), frustrando expectativas de muitas categorias de trabalhadores, em especial, o próprio servidor público e bancários, maior contingente de assalariados na faixa de média de quatro a cinco salários mínimos.

O governo quer ainda criar um mecanismo de ajuste automático daqui para frente, que seria estabelecer por lei como se daria a reposição inflacionária e um ganho atrelado ao crescimento do PIB. Isso nos preocupa, já que poderá criar um fosso enorme entre os salários ajustados na faixa do mínimo e as demais faixas. E se o PIB não corresponder as expectativas das metas estabelecidas, criará uma pressão aos trabalhadores e críticas de que o governo não está cumprindo o seu papel de trabalhar pelo crescimento do país (assunto que nunca foi preocupação das pessoas que estavam situados nessa faixa de renda).

O impacto fiscal, a se confirmar o novo ajuste que o governo anunciou hoje na faixa de isenção e que passará a valer a partir de maio de 2023, é de cerca de R\$ 10 bilhões.

Esse debate durante o processo eleitoral não foi escancarado. Pouco se falou das consequências fiscais e das consequências para as empresas, estados e prefeituras se o aumento do salário mínimo ocorresse em níveis maiores. E se isentar dois salários mínimos provocará um desajuste nas contas do governo em 10 bilhões de reais, imaginem se o governo realmente elevasse esse nível de isenção até os cinco salários mínimos que estavam sendo postos naquela ocasião?

O que queremos trazer à tona, não é discordar das medidas atuais do governo, de adotar a cautela, mas da irresponsabilidade com que assuntos como esse viram palco de discussões durante a campanha eleitoral, e agora tentam explicar o que não podiam explicar antes. Vale salientar que o valor do salário mínimo passou para R\$ 1.302,00 ainda no governo anterior, via medida provisória assinada pelo então presidente Jair Bolsonaro (PL), cuja eficácia valeria a partir de janeiro de 2023, o que não se concretizou.

A proposta implicaria numa alta de quase 7,4% ante o salário de 2022, quando a inflação estava projetada em 5,8%, resultaria num ajuste real estimado em 1,5% acima da inflação.

A situação mudou após a aprovação da chamada PEC de Transição negociada no Congresso, que autorizou recursos fora do teto de gastos e possibilitou o aumento maior do mínimo, uma promessa de campanha do governo eleito de Lula. Mas diante dos temores fiscais, o salário de R\$ 1.320 passará a valer apenas em maio, o que projeta uma alta em relação a 2022 de 8,9%, com reajuste real em torno de 2,7% acima da inflação prevista.

Bom, está, mas frustrou grande parte dos trabalhadores de outras faixas, que com ganhos menores nos seus ajustes, viam uma esperança na adequação da tabela do Imposto de Renda como forma de ter ganhos reais semelhantes.

DONAS E INFLUENCIADORAS

Mulheres divulgam próprias marcas

Ao fazerem a publicidade dos produtos, empreendedoras têm mais engajamento e ganham a confiança de clientes

Ludimila Honorato
Agência Estado

“Você é a melhor pessoa para falar do seu negócio”, diz a empreendedora Aline Djanikian, CEO, social media e influenciadora da própria empresa, a joalheria Macchi. Ao falar nas redes sociais sobre o produto que conhece com autoridade e dar cara ao negócio, ela vê a conexão com o público aumentar, o engajamento crescer e as vendas incrementarem.

A tática de ser o influenciador da própria marca é, por vezes, uma necessidade, pois 90% dos pequenos empreendedores não têm funcionários. Além disso, nem todos podem investir na contratação de uma personalidade ou agência de conteúdo. Mas, em outros casos, é uma escolha estratégica, porque rende melhores resultados.

“Quanto mais humano e real, maior é o engajamento”, comenta José Cirilo, diretor de marketing da Mynd. Como exemplo, ele cita o lançamento que a agência de marketing fez de perfumes com a marca Luísa Sonza e Xamã.

Por mais que eles já sejam famosos, o fato de os cantores falarem sobre um produto próprio desperta mais interesse no público do que quando falam de outras marcas. Cirilo reforça que, para a estratégia funcionar, é importante ter conexão entre o artigo anunciado e quem apresenta o conteúdo.

Aline opta por fazer tudo hoje em dia porque já teve uma experiência oposta. Em 2018, ela teve uma marca de camisetas, que encanou mais como *hobby*, e contratou uma agência para gerir e criar conteúdos nas redes sociais.

“Quando eu via minha marca no Instagram, não gostava do conteúdo. Era bonito, mas não tinha a minha essência”, lembra. “Quando lancei a Macchi, sabia que não poderia delegar algo que iria transparecer os pilares por trás da marca.”

A empreendedora Stéfani Paranhos viveu algo semelhante com a marca Vibre, Mulher!, de produtos eróticos. Desde o início da empresa, ela produz conteúdos e aparece em vídeos e fotos nas redes sociais. Mas, quando teve de se afastar por três meses para se dedicar a um programa de aceleração de empresas, viu as estatísticas declinarem.

“Estava com três mil visualizações nos *stories*, depois foi para 200. Quando voltei, bateu dois mil”, conta. Ela diz que já contratou influenciador e uma agência para cuidar das publicações, mas nada surtiu tanto efeito quanto se mostrar e conversar com os seguidores. “Faz diferença nas vendas, porque as pessoas não compram de empresas, elas compram de outras pessoas.”

“

A vantagem de eu mesma aparecer provando e usando os produtos é que isso gera uma conexão maior com as clientes

Ingrid Bandeira



Foto: Freepik

Estratégia de atuar como ‘influencer’ dos próprios produtos valoriza a relação de consumo ao tornar o conteúdo publicitário mais real e personalizado

Conte uma história

Stéfani percebe que relatos pessoais dela, que se conectam com a marca, dão mais engajamento do que os posts mais formais. Aline concorda e vê que os conteúdos “vida real” se sobressaem, principalmente no TikTok. “Eu estar ali mostrando o produto, o dia a dia, traz camada humana para a marca e gera conexão com nossa comunidade”, diz.

Cirilo atesta que quando o público vê o influenciador usando o produto, inserido naturalmente na rotina, as chances de aderência são maiores. No caso do perfume de Luísa e Xamã, o item está associado a eventos, shows e boa performance dos artistas, projetando no consumidor o desejo de ter o mesmo sentimento desses momentos.

“Não é sobre lançar um produto, é sobre saber contar uma história, colocar o produto na rotina e ter engrenagens para comunicar”, diz o executivo, destacando que tudo demanda planejamento estratégico.

Aline exemplifica que quando fala de uma aliança, logo a equipe nota aumento de pedidos da peça no site. “Tem impacto grande por conta do algoritmo e do TikTok, que tende a mostrar mais rápido o que você gosta e se interessa.” Segundo ela, a maior par-

te dos acessos na loja on-line vem da rede social.

No caso da Vibre, Mulher!, os produtos estão diretamente ligados à vida da fundadora. “Sempre fui curiosa sobre sexualidade, mas nunca tinha me permitido”, conta Stéfani. Quando decidiu investir no autoconhecimento, ela descobriu os vibradores, começou a testar, indicar para as amigas e

compartilhar experiências de empoderamento no Instagram.

Em pouco tempo, ela estava vendendo os produtos. Na dinâmica de publicações, a empreendedora atrai o público explicando como usar os objetos, os benefícios e variedades. “É engajamento com qualidade”, diz.

Mas Stéfani destaca outra face de ser influenciadora da própria mar-

ca: não poder se distanciar das redes sociais no momento. Do contrário, os números podem cair novamente. “Querida fazer transição para cuidar do negócio, da estratégia, mas não dá para tirar minha imagem hoje, infelizmente”, comenta. Além disso, ela fala que lidar constantemente com redes sociais, se expondo, têm impacto na saúde mental, o que ela quer minimizar.

Como ser Influenciador da Própria Marca

Se você quer perder a timidez ou o medo de aparecer nas redes sociais e deseja ser o influenciador do próprio negócio, confira as dicas do especialista e das empreendedoras:

- Faça uma boa gestão das redes sociais, com planejamento estratégico de publicações;
- Fale a língua da marca e do público, crie uma identidade;
- Feito é melhor que perfeito, então não deixe de publicar. “É melhor ter o empreendedor falado um pouco da marca, sobre ele e o propósito do que não aparecer com receio de não ficar bom”, diz Aline.
- Prefira ter constância a ser impecável, ou seja, mantenha uma frequência de publicações nas redes sociais, mesmo que seja algo simples;
- A melhora vem com o tempo, então treine gravar e editar os conteúdos;
- O público está interessado em se conectar com pessoas, então, se possível, conte curiosidades sobre sua jornada empreendedora, o que te motiva;
- Nem sempre você precisa apostar na trend do momento e fazer dancinha. Invista em conteúdo de qualidade, fale sobre o produto que só você conhece;
- Foque na qualidade do público, não na quantidade. “Às vezes, com menos, consegue fazer mais, porque são poucos seguidores em que todos engajam muito”, relata Stéfani;
- Separe um tempo para ficar nas redes sociais e fora dela, pois cuidar da saúde mental é necessário.

Interação maior reflete nas vendas

Da Redação

No final de 2021, a paraibana Ingrid Bandeira resolveu empreender no mercado de acessórios, vendendo bolsas e calçados por meio das redes sociais. O negócio vem dando certo e a empreendedora avalia que o motivo disso é que ela mesma procura vender os produtos.

“A vantagem de eu mesma aparecer nos *stories* provando e usando os produtos é que isso gera uma conexão maior com as clientes. Elas acabam confiando mais por eu mesma ser a dona e mostrá-las. Isso é importante para elas”, diz a proprietária da marca Ingrid Bandeira Shoes.

A ideia da loja veio em um momento em que Ingrid estava pre-

cisando muito. Desempregada, ela estava em busca de uma oportunidade para trabalhar e foi em conversa com uma prima que surgiu a ideia de vender bolsas e calçados. O dinheiro para começar o negócio foi emprestado pelo namorado, mas, agora, a empreendedora já caminha por conta própria.

Resultados positivos

O motivo do resultado positivo está no fato de que ela mesma assume o papel de interagir com as clientes, algo que não seria possível com uma profissio-

nal contratada, por exemplo. “A influencer contratada ajuda porque alcança o público dela, de outras áreas que a loja não alcança, mas eu mesma mostrar meus produtos faz com que eu possa estar mais próxima das clientes e tirar as dúvidas que elas possam ter”.

Ingrid Bandeira começou a jornada empreendedora com alguns seguidores nas redes sociais e, em poucos meses, cativou uma clientela fiel



Foto: Arquivo pessoal

NA PARAÍBA

Compromisso com o desenvolvimento

Cláudio Furtado, titular da nova pasta de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, revela planos para 2023

Márcia Dementshuk e
Renato Félix
Assessoria SECT

Nem o *lockdown* submetido pelo estado de pandemia por causa da Covid-19 entre os anos 2020 e 2021 impediu o Estado da Paraíba de integrar projetos científicos de reputação internacional. Aliás, as condições impostas pelo confinamento alavancaram uma série de políticas públicas voltadas para ampliar o uso de ferramentas digitais a fim de viabilizar a continuidade dos estudos de cerca de 250 mil estudantes da rede pública.

Os projetos procedentes da então Secretaria da Educação e da Ciência e Tecnologia, ou apoiados pelo Governo da Paraíba, aceleraram o estado na trajetória do desenvolvimento tecnológico, o que culminou na instituição de uma pasta do Poder Executivo para tratar exclusivamente de temas referentes à ciência, tecnologia, inovação e ensino superior.

Não só na área da educação, mas em segurança pública, saúde, turismo,

energias renováveis, empreendedorismo de base tecnológica, entre outras, os paraibanos se depararam com inovações que nasceram da pesquisa científica. A ciência é transversal. Com investimentos de cerca de R\$ 200 milhões nos últimos quatro anos em bolsas de fomento à pesquisa, melhorias estruturantes em laboratórios, apoio a projetos de pesquisa como o radiotelescópio Bingo, uma colaboração científica internacional, para citar alguns, o Governo do Estado ratifica a determinação em fortalecer o desenvolvimento tecnológico.

Nesse período o Governo do Estado trabalhou também para institucionalizar instrumentos legais que propiciam a execução de ações voltadas para tecnologias inovadoras. Dentre eles estão Marco Legal da Ciência, Tecnologia e Inovação da Paraíba (Lei Estadual 12.191/2022) e a atualização do texto da Constituição Estadual em itens que se referem à ciência e tecnologia. Os dispositivos promovem a modernização das estruturas formais e legais de gover-

Ações
Governo do Estado trabalhou para institucionalizar instrumentos legais que propiciam a execução de ações voltadas para tecnologias inovadoras

nança do ambiente de desenvolvimento da ciência na Paraíba, de maneira a possibilitar a estrutura de políticas públicas.

À frente da nova Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (SECTIES) está o físico Claudio Furtado, um homem que está entre os 2% dos cientistas mais influentes do mundo, segundo ranking da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, em parceria com a Editora holandesa Elsevier BV. Esse levan-



Parque Horizontes de Inovação é o novo espaço que será entregue aos paraibanos com modernas instalações

tamento avalia o impacto e a relevância dos pesquisadores e dos trabalhos científicos.

Na gestão pública, Furtado também revela experiência. Foi presidente da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq-PB) entre 2011 e 2018. Em 2019, assumiu a Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia da Paraíba e obteve reconhecimento nacional implementando políticas públicas educacionais com base tecnológica promovendo o

ensino remoto para enfrentamento ao *lockdown*. A Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) concedeu a ele a Medalha de Mérito Universitário, um reconhecimento às pessoas com experiência acadêmica que se dedicaram à educação com ações de excelência. E a Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) lhe designou a medalha Epitácio Pessoa, uma das principais honrarias do Estado da Paraíba.

Claudio Furtado esclarece nesta entrevista tópicos acerca da nova Secretaria.

■ Condições impostas pelo confinamento alavancaram uma série de políticas públicas voltadas para ampliar o uso de ferramentas digitais

A entrevista

■ A UNIÃO – Como o senhor avalia a importância que o tema ciência, tecnologia e inovação ganhou nesse governo, culminado por ser alçada agora a uma secretaria própria?

Cláudio Furtado – O governador João Azevedo deu uma importância muito forte ao tema no seu primeiro mandato investindo cerca de R\$ 200 milhões em ciência e tecnologia nos mais diferentes setores. Seja em programas de bolsas de mestrado, doutorado e pós-doutorado, apoio a projetos de pesquisa, entrada da Paraíba no rol das grandes colaborações – ou seja: apoio ao projeto Bingo –, apoio a centros multiusuários, a INCTs. Tudo isso está sendo coroado agora, no segundo governo, quando o governador decide criar uma pasta para a ciência, tecnologia e inovação e ensino superior, uma área transversal e de grande importância para o desenvolvimento no estado.

■ O gerenciamento dos programas Ouse Criar e Celso Furtado, que eram conduzidos no âmbito da Executiva de Ciência e Tecnologia, serão operados pela SECTIES ou permanecerão na Educação?

O Ouse Criar e o Celso Furtado foram programas criados justamente na Ciência e Tecnologia para atender demandas dentro da Rede Estadual de Ensino. Então são programas que irão para a SECTIES e serão feitas em parceria com a Educação. Ou seja: olhando para o aluno, mas é um programa da Secretaria da Ciência, Tecnologia e Inovação e Ensino Superior. O Ouse Criar, para desenvolver a inovação, a criação de startups, e o Celso Furtado com o desenvolvimento regional e os ODS.

■ Em 2022, foram mais de 190 milhões de investimentos diversos volta-

“

Vamos planejar as ações para 2023 – com bolsas, com programas mais focados em áreas estratégicas

Cláudio Furtado

dos para a C,T & I. Qual a projeção para esse ano?

Em 2022, foram mais de 190 milhões investidos em diversas áreas e a intenção do Governo é que a gente mantenha esse investimento. Ou seja: vamos planejar as ações para 2023 – com bolsas, com programas mais focados em áreas estratégicas para o desenvolvimento do estado – mas a ideia é manter esse fluxo de investimentos porque, com isso, você agrega valor a produtos, atrai empresas e atua em uma função muito forte que é o investimento no Parque Horizontes de Inovação e os polos de inovação por todo o estado.

■ Como vai operar o fundo ParaíbaInova?

O fundo ParaíbaInova foi criado pelo Marco Estadual de Ciência e Tecnologia para ser operado pela secretaria. A gente espera, a partir de março, instalar o Conselho Estadual de Ciência e Tecnologia e o

fundo pode receber tanto do Tesouro quanto de investidores privados que queiram investir em ciência e tecnologia, de diversas fontes, doações de fundações filantrópicas internacionais destinadas à pesquisa, tudo isso você pode construir essa carteira para financiar projetos nas mais diversas áreas.

Em quais áreas a SECTIES dará prioridade para dinamizar o desenvolvimento tecnológico?

Áreas prioritárias são os pilares do desenvolvimento do estado. O estado tem um plano de governo, tem seu planejamento estratégico, então essas áreas de investimento em ciência e tecnologia têm que ser casadas tanto com o desenvolvimento do estado para que a gente possa potencializar as áreas de energias renováveis, turismo, saúde, TICs, e também nas áreas de ciência básica. Você tem que investir recursos em todos os níveis em ciência. Mas pensar também em vetores de desenvolvimento baseado nas escolhas do nosso governador, no projeto do nosso governador, no plano de governo.

■ Quais as metas da SECTIES para este ano ainda?

Investimento nas áreas de TICs, na área de saúde, e também na montagem do Parque Horizontes de Inovação. Essa é a grande meta. O prédio do antigo Colégio Nossa Senhora das Neves está em reforma. A gente quer implantar esse parque e, junto com outras ações que o governo tem feito, revitalizar e requalificar a área, levando tecnologia, implantação de startups. Então um dos polos fundamentais é esse e a atração de um grande centro de computação de alto desempenho para o estado da Paraíba.

■ Claudio Furtado está entre os 2% dos cientistas mais influentes do mundo, segundo ranking da Universidade de Stanford, nos EUA



Secretário de Estado da Ciência e Tecnologia, Claudio Furtado



Alunos durante a última Expotec realizada em JP

■ Para o secretário, é preciso investir recursos em todos os níveis em ciência

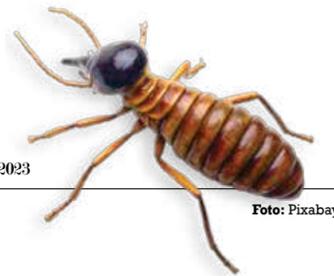


Foto: Pixabay

CONTRIBUIÇÃO

Cupins são “engenheiros da terra”

Das 3.170 espécies existentes no mundo, até 10% é considerado praga. Animal tem sido utilizado em pesquisas

Juliana Cavaleanti
julianacavaleanti@epc.pb.gov.br

Termitologia é a área da ciência dedicada ao estudo dos cupins. Esse nome é derivado do latim “termes”, que significa “verme que rói a madeira” (daí os termos “térmita” e “térmita”, também aplicados para designar o cupim cuja designação vem do tupi). Os cupins são insetos eusociais, pois vivem em colônias organizadas e apresentam divisão de trabalho entre os indivíduos (funções, cuidados à prole e sobreposição de gerações). O corpo deles possui características específicas para desenvolver suas funções.

Nas colônias, além da divisão de trabalho, ocorre cooperação e cuidado com os juvenis, e várias gerações vivendo juntas. De acordo com o doutor em ciências biológicas e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Alexandre Vasconcellos, os térmitas são organismos abundantes e importantes na dinâmica dos processos ecológicos relacionados ao fluxo de energia e à ciclagem de nutrientes.

Neste sentido, os cupins são conhecidos como “baratas sociais”, já que possuem organização social e tendem a viver em grupos com divisão de trabalho entre seus membros e morfologias diferentes, conforme as suas castas: a rainha (com tamanho maior e reprodutora), o rei (reprodutor), e indivíduos estéreis (operários e soldados), além das ninfas.

Esses insetos sociais estão presentes principalmente nas regiões tropicais e subtropicais. No mundo, existem cerca de 3.170 espécies de cupins, sendo aproximadamente 350 espécies no Brasil (número que pode ser alterado com a atualização dos estudos).

A UFPB possui a maior coleção de cupins do Norte-Nordeste e a terceira maior do Brasil, segundo levantamento realizado por pesquisadores da área de Termitologia do país. Ela está presente no Laboratório de Termitologia da UFPB (LabTermes), espaço coordenado pelo professor Alexandre Vasconcellos, e que faz parte do Departamento de Sistemática e Ecologia, no Centro de Ciências Exatas e da Natureza (CCEN), localizado no Campus I da instituição de ensino, em João Pessoa.

No LabTermes são desenvolvidas pesquisas com a biologia, ecologia, taxonomia, importância como pragas urbanas e na agricultura, além da biogeografia dos térmitas neotropicais. “Além disso, também são desenvolvidos estudos ligados à ecologia de solos e da decomposição de necromassa vegetal da Caatinga e Floresta Atlântica. A coleção dá suporte a essas pesquisas tanto como fonte de buscas dos espécimes, bem como abrigo para lotes provenientes de expedições de campo interligadas a tais pesquisas”, descreveu o coordenador do Laboratório de Termitologia.

A coleção de Isoptera (subordem que engloba os cupins), vinculada ao LabTermes da UFPB possui mais de 13.000 lotes depositados, com cerca de 200 espécies identificadas e representantes de uma abrangente área de cobertura geográfica brasileira, que contemplam os domínios: Floresta Atlântica, Caatinga, Brejo de Altitude, Floresta Amazônica e Cerrado. “Uma Coleção quando mantida de maneira adequada pode durar centenas de anos, perpetuando a história da biodiversidade, e são ricas fontes de informação para diversos campos da ciência”, declarou Alexandre Vasconcellos.

A coleção de Isoptera da instituição foi fundada em 1993 pelo professor Dr. Ademar Gomes Bandeira e está subordinada ao Laboratório de Termitologia do Departamento de Sistemática e Ecologia do CCEN. O acervo do LabTermes está alocado em uma sala climatizada, escura e fechada. As amostras são mantidas em frascos pequenos, abrigados em potes maiores, ambos embebidos em álcool 80% e acondicionados em armários de aço.

Estudos desmistificam nocividade dos insetos

Conforme o pesquisador Alexandre Vasconcellos, grande parte das amostras incorporadas ao acervo do LabTermes foi proveniente de expedições de campo, geralmente, relacionadas a projetos de doutorado e mestrado, além de diversos projetos aprovados frente às instituições de fomento à pesquisa. “Logo após a coleta em ninhos, serapilheira (vegetação rasteira), solo, troncos caídos, dentre outros, os cupins são coletados com pinças e acondicionados em frascos pequenos de vidro e abrigados dentro de potes maiores, ambos embebidos em álcool 80% e acondicionados em armários de aço”.

Os principais estudos do laboratório são vinculados à biologia, ecologia, taxonomia e biogeografia dos térmitas neotropicais. Muitos desses estudos visam descobrir quais os fatores que influenciam a diversidade e distribuição dos cupins em várias áreas do Brasil. Outros, por sua vez, buscam entender quais são os impactos positivos que as atividades



Foto: Divulgação/ LabTermes da UFPB

Cupins são fontes para estudos

Achado

LabTermes identificou cerca de 50 espécies de inseto em João Pessoa. Desse total, 11 foram identificadas no meio urbano da capital

dos cupins têm nas florestas e nas regiões semiáridas, como a Floresta Atlântica e Caatinga.

“Também investigamos os aspectos praga das espécies, tanto no meio urbano quanto na agricultura, salientando que apenas 3% das 3.100 espécies de cupins existentes no mundo podem ser consideradas como pragas, sendo o restante extremamente benéficas para os ecossistemas, aumentando a fertilidade e retenção de água pelos solos”, aponta.

No laboratório, estão alunos

da graduação (bacharelado e licenciatura) de ciências biológicas, engenharia ambiental e turismo, bem como discentes de mestrado e doutorado do Programa de Pós-Graduação de Ciências Biológicas. “Estes são os principais envolvidos em grande parte dessas pesquisas, o que fomenta o acervo da coleção. Atualmente, o LabTermes possui sete alunos da graduação, três mestrandos e quatro doutorandos”, descreveu o coordenador.

Ao longo de sua história, o espaço já formou mais de 15 doutores e 20 mestres que estão distribuídos pelas instituições de ensino (municipal, estadual e federal) e pesquisa do Brasil, especialmente na região Nordeste. O setor pode ser visitado pelo público com prévia comunicação. “Estamos organizando, em parceria com a Casa da Ciência da UFPB, um formulário que será disponibilizado nas Redes Sociais para realização dos agendamentos das escolas, instituições, professores, alunos, etc”, informou o professor.

Foto: Reprodução

Espécies são reconhecidas por relevância biológica

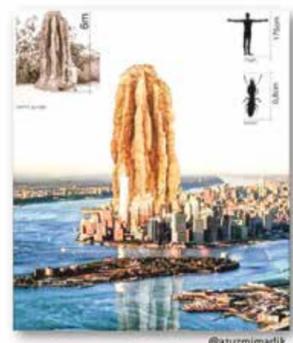
Entre os insetos sociais, os himenópteros (vespas, abelhas, formigas) e os cupins são linhagens com maior número de espécies e grande relevância biológica. Conforme o professor Alexandre Vasconcellos, os cupins exercem uma considerável influência na fertilidade dos solos das florestas tropicais, agindo principalmente nos processos de decomposição da matéria orgânica vegetal.

“Por exemplo, quando uma árvore cai, ocorre naturalmente um processo de decomposição que pode ser dividido em duas etapas: a fragmentação mecânica, realizada principalmente por cupins e besouros xilófagos (que se alimentam de madeira) e a mineralização química, realizada por fungos e bactérias, que tor-

nam os nutrientes presentes na árvore caída disponíveis para serem reabsorvidos pelas plantas”, detalhou.

Assim, a ausência da fragmentação mecânica alteraria toda a dinâmica da decomposição da matéria orgânica vegetal, dificultando a ação dos fungos e das bactérias, retardando, assim, a liberação dos nutrientes para o meio. Portanto, sem os cupins, uma árvore caída poderia ficar anos sobre o solo de uma floresta, retraindo os nutrientes presentes nela.

Alexandre Vasconcellos ressalta que a intensa atividade dos cupins nas florestas altera a estrutura dos solos. Com isso, o comportamento de construir ninhos e de forrageamento (busca por alimento) destes insetos, transfere



Arquitetos: Humanos X Cupins

Há ninhos de até 8 metros! Equivaleria a um prédio com mais de 700 andares, com 2,4 km de altura, seis vezes mais alto que os extintos prédios do World Trade Center (USA), aproximadamente.

Registro do uso de animais como fonte de alimento

Segundo o representante do Laboratório de Termitologia, os seres humanos utilizam, pelo menos, 45 espécies de cupins em sua dieta ou como ração para o gado, e outras nove espécies como recurso terapêutico no tratamento de doenças. Esses usos foram registrados para 29 países de três continentes (principalmente na África), demonstrando o potencial dos cupins como fonte de proteína e recursos para a produção de novos medicamentos.

Além disso, o valor proteico dos cupins oscila entre 33% e 39% (peso seco) e é superior ao encontrado no peito de frango (32%), na costela suína (30%), alcatra (31%) e a pescada branca (27%). “Existem 50 milhões de toneladas de cupins no mundo (massa seca), valor 5,5 vezes maior do que todos os vertebrados terrestres selvagens juntos (mamíferos, aves, cobras, lagartos, etc). É quase igual a biomassa de seres humanos na terra”, acrescentou o estudioso.

Apenas três espécies são consideradas danosas na PB, diz pesquisador da UFPB

Nos séculos passados, os cupins eram vistos como pragas na agricultura e no meio urbano, pois algumas espécies “atacam” culturas agrícolas, objetos à base de madeira ou celulose (móveis e livros, exemplo), além de edificações históricas ou recentes.

Segundo o doutor Alexandre Vasconcellos, de 4% a 10% das 3.170 espécies de cupins no mundo são tratadas como pragas. “Na Paraíba, apenas três espécies podem ser consideradas pragas efetivas, duas no meio urbano e uma na agricultura, entre as 85 existentes. Os cupins são tratados de forma generalizada como insetos nocivos e sem utilidade, o que é um grande equívoco”, analisou.

Em João Pessoa, o LabTermes detectou cerca de 50 espécies, sendo 11 delas no meio urbano, incluindo imóveis residenciais, comerciais e históricos. “Se levar em consideração apenas a presença dessas espécies no meio urbano, 22% delas já seriam pragas. Inspeccionamos 195 imóveis na cidade e destes, 85% tinham cupins. Duas espécies (4%) têm uma frequência alta nos imóveis e são responsáveis por uma taxa de prejuízo de 94% por isso são reconhecidas como pragas”.

Para confirmar que determinada espécie de cupim é uma praga, os pesquisadores levam em conta critérios como o valor do imóvel destruído ou o valor para repor o material, bem como o custo da recuperação, restauração de imóveis históricos ou para a descupinização do ambiente.

“Engenheiros da terra”

Cupins e formigas são os invertebrados com maior abundância e biomassa nos ecossistemas terrestres. Na Caatinga, eles correspondem a mais de 75% da abundância de macroartópodes do solo, chegando a 947 indivíduos por metro quadrado. Alexandre lembra que os cupins são um dos grupos-chave para o funcionamento dos ecossistemas tropicais e são considerados os maiores engenheiros da terra, pois existem ninhos de cupins de até oito metros, o que equivaleria a um prédio com mais de 700 andares e 2,4 km de altura, seis vezes mais alto que os extintos prédios do World Trade Center (USA). “Esses animais são engenheiros de ecossistemas e também podem atuar na decomposição de animais, incluindo os seres humanos”, finalizou.

AUTO ESPORTE

Correndo contra o rebaixamento

Alvirrubro terá ainda três jogos para evitar a sua quarta queda no Estadual da primeira divisão

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

A permanência do Auto Esporte na elite do futebol paraibano em 2023 parece ter os dias contados. Na atual disputa do Campeonato Paraibano o clube ocupa a lanterna da competição e a cada rodada vê a sua situação se complicar. Restando três partidas para o fim de sua participação na 1ª fase, o alvirrubro vai correr em busca de somar pontos para evitar o seu quarto rebaixamento no torneio estadual.

O projeto traçado pela diretoria do clube para a disputa do Campeonato Paraibano era bem claro, a princípio seria lutar pela permanência na primeira divisão e algo fora dessa realidade seria consequência da campanha, com o almejo de também poder brigar por vaga na fase de semifinais. Porém, dentro das quatro li-

nhas as expectativas esbarraram na má campanha. Em seis partidas disputadas, o “clube do povo” somou apenas um ponto de 18 disputados. O retrospecto de cinco derrotas e um empate deixa a equipe na última colocação, restando três partidas para o clube definir a sua situação.

Apesar do empenho da diretoria em tentar montar um elenco competitivo, os resultados não foram favoráveis. O clube que já viveu momentos áureos até o início da década de 90, tem se apegado ao passado de conquistas, mas vive um cenário de decadência dentro e fora dos gramados nas últimas temporadas.

No início da disputa do Campeonato Paraibano, a diretoria apostou no trabalho de Reginaldo Sousa para o comando técnico. No entanto, o retrospecto de cinco jogos com quatro derrotas e um empate foi a gota d'água para o treinador deixar o clube. “Formamos um elenco dentro de nossas limitações financeiras,

contatamos alguns jogadores qualificados, porém, as contratações não estavam dentro da realidade financeira do clube. Infelizmente não conseguimos formar um elenco com qualidade técnica capaz de disputar de igual para igual com as outras equipes”, explicou.

A última vez em que o clube figurou entre os quatro primeiros colocados na competição foi na edição de 2014, quando terminou na 3ª posição geral. Na época, Manoel Demócrito de Assis era o presidente do clube. Ele relembra a campanha e lamenta a atual situação do clube para evitar mais um rebaixamento.

“Naquela edição levamos o clube a sua melhor campanha nos últimos oito anos, atingimos a 3ª posição e estivemos a apenas um gol de ir à final e conquistar uma vaga para a disputa do Campeonato Brasileiro da Série D. Hoje, infelizmente o clube vive numa situação de gangorra, ano cai, ano volta para a 1ª Divisão. Nes-

ta temporada, não vislumbro a possibilidade de o Auto Esporte permanecer na 1ª Divisão, tendo em vista os adversários dos próximos jogos São Paulo Crystal, Serra Branca e Campinense respectivamente”, comentou.

Antes da última campanha de 2014, o clube já amargava os rebaixamentos de 2002 e 2007, mais tarde também foi rebaixado em 2018. No jogo atrasado da 1ª rodada, disputado no meio de semana contra o Sousa, o clube acabou goleado por 4 a 0. Hoje está programada a partida contra o São Paulo Crystal, a partir das 16h, no Estádio Almeidão, em João Pessoa, válida pela sequência da 7ª rodada. Caso consiga vencer o Carcará, o alvirrubro chegará aos quatro pontos, melhorando a sua posição e se mantendo com chances de fugir do rebaixamento nos jogos restantes. O confronto contra o tricolor de Cruz do Espírito Santo será a primeira das três tentativas que o clube terá para evitar o seu quarto rebaixamento na história do Campeonato Paraibano.



Foto: Iamarfoto/AutoEsporte

A corrida contra o rebaixamento ainda não terminou para os jogadores do Auto Esporte, que terão três decisões antes da conclusão da primeira fase do Campeonato Paraibano de 2023

R\$ 39,5 BILHÕES

Fifa registra faturamento recorde

Relatório da Entidade máxima do futebol projeta ganhos maiores de 2023 a 2026, podendo chegar a R\$ 57,2 bilhões

Fifa.com

Conselho da Fifa aprovou o Relatório Anual 2022, que destaca a receita recorde da Fifa de US\$ 7,6 bilhões (cerca de R\$ 39,5 bilhões) durante o ciclo 2019-2022 e os US\$ 11 bilhões (aproximadamente R\$ 57,2 bilhões) que devem ser ganhos durante o período 2023-2026. "O investimento sem precedentes da Fifa no futebol é resultado de nossa sólida transparência financeira e

é um exemplo concreto de como pretendemos tornar o futebol verdadeiramente global", disse o presidente da Fifa, Gianni Infantino. "O sucesso retumbante da Copa do Mundo da FIFA 2022 no Catar foi fundamental para a capacidade da organização de cumprir sua missão em relação às nossas federações-membro e ao mundo do futebol, apesar dos múltiplos desafios que enfrentamos durante o ciclo passado, principalmen-

te o Covid-19 pandemia."

Após a decisão tomada pelo Conselho da Fifa em dezembro de 2022 de expandir a Copa do Mundo de Clubes para 32 seleções, com a primeira edição marcada para junho-julho de 2025, o Conselho aprovou por unanimidade. A decisão foi tomada com base em um conjunto de métricas e critérios objetivos, e a alocação resultante é a seguinte: AFC: 4, CAF: 4, Concacaf: 4, Conmebol: 6, OFC: 1, Uefa: 12 e sede do torneio: 1.

Em relação à Copa do Mundo de Clubes da Fifa 2023, que será disputada no formato atual com sete clubes, o Conselho da Fifa nomeou por unanimidade a Federação de Futebol da Arábia Saudita como anfitriã do torneio de 12 a 22 de dezembro de 2023.

Além disso, o Conselho da Fifa confirmou que, de acordo com a tradição de longa data de ter todos os anfitriões competindo na Copa do Mundo da Fifa, bem como considerações

esportivas e operacionais, os anfitriões da Copa do Mundo da Fifa 2026, ou seja, Canadá, México e os EUA, se classificarão automaticamente para a fase final da competição, sendo suas vagas deduzidas da alocação global de seis destinadas à Concacaf. Os detalhes sobre as competições preliminares em todas as confederações para a Copa do Mundo da Fifa 2026 serão divulgados oportunamente. O Conselho da Fifa também foi

atualizado sobre a nomeação dos seguintes torneios pelo Congresso da Fifa nas seguintes datas: Copa do Mundo Feminina da Fifa 2027 com regulamentos de licitação para aprovação em março de 2023.

O Conselho da Fifa foi atualizado sobre os preparativos para o 73º Congresso da Fifa, que acontecerá na quinta-feira, 16 de março de 2023, em Kigali, Ruanda, cuja agenda será divulgada oportunamente.

Foto: Divulgação/Fifa



O presidente da Fifa, Gianni Infantino, durante reunião que definiu o novo formato do Mundial de Clubes, que terá a participação de 32 equipes na temporada de 2025

DATA FIFA

Seleção fará o seu primeiro jogo no Marrocos em março

A Seleção Brasileira Masculina de Futebol fará o seu primeiro amistoso do ano de 2023 no dia 25 de março, no Estádio Ibn Batouta, em Tanger, cidade localizada ao norte do Marrocos, na África. Esta é a primeira vez que a Seleção joga em solo marroquino.

Inaugurado oficialmente em abril de 2011, o estádio, que tem capacidade para 65 mil pessoas, ficou conhecido pelos brasileiros após ser palco para os jogos do Mundial de Clubes, encerrado no último sábado, e que contou com a participação do Flamengo.

O adversário será a Seleção do Marrocos, semifinalista da Copa do Mundo do Catar, em 2022. O técnico Ramon Menezes, que comandou o time que conquistou, no último domingo (12), o Sul-Americano Sub-20, estará no comando da Amarelinha, interinamente. A campanha vitoriosa do treinador, que as-

sumiu em março, garantiu o título de forma invicta.

Desde 2011 o Brasil não conquistava um título sul-americano na Sub-20 e ficou fora dos dois últimos campeonatos mundiais.

O período das datas Fifa para amistosos será dividido entre a preparação dos atletas e o jogo contra o Marrocos. Por isso, a CBF optou pela realização de uma única partida, mas com elevado nível competitivo.

"Este é o início de um novo ciclo para o futebol brasileiro. E a CBF dá o pontapé inicial com a nossa seleção entrando em campo contra um adversário forte, que é o Marrocos, que chegou às semifinais da Copa do Mundo do Catar, no ano passado. Será um bom teste para a Seleção Brasileira Masculina. E, certamente, um jogo que irá despertar o interesse do torcedor brasileiro", afirmou o presidente da CBF, Ednaldo Rodrigues.

Foto: Rafael Ribeiro/CBF



O técnico Ramon Menezes, que comandará a seleção principal como interino, com o presidente da CBF, Ednaldo Rodrigues

SUPORTE FINANCEIRO

CBV cria fundo para ajudar atletas

Benefício da Confederação Brasileira de Voleibol vai alcançar os jogadores que atuam na quadra e também na praia

Foto: Divulgação/CBV

A Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) anunciou, no início desta semana, a criação do Fundo Especial de Apoio aos Atletas. Com a iniciativa, que busca ser referência no esporte nacional, atletas de quadra e praia sem vínculo com clubes que cumpriram os requisitos do projeto receberão suporte financeiro em casos específicos de lesão, gravidez, inadimplência do clube contratante ou doença grave de tratamento longo.

“Com essa nova política, a CBV reforça seu compromisso e sua parceria com os atletas. Elaboramos regras claras e transparentes para que parte do valor arrecadado com as transferências internacionais seja revertido a jogadores em momentos que podem ser difíceis, complexos e decisivos em suas carreiras. Foi um primeiro passo. Vamos avaliar o funcionamento nestes dois primeiros anos, para estudar o impacto e as possíveis ampliações”, explica Radamés Lattari, presidente em exercício da CBV.

O auxílio aos atletas virá de um fundo formado por 20% do valor recebido pela CBV por transferências internacionais. Em 2023, o total chega a cerca de R\$ 500 mil, e será distribuído em quatro janelas de benefício – metade do valor será destinado a jogadores da praia e a outra metade, a atletas de quadra. O valor não utilizado em cada janela, poderá ser utilizado nas seguintes.

Para requisitar o benefício, com valor máximo de R\$ 12 mil por ano, o atleta não pode ter vínculo com entidade de prática desportiva, precisa ter registro ativo na CBV. No vôlei de quadra, precisa ter participado, no ano corrente ou no anterior, de competições adultas nacionais organizadas pela CBV, COB, CSV ou Federação Nacional vinculada à FIVB. Já no vôlei de praia, precisa estar entre os 100 primeiros do ranking nacional, ter participado de pelo menos cinco etapas do Circuito Brasileiro no ano vigente ou anterior, ou de competição internacional que conste no calendário da CBV nos últimos 12 meses.

Atletas que cumprem penalidade por doping ou que estejam cumprindo penalidade imposta pela Justiça Desportiva não têm direito ao auxílio. A política também não se aplica a atletas que tenham se lesionado a serviço da seleção brasileira de voleibol. Uma comissão formada por representantes da CBV, da Comissão de Saúde da CBV e das Comissões Nacionais de Atletas de Quadra e de Praia avaliará cada pedido. Mais detalhes podem ser conferidos no site cbv.com.br



Os atletas de vôlei de praia precisam estar entre os 100 melhores do ranking e ter participado de competições para ter direito ao benefício anual de R\$ 12 mil

Foto: Steve Etherington/Mercedes



Piloto inglês disse que vai continuar defendendo os direitos das classes minoritárias e outros assuntos de grande importância para a sociedade

FÓRMULA 1

Hamilton desafia proibição de declarações políticas

Agência Estado

O heptacampeão Lewis Hamilton está pronto para desafiar a proibição de declarações políticas instituída na Fórmula 1 em dezembro do ano passado, com uma atualização no Código Desportivo Internacional da Federação Internacional de Automobilismo. Após não tocar no tema desde o anúncio da restrição, o britânico de 38 anos deu sua opinião ao ser questionado sobre o assunto na última quarta-feira, durante a apresentação do novo carro da Mercedes para a temporada 2023.

“Não me surpreende (a decisão da FIA)”, disse o piloto. “Nada vai me impedir de falar sobre as coisas pelas quais eu sinto paixão ou problemas que existem por aí. Eu acredito que o esporte tem uma responsabilidade, ainda, de se comunicar como um meio de criar consciência sobre tópicos importantes, principalmente porque estamos sempre viajando para todos esses lugares diferentes. Então, nada muda”, concluiu.

A atualização do código da FIA determinou que pilotos solicitem uma permissão escrita caso queiram fazer “declarações ou comentários políticos, religiosos e pessoais” em entrevistas realizadas durante os finais de semana de corrida. Hamilton é conhecido por seu engajamento em diferentes causas, como a luta por justiça social, o combate ao racismo, a proteção à comunidade LGBTQ+ e demais assuntos relacionados aos direitos humanos.

Ao comentar sobre a possibilidade de ser penalizado em caso de violação da regra, Hamilton disse entender que “não seria inteligente dizer que gostaria de receber pontos extras de penalidade”, mas garantiu que encontrará uma forma de continuar se expressando. “Continuarei falando. Nós ainda temos essa plataforma, há muitas coisas que precisam ser resolvidas”, afirmou.

Companheiro de Hamilton na Mercedes e diretor da Associação de Pilotos, George Russell também criticou as determinações da federação. “Eu acho que é completamente desnecessário no esporte e no mundo que nós vivemos neste momento. Naturalmente, estamos atrás de esclarecimentos e confio que isso será resolvido”.

R\$ 12 mil

Valor anual estabelecido por atleta que atendam aos requisitos pré-estabelecidos pela Confederação



Abel Ferreira, técnico do Palmeiras, é um dos profissionais mais repreendidos e, algumas vezes, expulso pela arbitragem devido à sua conduta explosiva fora das quatro linhas do gramado

DESTEMPERO FORA DE CAMPO

Técnicos e árbitros em rota de colisão

Pressão por resultados e exposição em excesso opõem profissionais e geram muita confusão em jogo de futebol

Toni Assis
Agência Estado

A cena tem sido cada vez mais recorrente no Brasil. A cada infração, o quarto árbitro é o primeiro a ser pressionado por treinadores e integrantes da comissão técnica. Enquanto isso, no campo, invariavelmente o árbitro precisa conter o ânimo de atletas também exaltados, querendo "ter razão" nas disputas mais ríspidas. A final da Supercopa deste ano, em Brasília, não fugiu a essa tendência. Sete gols foram marcados em um jogo emocionante, com o Palmeiras sendo campeão nos 4 a 3 sobre o Flamengo. Os holofotes, no entanto, iluminaram quem estava fora das quatro linhas. Ao chutar o microfone e dar uma trombada no flamenguista Arrascaeta, o técnico Abel Ferreira trouxe para o debate o destempero que cada vez mais ganha espaço na atmosfera que domina os campos de futebol por aqui.

Embora seja um dos símbolos dessa linha de comportamento, o irritadiço treinador palmeirense está longe de ser o único a se utilizar de gritos e chilikues. Contemporâneo de Abel, Fernando Diniz também é conhecido pelo pavio curto. Odair Hellmann demonstrou o mesmo descontrolo no clássico entre São Paulo e Santos no último domingo. Nomes consagrados no cenário nacional como Vanderlei Luxemburgo, Mano Menezes, Emerson Leão e Luiz Felipe Scolari ajudam a engrossar essa lista de comandantes intempestivos ao longo de suas carreiras.

Pressão, catimba, falta de educação, atuação dos juízes, intensidade do jogo e presença de câmeras de TV com foco na área técnica, foram algumas das características apontadas por profissionais do futebol em conversa com o Estadão. Eles destacaram alguns pontos que vêm transformando jogos em verdadeiras "batalhas mentais".

Para René Simões, técnico com passagem por grandes clubes do Brasil e também pela Seleção Brasileira Feminina, é necessário mudar a mentalidade do futebol brasileiro. "John Wooden, um dos técnicos com mais títulos no basquete universitário americano, fala em seu livro 'They call me coach', que o grande líder é aquele que lidera pelo exemplo. Temos de refletir que exemplo somos e o que desejamos passar para nossos jogadores e torcedores. A inteligência emocional é a soma de três componentes: motivo, ocasião e intensidade."

“

As equipes deveriam adotar uma ação interna para conter os comportamentos exagerados dos seus próprios membros. Os juízes também precisam estabelecer limites

Eduardo Cillo

O treinador chegou a ilustrar uma situação semelhante à que protagonizou Abel Ferreira, na decisão entre Flamengo e Palmeiras, para explicar a importância de um líder na beira do campo e a mensagem que passa com suas atitudes. "Saio chutando microfones e falando palavras de baixo calão ofendendo o árbitro. Então, sou expulso. É intensidade fora de contexto. Assim, em todos

os casos, o líder demonstrou falta de inteligência emocional exemplar e seus liderados não devem segui-lo", afirmou

Exposição da mídia

Em tempos de tecnologia, os treinadores têm sido vítimas dessa globalização e imediatismo provocados pela exposição em excesso. Eduardo Cillo, psicólogo do esporte e coordenador de psicologia esportiva do COB, explica que implementações como o VAR, por exemplo, modificaram a dinâmica de trabalho. "Os técnicos hoje estão expostos não só dentro de campo, mas fora dele também. Tudo o que eles vêm a fazer acaba sendo monitorado em toda a sua vida pública. O comportamento acima do tom à beira do campo, além de inflamar jogadores e torcida, acaba sendo um recurso para pressionar a arbitragem. Contra isso, os juízes precisam ter postura assertiva, não agressiva, para conter esses excessos", explicou.

Uma medida para combater essa linha de tensão que vem marcando o relacionamento à beira do gramado teria de partir de uma atuação conjunta dos clubes. Ainda segundo o psicólogo, a arbitragem também teria de fazer a sua parte. "As equipes deveriam adotar uma ação interna para conter os comportamentos exagerados dos seus próprios membros. Os juízes também precisam estabelecer limites. Às vezes isso vem com cartão (amarelo ou vermelho) ou uma conversa. Mas quando o diálogo não funciona, não tem o que fazer, a não ser aplicar as penalidades cabíveis", completou Cillo.

O ex-zagueiro Ricardo Rocha viveu o ambiente de grandes jogos por quase duas décadas. Tetracampeão em 1994 com a seleção brasileira e com passagens em clubes como Vasco, São Paulo e Real Madrid, ele analisou o cenário atual. Pediu bom senso a técnicos

e juízes e criticou o excesso de "contingente" na beira do campo. "Na área técnica tem muita gente que não precisa estar lá. Um monte de auxiliares, preparador de goleiros, todos os reservas, mais médicos, massagistas, assessor e etc. É muita gente para ficar ali falando e tumultuando. No meu tempo, era técnico, auxiliar, médico e cinco reservas. Ninguém ficava perturbando a arbitragem."

Além de destacar a "superpopulação" que habita o perímetro destinado ao banco de reservas e à área técnica, o ex-defensor cobrou também educação aos treinadores. "Olha, existe até um rodízio de reclamações. Cada hora vai um fazer aquela pressão na beira do campo. Fica uma bagunça danada. E os técnicos não podem ter esse tipo de comportamento. Gosto do Abel, mas não aprovo as suas atitudes. E acho que isso passa também pela impunidade. Na Europa, tenho certeza que os treinadores não fariam isso."

Também com passagem pela seleção brasileira e ídolo de clubes como Palmeiras e Santos, o polivalente Zé Roberto não vê tanta novidade no ambiente que cerca as partidas. O diferencial, segundo o ex-meia e lateral, é que agora tudo é registrado pelas câmeras. "Sempre aconteceram essas brigas. Esses momentos dentro e fora do campo são reflexos da disputa. Técnicos vivem sob constante pressão. No final dos anos 90 já tinha isso, mas não era mostrado como hoje. Vivemos um futebol moderno, os estádios tem muitas câmeras, os atletas estão mais expostos. Hoje as pessoas veem o que não conseguiam enxergar naquela época. O VAR e as câmeras conseguem mensurar todos os espaços."

Em tempos de tanta tecnologia e exposição, Zé Roberto destaca o que pode servir como diferencial: "equilíbrio emocional". Ao ser questionado sobre um treinador

que preenche esse requisito, o escolhido foi o atual técnico palmeirense. "Um treinador que consegue controlar o emocional de um atleta é o Abel Ferreira. Ele é um coach dentro do Palmeiras. Com os mesmos atletas, mesmo time, mostra um diferencial nessa parte. O Palmeiras consegue jogar sempre em alto nível, buscando títulos em cada temporada, ao invés de parar no tempo. Isso mostra a liderança do treinador enquanto outras equipes ficam na zona de conforto", afirmou.

Com experiência de quatro décadas, Marco Aurélio Cunha trafegou por diversas áreas no futebol. Respondeu pelo departamento médico do time profissional do São Paulo nos anos 1980 e posteriormente foi diretor do clube. Com anos de bagagem na beira do campo, ele vê muitas transformações ao comparar o passado com o cenário atual.

A criação da área técnica, segundo Cunha, deu visibilidade a personagens que, tempos atrás, passavam totalmente despercebidos pelo grande público. Os técnicos ficavam no banco e, se saíam, retornavam ao seu posto imediatamente. "Hoje, as câmeras de TV focam o treinador o tempo todo buscando a oportunidade jornalística do desabafo, do agrado, da instrução ou reclamação com algum atleta. O fato de terem sido transformados em atores do jogo, tornou os técnicos influenciadores. Para o time e para si mesmos."

A explicação para as constantes explosões dos treinadores tem a ver com o entorno midiático que hoje envolve futebol. Pressão maior por resultados e número de veículos esportivos de TV buscando informação o dia inteiro, aumenta a pressão sobre os técnicos segundo o médico e dirigente. "A resposta de defesa dos técnicos diante desse universo de cobrança às vezes é a reação exagerada. O Abel, que é um bom técnico,

exige postura de seus atletas e muito trabalho. No entanto, ele faz qualquer coisa na beira do campo para vencer, passando por cima do comportamento ético que tanto prega."

Mas esse comportamento não é exclusividade dos profissionais do Brasil, segundo Cunha. "O Mourinho (José, técnico da Roma) sempre fez isso no início de carreira. O Mancini (Roberto), técnico da Itália, também. O Alex Ferguson, de um jeito mais britânico, é outro."

Fim de impunidade

Do banco de reservas para dentro do campo, a arbitragem acaba sendo o foco deste cenário. Para Marcelo Aparecido, árbitro que esteve no quadro da CBF entre 2005 e 2020, o problema maior tem sido a falta de rigor no uso dos cartões para os treinadores. "Os juízes têm a ferramenta nas mãos. Tem de usar. Acho que com a implementação do VAR os árbitros estão deixando de tomar decisões que são deles", afirmou ao Estadão. Do alto da sua experiência, Aparecido afirmou que os treinadores vão testando a paciência do juiz durante a partida e vão moldando o seu comportamento em função disso. "Não se pode admitir certas atitudes. O controle tem de ser do juiz. O grande jogo é a chance que o juiz tem de se consolidar e ganhar mais respeito do próprio técnico. Essa pressão sempre existiu e a resposta é o rigor. Expulsei Vanderlei Luxemburgo, Mano Menezes, Felipe e outros técnicos que tentavam pressionar. Depois, já era olhado de outra forma."

Aparecido comparou os jogos fora do Brasil mostrando que neste cenário, o comportamento na beira do campo é diferente em relação ao Brasil. "Pode ver que lá fora os técnicos são mais comedidos. Claro que os juízes também erram na Europa, mas lá, a punição acontece", comentou.

Maurício de Nassau

Um príncipe alemão-neerlandês que governou um reinado de açúcar e conquistou os corações de mulheres nobres de Pernambuco nos anos de 1600

Hilton Gouvêa
araujogouvea74@gmail.com

O homem fino, nobre e elegante que a Companhia das Índias Ocidentais mandou para as terras brasileiras, a fim de governar o reinado de açúcar recém-conquistado pelos batavos em Pernambuco, logo recebeu o apelido de “de mooden” (a donzela, em holandês), quando desembarcou em Recife, no dia 23 de janeiro de 1637. Seus gestos elegantes e passos de um quase bailarino levaram as pessoas despeitadas a pensamentos maldosos, sobre a sua conduta sexual. Mas enganaram-se redondamente.

Johan Mauritz van Nassau Siegen, mais tarde conhecido pelo nome aportuguesado de Maurício de Nassau, segundo relatam seus biógrafos e confidentes abaixo relacionados, apesar de ter desembarcado em Recife acompanhado só de homens – aí incluídos 370 soldados –, desde a adolescência sempre se manifestou com muita preferência pelo sexo oposto. Nunca se casou, mas ao longo de sua existência muitas amantes povoaram seus dias e noites no Castelo das Duas Torres.

Frei Manuel Calado, o linguarudo e fuxiqueiro franciscano escrivão residente em Recife, talvez despeitado porque Nassau nunca o entregou um cargo de destaque, afirma que o caso mais propalado de Nassau foi o de Ana Paes. O frade, que era hábil na pena para delinear a vida alheia, propalava que “Dona Anna Paes era a mais desenvolta mulher de quantas houve no tempo deste cativo neerlandês da Capitania de Pernambuco”. Mulher desenvolta hoje equivale a mulher mundana, uma amante de luxo com grande influência política em qualquer governo.

O açúcar, que na época era uma moeda corrente ou de troca mais valiosa do que o ouro, foi o presente que Nassau recebeu da ardente amante Anna Paes. Ela lhe enviou seis caixas desse produto (600 quilos). Antes de Anna Paes, ele conheceu Margarida Soller, filha do pregador calvinista Vicent Joachim Soler. Quem a indicou como amante de Nassau foi o “língua de tesoura” frei Manuel Calado, que acrescentou: “Nassau desprezou Margarida pelos carinhos flamejantes de uma filha do sargento-mor Cornélio Bayer”.

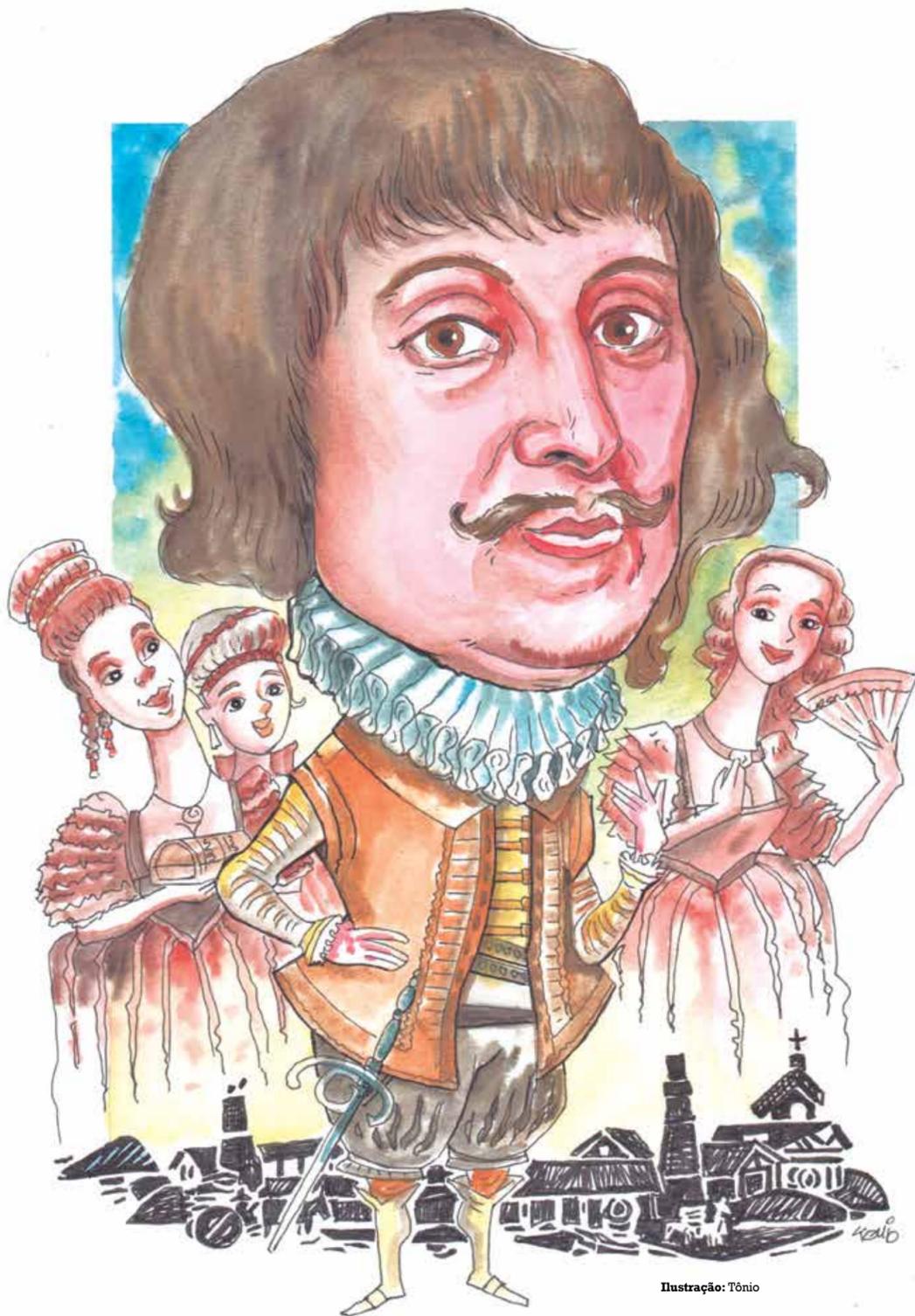


Ilustração: Tônio

Anna Paes: o mais escancarado

■ Frei Manuel Calado, que seria um “linguarudo e fuxiqueiro” franciscano, era um escrivão residente em Recife, que se sentia preterido porque Maurício de Nassau nunca lhe entregou um cargo de destaque

A mesma fonte sustenta que o caso de amor mais escancarado de Nassau foi mesmo o de Anna Paes (1617-1674), rica senhora de nobre linhagem, proprietária do Engenho Casa Forte, que era casada com o capitão Charles Turlon, da guarda pessoal de João Maurício de Nassau. Dela é conhecida uma carta de seu próprio punho dirigida ao mandatário: aquela que oferece ao conde “seis caixas de açúcar branco”. No documento, a signatária se nomeia: “De vossa excelência a muito obediente cativa Dona Anna Paes”.

José Higinio Duarte Pereira publicou essa carta, pela primeira vez, na edição número 30 da Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano, em Recife, no ano de 1886. José Antônio Gonçalves de Mello, em 1947, transcreveu e corrigiu a missiva, transformando-a numa leitura livre do português, que teria o seguinte teor:

“Ilmo. Snr. – Como nós devemos toda a obediência a nossos superiores tanto mais a vossa excelência de quem temos recebido tantas honras e mercês, assim que este ânimo me faz tomar atrevimento de pedir a vossa excelência queira aceitar seis caixas de açúcar branco, perdoando-me vossa excelência o atrevimento (que meu ânimo é de servir a vossa excelência) e fico pe-

Relatório

Marido traído denunciou Nassau, dizendo que ele cercava-se de portugueses de duvidosa estirpe, colocando os holandeses em ameaça

dindo que Deus aumente a vida e estado de vossa excelência para amparo de suas cativas. De vossa excelência a muito obediente cativa Dona Anna Paes”.

Quando seu marido, o capitão Turlon, descobriu o que estava acontecendo entre sua esposa e seu empregador, ele elaborou um selvagem relatório sobre a vida amorosa de João Maurício e o enviou para o conde Frederick Henry (chefe da Casa de Orange, parente e protetor do Conde de Nassau), o qual acrescentou que “João Maurício tinha o hábito de cercar-se de portugueses de duvidosa estirpe que seriamente ameaçavam aos interesses da população holandesa e que se enriqueciam escandalosamente à custa dos membros mais pobres da sociedade”.

Direção da Companhia das Índias Ocidentais cobra do mandatário

João Maurício foi chamado à razão pelos diretores da Companhia das Índias Ocidentais. Ao ser interrogado, mais tarde, por Maurício, o capitão Turlon confessou a denúncia. Foi prontamente dispensado de seus postos e colocado no primeiro navio de volta à Holanda.

Sem abordar os acontecimentos ligados à vida privada e sentimental do Conde de Nassau, José Antônio Gonçalves de Mello revela preciosos informes sobre Charles de Turlon, o moço. Tinha ele o mesmo nome de seu pai, que se passara para o lado dos espanhóis em Flandres. Turlon, que servira “no Brasil desde os primeiros anos da conquista, em 3 de abril de 1643, foi preso por Nassau, suspeito de cumplicidade com brasileiros em uma revolta contra os holandeses”.

Remetido para Holanda, ao fim do inquérito a que veio responder, nada se comprovou de tais acusações, sendo-lhe permitido voltar ao Brasil, não mais como militar, segundo o Dag. Notule de 21 de novembro do mesmo ano. Do casamento de Turlon com Dona Anna Paes nasceram dois filhos: Isabella e Kornelius Turlon. Morto Turlon, em fevereiro de 1644, sua viúva, Anna Paes, torna a se casar, desta vez com Gijsbert de With, conselheiro de Justiça, conforme comunicado dele ao Alto Conselho, datado de 29 de abril de 1645. Naquela ocasião o então pretendente informara que

■ Quando Maurício de Nassau voltou para a Europa, deixando as terras brasileiras, ele passou a ter ligações com Agnes Geertruyde van Bylandt, esposa do mordomo-mor de Brandemburgo

“a sua futura esposa já no tempo do seu anterior casamento tinha demonstrado ser mais favorável à nossa nação que a dos portugueses”. A cerimônia do casamento aconteceu na igreja calvinista de Maurícia, em 14 de maio do mesmo ano, comunidade da qual Dona Anna Paes fazia parte. Na mesma igreja foram batizados os filhos das suas duas últimas uniões: Isabella Turlon, em 27 de novembro de 1643; Kornelius Turlon, em 3 de julho de 1647; e Elizabeth de With, em 28 de setembro de 1650.

Sobre outras aventuras amorosas de Nassau, essas o acompanharam por toda existência. Após o seu retorno à Europa, lembram os escritores José Van den Besselaar e Evaldo Cabral de Mello, as suas ligações com Agnes Geertruyde van Bylandt, esposa do mordomo-mor do Grande Eleitor de Brandemburgo, em Cleve, Johan von Coenen von Zegenwerp und Lohe, cuja imagem chega aos nossos dias graças ao seu retrato, intitulado “uma patricia diante do anfiteatro”, pintado por Jan de Baen, atualmente conservado num museu da Alemanha.

Nassau deixou de herança para Agnes uma magnífica casa por ele construída em estilo clássico, concluída em 1671, na Goldstrasse, cujo interior era decorado com telas produzidas por Albert Eckhout. “Com dois pavilhões flanqueando um corpo principal”, engravada em uma singular propriedade, com vistas de Cleve e do Vale do Reno, “graças ao jardim em meia-lua escalonado em terraços, tendo ao lado uma das mais bonitas cercas de pinheiros do mundo”.

Essa é a descrição da propriedade, segundo a ótica de um viajante inglês do século 16, que acrescentou: “As terras se estendem até Freudenberg, serpenteando por entre um verdadeiro colosso de mata verde”. Após o falecimento de Agnes Geertruyde, em 1678, a propriedade passou para um dos seus herdeiros que se encarregou do loteamento e consequente venda do seu terreno.

Alberto Ferreira Lima

Um dos maiores fotojornalistas esportivos do Brasil: o “Pelé da Fotografia”

Ítalo Arruda
Especial para A União

Considerado um dos principais precursores da fotografia documental do Brasil, Alberto Ferreira Lima foi dono de um talento e profissionalismo que serviram – e continuam servindo – de inspiração para muitos fotógrafos em todo o país. Natural de Alagoa Grande, no Brejo paraibano, seu nome se destaca entre os maiores fotojornalistas esportivos que o Brasil já teve nas últimas décadas.

Nascido em 11 de março de 1932, o paraibano cresceu com o sonho de se tornar um jogador de futebol. Iniciou sua trajetória como goleiro, no Botafogo, em João Pessoa, e depois seguiu para o Flamengo, no Rio de Janeiro. A passagem pelo rubro-negro carioca, no entanto, também não foi longa e não rendeu sucesso a Alberto Ferreira.

A paixão que nutria pelo esporte, certamente, contribuiu para que ele brilhasse em campo, não com a bola e a camisa de algum time, mas com as lentes das câmeras cujos registros, além de prêmios e reconhecimento internacional, lhe garan-

tiram entrar para a história. Com passagens por várias edições de campeonatos de futebol (nacionais e mundiais), Jogos Olímpicos, entre outras competições de diferentes modalidades esportivas entre as décadas de 1950 e 1980, consagrou-se como o “Pelé da Fotografia”.

A foto que deu esse título ao paraibano é datada de 1965. Naquele ano, Alberto Ferreira “imortalizou” uma bicicleta do rei do futebol em um jogo amistoso entre Brasil e Bélgica, no Maracanã, no Rio de Janeiro. De acordo com os arquivos de jornais da época, ele estava estrategicamente posicionado atrás de um dos gols quando “flagrou” o momento exato em que Pelé “voou” no estádio e garantiu o gol à Seleção Brasileira, que saiu vitoriosa com um placar de cinco a zero.

À época, a foto circulou nos principais jornais do Brasil e do mundo. Essa, contudo, não foi a única imagem que ele fez do craque do futebol. Outra bastante conhecida – que, inclusive, foi registrada anos antes e venceu o Prêmio Esso de Fotografia, em 1963 – foi a da contusão do Rei Pelé, durante a Copa do Mundo de 1962, no Chile. Na ocasião, Al-

berto Ferreira fotografou o incidente, ocorrido na partida contra a Tchecoslováquia, que resultou na saída definitiva do jogador da competição. O título dado a essa lenda foi foto foi “O Rei se curva ante a dor que o Brasil todo sentiu”.

Sua habilidade era inquestionável. O fotojornalista paraibano Antônio Davi, mesmo não tendo convivido com Ferreira, o descreve como “um gênio” e reconhece o talento incomparável do colega de profissão. “Você tem que ser muito rápido e ter muita habilidade para registrar o flagrante mais expressivo de uma ação ou de um gol dentro de um campo de futebol”, destaca Davi, ao enfatizar que essa era a principal característica de Alberto Ferreira.

Ainda segundo Antônio Davi, o “Pelé da Fotografia” possuía um olhar intuitivo, do qual se utilizava para antecipar e prever a cena antes dos cliques. “Ele tinha uma visão fotográfica eclética, que se expandia para além do campo jornalístico. Deixou um trabalho muito refinado, com fotos magistrais, e abriu esse expoente no fotojornalismo brasileiro”.



O paraibano Alberto Ferreira capturou a “Bicicleta de Pelé” na goleada por 5 a 0 do Brasil sobre a Bélgica, em 1965; em 2021, a fotografia estava avaliada para um leilão com lance mínimo estimado em US\$ 1 milhão



Alberto Ferreira Lima, natural de Alagoa Grande, na Região do Brejo paraibano, foi dono de um talento e profissionalismo que até hoje servem de inspiração para muitos fotógrafos em todo o país

No Jornal do Brasil, paraibano liderou equipe com 45 profissionais

Alberto Ferreira fotografou outras cenas além daquelas protagonizadas nos gramados. Durante os 30 anos no Jornal do Brasil – tendo sido 25 deles como editor de Fotografia –, colecionou imagens de momentos históricos da construção e inauguração de Brasília e do exílio do então presidente João Goulart, em 1964.

Em seu artigo publicados pela Associação Brasileira de Imprensa (ABI), o fotojornalista Rogério Reis, discípulo de Alberto Ferreira, destacou que o alagoa-grandense, além de

interagir e manusear com maestria as câmeras, as fotos e o projeto gráfico do tradicional diário, “era dono de uma velocidade imbatível para achar a melhor foto diante de uma mesa de luz repleta de filmes”.

Segundo Rogério, o paraibano liderou uma equipe de 45 profissionais, incluindo as sucursais do jornal. “Não economizava nos filmes e nos orientava a ousar na criação das pautas com fotos inéditas e um olhar desviante, menos previsível”.

Muitas são as memórias em torno do pro-

neirismo de Alberto Ferreira. Seu trabalho contribuiu para a reflexão sobre o papel social do fotojornalismo, tendo em vista que seu nome, atualmente, faz parte da coleção da Maison Européenne de La Photographie (MEP, sigla em francês) e está entre os 28 maiores fotógrafos do século.

Alberto Ferreira morreu no dia do seu aniversário de 75 anos, em 11 de março de 2007, em Búzios, no Rio de Janeiro. A causa da morte foi um acidente vascular cerebral (AVC), seguido de uma parada cardíaca.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Uma pausa para o Carnaval – Conclusão

Lamartine (de Azevedo) Babo (Rio, 1904-1963) – compositor, editor de revistas, produtor musical, radialista e humorista, é considerado o “Rei do Carnaval Brasileiro”. Suas marchinhas carnavalescas deixam transparecer o seu espírito irreverente e alegre.

Mas não só de Carnaval viveu a sua inspiração. Foi ele quem compôs as marchas -hinos de, pelo menos, 11 clubes do futebol carioca: Canto do Rio, Madureira, São Cristóvão, Olaria, América, Bangu, Bonsucesso, Botafogo, Vasco, Flamengo e Fluminense. Junta-se a isso composições de caráter junino, como ‘Chegou a hora da fogueira’, ‘Isto é lá com Santo Antônio’ e ‘Noites de junho’; em gêneros diversos, ele nos deixou ‘Serra da Boa Esperança’, ‘No Rancho Fundo’ (com Ary Barroso), ‘Eu sonhei que tu estavas tão linda’ e, evidentemente, alguns sucessos carnavalescos, como ‘Hino do carnaval brasileiro’ (‘Salve a morena’, 1931), ‘Teu cabelo não nega’ (1932, com Irmãos Valença), ‘Linda morena’ (1933), ‘Ride, palhaço’ (1958), ‘Rasguei a minha fantasia’ (1935), entre outros menos executados hoje.

Capiba (Lourenço da Fonseca Barbosa – Surubim-PE, 1904 – Recife, 1997) – pianista e compositor, é considerado o “Poeta do Frevo”. O pai, Severino Anastácio de Souza Barbosa, era ligado à música: orquestrador, arranjador, professor de música, clarinetista, violonista e maestro, tendo residido, por certo tempo, em Taperoá e em Campina Grande. Em ambas as cidades paraibanas, o garoto Capiba chegou a integrar as respectivas filarmônicas, ainda lhe sobrando tempo, até os 20 anos, para defender a equipe do Campinense Futebol Clube, onde jogou como zagueiro. Em homenagem à cidade, compôs ‘Campina, cidade rainha’. Regressando a família à terra natal, o pai chegou a maestro da Banda de Música de Surubim, quando Capiba chegou a apresentar-se em festas, cinemas e saraus. Em 1930, aos 26 anos, aprovado em concurso público, tornou-se funcionário do Banco do Brasil, em Recife, e ingressou na tradicional Faculdade de Direito, tendo criado, com alguns amigos, a Jazz Band Acadêmica. Mesmo formando-se em Direito, optou por não seguir a jurisprudência. Dedicou-se às suas composições juntamente com um grupo de que faziam parte Ariano Suassuna, Ascenso Ferreira, Carlos Pena Filho, João Cabral de Melo Neto, Marcus Acioli, Mauro



Mota. Torcedor do Santa Cruz, deve-se a Capiba a autoria do frevo ‘O mais querido’, de 1952, que, em 1958, seria reconhecido e oficializado como o hino oficial da equipe futebolística da cobra coral.

Capiba foi um apaixonado pelas belezas pernambucanas, tendo nos legado algumas páginas musicais inesquecíveis, sempre gravadas pelo seu intérprete favorito, o garoto Paulo Molin (Recife, 1938–Guaxupé-MG, 2004): ‘Recife, cidade lendária’ (1950), ‘Olinda, cidade eterna’ (1952), ‘Igarassu, cidade do passado’ (1952). Outros grandes sucessos foram ‘Maria Betânia’ (Nelson Gonçalves, 1945) e ‘Serenata suburbana’ (Paulo Molin, 1959). No item Carnaval, destaques para ‘É de amargar’, de 1934 (Eu bem sabia/ que este amor um dia/ também, tinha seu fim); ‘Oh Bela!’, de 1969 (Você diz que ela é bela/ Ela é bela, sim senhor/ Porém poderia ser mais bela/ Se ela tivesse o meu amor); e ‘Gosto de te ver cantando’, de 1940.

Junto com Hermeto Pascoal e Sivuca, Capiba participou e fez parte da formação do trio musical “O mundo pegando fogo”. Capiba foi o protagonista da primeira apresentação do hoje badalado Galo da Madrugada, de Recife, em 1997.

Nelson (Heráclito Alves) Ferreira (Bonito-PE, 1902 – Recife, 1976). Filho de vendedor de jóias e violonista amador, e de uma professora primária. Seguindo os caminhos da música, o adolescente Nelson fez-se compositor, instrumentista e regente, tornando-se, aos 13 anos, o pianista mais ouvido na época do cinema mudo, tocando nos Cinemas Royal e Moderno de Recife e em cafés, saraus e até em “pensões alegres”. Foi diretor artístico da Rádio Clube de Pernambuco, tornou-se sucesso nacional com sua Orquestra

de Frevos e, nos anos de 1950, exerceu a função de diretor artístico da Fábrica Rozenblit, selo Mocambo do Recife.

Teve sua primeira composição gravada para o Carnaval de 1923, para a Casa Edison (Odeon), por Baião: ‘Borboleta não é ave’, quando começou a ser contratado para elaborar jingles de natureza política.

O conhecido radialista e poeta alagoano/pernambucano Aldemar Paiva (1925-2014) dedicou-lhe a conhecido ‘Monólogo para Nelson Ferreira’.

O frevo, ritmo a que Nelson Ferreira se dedicou com mais afinco, sofreu influências de dobrados, polcas, maxixes, sons de capoeira, tornando-se, segundo o estudioso Waldemar de Oliveira, “um misto de coreto, polca, meio dobrado, meio cantoria de mestres e contramastes”.

Compôs sete ‘Evocações’, das quais a mais famosa é a número 1 – frevo de bloco – de 1957, gravação Mocambo do Bloco Batutas de São José. (Felinto, Pedro Salgado/ Guilherme Fenelon/ Cadê seus blocos famosos?) de que existem mais de 60 gravações inclusive fora do país. Composições dele foram gravadas, entre outros, por Francisco Alves, Almirante, Carlos Galhardo, Aracy de Almeida, Joel e Gaúcho, Augusto Calheiros, Dircinha Batista, Nelson Gonçalves, Claudionor Germano e Expedito Baracho.

Por ocasião da morte dele, em texto publicado no Diário de Pernambuco, Gilberto Freyre escreveu: “O vazou que [Nelson] deixa é o que nos faz ver como era grande pela sua música, pelo seu sorriso, pela sua fidelidade de pernambucano”.

Braguinha ou João de Barro (Carlos Alberto Ferreira Braga – Rio, 1907-2006) – era filho de conceituado diretor de uma fábrica de tecidos (Confiança), o que lhe proporcionou uma infância tranquila, chegando a estudar no tradicional Colégio Batista do Rio, onde e quando conheceu o violonista Henrique Brito, por quem foi atraído para o universo musical e com quem aprendeu os primeiros acordes musicais. Participou então da formação do seu primeiro grupo, Flor do Tempo, de que também faziam parte Almirante e Noel Rosa, e que, em 1929, deu origem ao Bando de Tangarás, de que também faziam parte, entre outros, Almirante e Francisco Alves. Já no ano seguinte, o grupo emplacou o enorme sucesso carnavalesco com ‘Na Parvuna’ (Homero Dornellas e Almiran-

te). Em paralelo, Braguinha tenta a carreira solo de cantor. Em 1931, já no terceiro ano do Curso de Arquitetura, resolve abandoná-lo para dedicar-se ao emergente mundo musical, como compositor.

No Carnaval de 1933, deixando o Bando de Tangarás, emplaca dois sucessos (‘Moreninha da praia’ e ‘Trem blindado’), ambos gravados por Almirante, que viria a se casar com uma irmã de Braguinha.

Como intérprete, gravou 19 músicas (Parlophon, de 1929 a 1932). Como compositor, sua musicografia chega a 420 títulos, incluindo as versões e músicas infantis e carnavalescas, em solo ou com parcerias do amigo médico homeopata Alberto Ribeiro (1902-1971). Fato curioso: Braguinha não lia partituras nem dominava qualquer instrumento musical, compondo apenas de ouvido. Costumava escrever letras para que outros as musicassem, porém raramente aceitava colocar música em versos de outrem. Embora compusesse outros gêneros, foi a chamada música carnavalesca que mais o atraiu. Dizem os observadores e críticos musicais que sem ele o Carnaval não seria o mesmo, pelo menos até bem pouco tempo. Além de autor de músicas incluídas em trilhas sonoras, foi também roteirista, assistente de direção e dublador cinematográfico, com recursos que chegaram a impressionar até Walt Disney, de quem se tornou amigo. Foi diretor artístico da Gravadora Continental (ex-Columbia), pela qual chegou a lançar uma série de cerca de 70 extended-plays, com histórias infantis, que chegaram a alcançar enorme sucesso.

Dentre os seus sucessos carnavalescos, muitos ainda são lembrados e executados em salões de bailes. Alguns são destaque: ‘Touradas em Madri’ (Eu fui às touradas de Madri/ Paratchim bum, bum, bum/ E quase não volto mais aqui...), ‘Chiquita Bacana’ (Chiquita Bacana/ lá da Martinica/ se veste com a casca/ de banana nanica), ‘A Mulata é a tal’ (Branca é branca, preta é preta/ mas a mulata é a tall), ‘Vai com jeito’ (Vai, com jeito vai/ se não um dia, a casa cai, meninal), ‘Balancê’ (O balancê, balancê/ quero dançar com você/ Entra na roda, morena, pra ver/ ô balancê, balancê), ‘Pastorinhas’ (A estrela Dalva/ no céu desponta/ e a lua tonta/ com tamanho esplendor...), ‘Tem gato na tuba’ (Todo domingo havia banda/ no coreto do jardim...)

Bom e tranquilo Carnaval a todos!...

Angélica Lúcio

Brasil ganha Observatório da Comunicação de Crise

Foto: Mohamed Hassan/Pixabay

Crise, explica Ian Mitroff (autor de ‘Managing crises before they happen’), é “um evento que afeta ou tem potencial de afetar uma organização inteira”. É algo negativo, que “não pode ser completamente contido dentro das paredes de uma organização”. Tal definição integra o livro ‘Gestão de crises e comunicação’, de José Forni.

Na obra, Forni apresenta alguns pressupostos gerais para qualificar uma situação como possível crise; dentre eles, acontecimento não planejado; envolve muitas pessoas; causa confusão, quando não pânico; ameaçador; emotivo; desperta o interesse público; gera más notícias; necessita de imediata atenção; produz informações desconhecidas, fora de controle; cria tensão e gera curiosidade”.

E por que estou falando em crise em pleno período carnavalesco? Por uma boa notícia relacionada a esse tema tão árido, mas profícuo em gerar problemas. Há poucos dias, a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), do Rio Grande do Sul, lançou o Observatório da Comunicação de Crise (OBCC). O projeto é uma iniciativa de pesquisadores da UFSM em parceria com outras universidades brasileiras e portuguesas: Universidade Federal do Rio Grande do Sul



(UFRGS), Universidade de São Paulo (USP), Fundação Casper Libero e Faculdades Integradas de Taquara/RS, Universidade do Mi-

nho (UMinho) e Universidade da Beira Interior (UBI), de Portugal.

Inédito no Brasil, o OBCC é dedicado a reunir o conhecimento produzido no campo da comunicação em torno da gestão de crise em organizações. Em release divulgado pela UFSM, fica sabendo que o Observatório vai armazenar a produção sobre o tema nos mais diversos formatos em um site único. Atualmente, centenas de documentos sobre o tema estão catalogados no Observatório, sendo: 80 livros; 50 audiovisuais; 40 teses e dissertações; 100 artigos; 30 capítulos; e 50 textos.

Segundo o coordenador do projeto, professor Jones Machado, do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM, o OBCC surge de uma lacuna de historicidade, memória e aprendizado de casos críticos que aconteceram no Brasil. “Ao contribuir para a popularização da ciência, buscamos nos aproximar da sociedade, no oferecimento de repertório gratuito em uma única plataforma. Assim, oferecemos subsídios para práticas profissionais, pesquisas científicas, trabalhos em sala de aula, materiais para professores de graduação e pós-graduação, dando visibilidade à área”, destaca.

O Observatório da Comunicação de Crise tem dois objetivos principais: 1. sistemati-

zação do conhecimento produzido no campo no que se refere a risco, crise, comunicação de crise, comunicação de risco e gestão de crise no âmbito das organizações; 2. monitoramento das situações de risco nesse contexto, com o acompanhamento da forma como a crise é gerenciada, estratégias de comunicação empreendidas e as práticas implementadas pelos profissionais da área.

Fui dar uma espiada rápida no site da OBCC e logo encontrei um artigo de opinião muito interessante, assinado por Gisela Gonçalves, de Portugal, que cita crises recentes, como pandemia, guerra na Ucrânia, crise econômica, escândalos, corrupção, cyber-ataques, racismo e xenofobia. Com o título ‘Será a comunicação de crise o novo normal?’, a autora toca em um ponto mais que necessário: a arena retórica.

“O sucesso da gestão da comunicação de crise dependerá sempre da forma como as organizações reagem a essas diferentes vozes, tanto em palavras quanto em ações, e de que forma os grupos e atores envolvidos nos processos de comunicação interpretam o esforço desenvolvido pela organização”, ressalta Gisela Gonçalves. É isto: o OBCC está aí, para nos ajudar a refletir e agir em momentos de crise nas organizações.

angelicallucio@gmail.com



Prato do dia

Walter Ulysses

Salpicão de frango quente

Foto: Divulgação



Ingredientes:

- 1 kg de peito de frango
- 1 lata de milho
- 1 lata de ervilha
- 1 cenoura ralada
- 1 caixa de creme de leite
- Uva-passa a gosto
- Batata palha
- Sal a gosto
- 1 tablete de caldo de galinha
- Salsinha
- Cebolinha
- 300 g de queijo muçarela
- 400 g de peito de peru defumado
- 2 colheres de requeijão

Modo de preparo:

■ Coloque em uma panela o tablete de caldo de galinha, uma pitada de sal e água suficiente para cozinhar o frango. Enquanto o frango cozinha, misture em um recipiente o milho, a ervilha, a cenoura e as uvas-passas. Tempere com sal, salsinha e cebolinha.

Quando o frango estiver cozido, desfie e coloque-o no recipiente com o restante dos ingredientes. Acrescente o creme de leite, o requeijão e a batata palha. Coloque em um recipiente e leve para assar por aproximadamente sete minutos. Sirva ainda quente.

Tempero a gosto

Quando o Carnaval chegou ao Brasil?

O Carnaval foi trazido para o Brasil pelos colonizadores portugueses. Os historiadores afirmam que a festividade se estabeleceu no país entre os séculos 16 e 17 e teve como primeira prática o entrudo. Essa brincadeira fixou-se primeiramente no Rio de Janeiro e era realizada dias antes do início da Quaresma.

O entrudo manifestava o clima de zombaria pública que regia o Carnaval e foi uma brincadeira muito comum até meados do século 19. A sua manifestação mais tradicional era conhecida como "molhadelas". Nelas, as pessoas jogavam líquidos malcheirosos umas nas outras. Al-

guns dos itens usados eram água suja, lama e urina.

No entrudo também eram usadas águas aromatizadas, e ele era realizado tanto pelas classes altas quanto pelas camadas populares. Além disso, era um momento de flertes, sobretudo quando mais privado, isto é, entre famílias.

Com o passar do tempo, essa prática foi sendo substituída nas elites por práticas carnavalescas em evidência na aristocracia europeia no século 18, e, assim, surgiram os bailes de máscaras no Brasil. A partir do século 19, os bailes começaram a popularizar-se e, com a criação de sociedades carnavalescas, foram levados

para as ruas. Consolidava-se, assim, o hábito de mascarar-se durante o Carnaval brasileiro.

Essas sociedades carnavalescas também passaram a desfilar publicamente. A partir do século 20, o envolvimento popular com a festa contribuiu para a consolidação de ritmos que incorporavam a influência da cultura africana na capital carioca. Assim, na década de 1930, o samba e os desfiles das escolas de samba tornaram-se elemento fundamental do nosso Carnaval. O sucesso das escolas de samba levou à construção e inauguração, em 1984, do Sambódromo, o local no qual os desfiles acontecem na cidade do Rio de Janeiro.

QUENTINHAS

gundo levantamento do Ministério do Turismo. Infelizmente, ainda existem muitos casos de assédio, homofobia, lesão corporal e outras formas de violência durante o Carnaval.

Você sabia?: 22 milhões de mulheres sofreram alguma forma de assédio, segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública; durante o Carnaval, há aumento de 20% da violência sexual contra

mulheres, de acordo com o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania; e seis em cada 10 pessoas LGBTQIA+ temem sofrer LGBTfobia durante o Carnaval, segundo pesquisa realizada pelo Instituto Locomotiva.

Que todos aproveitem o feriado à sua maneira, mas acima de tudo respeitando o espaço do outro. Afinal, está nos valores do respeito a diversidade, individualidades e regionalismos, sempre!

O tema da campanha busca conscientizar os foliões quanto à prática do respeito, especialmente durante os blocos, festas e celebrações do período. Acredito que cada um de nós devemos fazer a nossa parte para tornar o Carnaval um espaço de diversão e respeito para todos. Afinal, dá pra curtir e se divertir no Carnaval sem prejudicar o próximo!

Lamentavelmente, é na época mais alegre do ano e na qual se celebra a diversidade cultural que casos de assédio, homofobia, lesão corporal, entre outros, aumentam.

Fevereiro é o mês mais animado do ano: mês do Carnaval! Época do glitter, da fantasia de Carnaval, dos blocos de rua, onde podemos viver momentos de alegria ou de descanso. Afinal, após dois anos suspensos, a festa volta com força total e deve movimentar cerca de 46 milhões de pessoas nos tradicionais destinos carnavalescos do país, se-

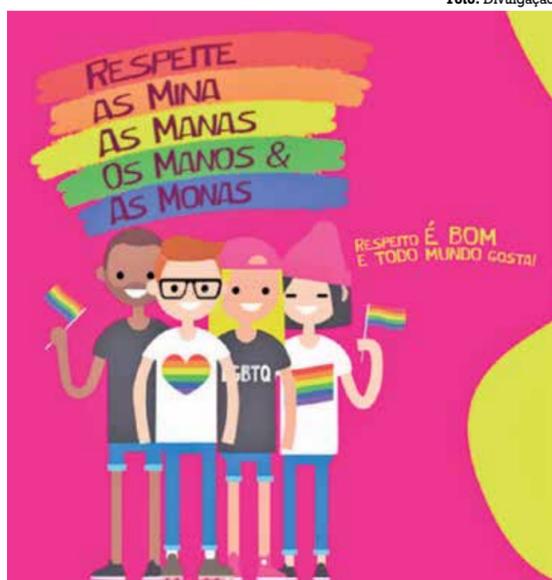


Foto: Divulgação

Carnaval e gastronomia, tudo a ver!

Alegria, festa, diversão, azaração... Tudo isso é sinônimo de Carnaval no Brasil, não é mesmo? Mas em outros carnavais mundo afora, a festa também tem outro ponto alto: a gastronomia! E não é de hoje que as guloseimas fazem sucesso nesta época: comer bem e beber melhor ainda são alguns dos lemas que regiam as antigas comemorações ou, por que não dizer, até os dias atuais. Uma boa marchinha de Carnaval, e uma comida bem feita, sempre é bem-vinda.

Segundo a história da gastronomia, originalmente o Carnaval surgiu das festas pagãs comemoradas em homenagem ao deus Baco, o deus da natureza, do vinho e dos excessos. Nesses festivais, tudo era permitido e as pessoas aproveitavam para passar dos limites que tinham de respeitar o ano inteiro! Ainda bem que hoje existe o "não é não".

Em diversos países, por exemplo, a terça-feira de Carnaval é conhecida como Mardi Gras ou Fat Tuesday (Terça Gorda), e é uma data especial para as pessoas comerem o quanto quiserem sem culpa! No Carnaval de Veneza, os restaurantes italianos ficam lotados nesse dia.

A gastronomia na cidade é tão marcante que a época de Carnaval tem até um prato típico: o Frittele di Carnavali, que é um bolinho muito semelhante ao nosso clássico bolinho de chuva, que leva farinha, leite, ovos, cascas de laranja e outros ingredientes deliciosos!

Que lembra nosso filhóis, um doce bem típico de alguns lugares do Brasil, só que tem uma pegada no fubá de milho.

Além disso, as máscaras de Carnaval e as fantasias típicas venezianas também dão um charme todo especial à festa, que é uma das mais conhecidas no mundo, tanto por suas tradições quanto por sua beleza e qualidade!

Mas por algumas cidades do Brasil você também não vai ficar parado no Carnaval. É ir conhecer e comemorar em restaurantes, saboreando clássicos, que durante a noite carnavalesca ainda se usa máscaras aproveitando a data para se deliciar com todos os pratos escolhidos para essa data e que você entra no verdadeiro clima de Carnaval.

Já imaginou você fazer uma festa dessa na sua casa, com um jantar de máscaras bem especial neste Carnaval?

Aproveite e viva este momento!

Em tempo: texto reproduzido do site do Restaurante Cantina Vettorazzi, em Criciúma, Santa Catarina.



Foto: Reprodução

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lymaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de tv e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

Ameaça, humilhação, manipulação...

Discriminação e violência psicológica se mantêm ao longo do tempo, causando danos psicológicos às mulheres

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Pode acontecer no bar, no ambiente familiar, no espaço acadêmico, no trabalho, em relacionamentos amorosos, numa roda de amigos, em qualquer lugar. Mansplaining – quando homens explicam coisas óbvias à mulher – e maninterrupting – quando eles interrompem falas de mulheres – são atitudes de discriminação e de violência contra elas que se mantêm ao longo do tempo. Mesmo tendo como possível consequência danos psicológicos, ainda não existe uma lei específica prevendo penalidades aos agressores.

Esse tipo de atitude, conforme aponta a jornalista Laura Reif, no site Az Mina, reforça a crença equivocada de que a mulher vale menos socialmente do que o homem. O termo mansplaining, por exemplo, foi popularizado pela escritora norte-americana Rebecca Solnit no livro ‘Os Homens Explicam Tudo para Mim’, de 2008. Nele, a autora conta o caso do homem que tentou explicar do que se tratava o livro que ela mesma havia escrito.

A Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006) diz que qualquer ação que cause algum dano emocional, diminua a autoestima, prejudique o desenvolvimento da mulher ou tenha o intuito de degradar ou controlar seu comportamento, crenças, decisões é considerada violência psicológica. Com base nessa lei, o Instituto Brasileiro de Análise do Comportamento (Ibac) avalia formas de violência psicológica contra a mulher, entre elas, o mansplaining e maninterrupting.

No mansplaining, por exemplo, o homem não psicólogo explica sobre psicologia para uma mulher psicóloga e faz abordagem até mesmo sobre menstruação. Quando comete maninterrupting, ele interrompe a fala de uma mulher sem deixar que ela conclua o que está dizendo, atrapalhando sua linha de raciocínio. Até 2019, os termos existiam apenas em inglês. Hoje ambos são conhecidos pela expressão “homem ou macho palestrinha”.

Propriating é outra forma de violência psicológica referida pelo Ibac com base em informações da ong QG-Feminista. Nela, o homem se apropria de algum feito da mulher – estudo, pesquisa, serviços, produtos – e é comum em reuniões, silenciando e apagando o histórico das mulheres diante de suas próprias realizações.

Já o ato de um homem se espalhar corporalmente em diversos espaços, como ao sentar de pernas abertas ocupando duas cadeiras em um transporte público, encostando na mulher ao lado ou utilizando espaço não destinado a ele, configura o manspreading.

Por sua vez, gaslighting é quando um homem manipula situações para a mulher acreditar que a realidade com a qual ela tem contato não é real, confundindo e fazendo com que ela duvide do que está vendo, do que sabe e das próprias percepções. Essa forma de violência é utilizada para encobrir outros comportamentos abusivos.

A partir de dados do Instituto Maria da Penha, o Ibac elenca uma série de atitudes que configuram a violência psicológica. Entre eles, estão ameaças, constrangimentos, humilhações, manipulação, mas não para por aí. A lista segue com isolamento, ou seja, quando ele proíbe a mulher de estudar, viajar, ter contato com amigos, familiares; vigilância constante, perseguição; insultos, chantagem, exploração, limitação do direito de ir e vir, ridicularização, tirar a liberdade de crença, distorção ou omissão de fatos para deixar a mulher confusa ou em dúvida sobre sua memória e até a sanidade mental.



Foto: Pixabay

Violência descredibiliza a voz e os saberes das mulheres, apontadas como incapazes de pensar

A socióloga Gisele Rocha Côrtes observa que o mansplaining e o maninterrupting são atitudes que explicitam a postura machista assumida por homens com a intenção de invisibilizar e desqualificar os saberes e a fala das mulheres ao presumir a incapacidade delas de pensar, decidir e se posicionar de forma autônoma.

Professora e doutora do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Mediação, Representação da Informação e Marcadores Sociais (GEMinas) da instituição, ela diz que, historicamente, a organização social é estruturada por meio de desigualdades de gênero e relações de poder que afetam as mulheres em distintos espaços sociais.

Na lógica binária dos padrões hegemônicos de gênero, conforme a socióloga, o espaço privado é destinado às mulheres e o espaço público aos homens, e que distintos mecanismos sociais e culturais foram e são desenvolvidos para interditar a fala das mulheres em âmbito público e privado. Ela considera que a ação de impedir que uma mulher conclua sua fala, de tentar explicar um assunto sobre o qual ela possui vasto domínio, de presumir que ela desconhece uma temática, ignorar, não ouvir a expressão dela, implica em mais uma forma de violência sexista com o intuito de inferiorizar e silenciar a mulher.

Gisele Côrtes explica que a estrutura social patriarcal



Foto: Arquivo Pessoal

Gisele Côrtes é socióloga e professora universitária na UFPB

dinamiza um processo histórico de socialização em que os homens possuem mais poderes e direitos em relação às mulheres. “No imaginário social, ainda é recorrente o ideário de que as mulheres são inferiores e que os homens possuem legitimidade para normatizar, controlar o direito de escolha e a autonomia das mulheres”, observa.

A violência doméstica, os cruéis e constantes casos de feminicídio noticiados explicitam, segundo ela, como a misoginia e as relações de poder operam e, nesta configuração desigual, considera-se que a “fala autorizada, legítima”, pertence aos homens. “Torna-se necessário rever tais estereótipos de gênero, potencializarmos o

enfrentamento de padrões misóginos e sexistas que são aprofundados ao imbricarem-se com os marcadores sociais de raça, classe social, orientação sexual, pessoa com deficiência, para que as mulheres sejam respeitadas e tenham os direitos humanos garantidos”, analisa.

Ela acrescenta que é fundamental desnaturalizar códigos, linguagens, comportamentos sob os quais se assentam as opressões sofridas pelas mulheres. “Práticas aparentemente sutis, que muitas vezes camuflam a opressão, alicerçam e alimentam a ocorrência de violências que buscam anular o exercício do direito das mulheres”, ressalta a socióloga.

Para ela, essas são formas

de violência, porque buscam inviabilizar, silenciar e descredibilizar a voz e os saberes delas, perpetuando as profundas relações de poder, socialmente construídas, que alocam às mulheres situação de desigualdade em diversos espaços sociais. Gisele Rocha afirma que é importante uma atuação individual e coletiva para visibilizar, informar para que mansplaining e maninterrupting, presentes nas conversas informais, nas instituições, nas relações de trabalho, na sala de aula, na ação política de mulheres parlamentares, não sejam concebidas como práticas aleatórias, desprezíveis e ingênuas.

“Elas possuem como base a estrutura patriarcal. Não é nada incomum as mulheres sofrerem tais violências. O que ocorre é que muitas vezes, devido à sua naturalização, não são identificadas, confundindo as próprias mulheres, que acabam se inibindo, se sentido despreparadas”. Ela entende que disseminar informação sobre o assunto, ampliar o debate e reivindicar a implantação de políticas públicas de equidade de gênero são ações fundamentais para prevenir e combater as violências de gênero.



No imaginário social, ainda é recorrente o ideário de que as mulheres são inferiores e que os homens possuem legitimidade para normatizar, controlar o direito de escolha e a autonomia das mulheres

EM TODOS OS LUGARES

Repetição das experiências ruins

Necessidade que os homens têm de interromper é nada mais do que o olhar que existe na sociedade sobre as mulheres

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Embora os dois termos – mansplaining e manterrupting – tenham ganhado notoriedade em inglês, são experiências que as mulheres vivem em todos os lugares do mundo. A observação é de Terlúcia Silva, feminista negra, integrante da Abayomi Coletiva de Mulheres Negras na Paraíba, do Movimento de Mulheres Negras na Paraíba e da Rede de Mulheres Negras do Nordeste.

“Todas nós, mulheres, temos a experiência de ter alguém do sexo masculino que tenta nos explicar alguma coisa. Em reuniões de trabalho, isso é uma constante nas atitudes dos homens. É uma necessidade que os homens têm de interromper e nada mais é do que esse olhar que existe na sociedade sobre as mulheres, de que elas não têm inteligência o suficiente, que não são capazes”.

Para a ativista, o que leva os homens a se sentirem superiores e agirem dessa forma com as mulheres é todo um construto social que existe historicamente de que há uma hierarquia de superioridade e inferioridade entre os gêneros, homem e mulher. Ela ressalta que, ao falar em mulheres que passam por essas experiências, é preciso pensar que não é só a mulher cis – a que se identifica com seu gênero de nascença –, mas há um contexto mais amplo, incluindo mulher trans, um homossexual mais afeminado.

“O que faz com que os homens sintam essa superioridade é uma sociedade que está construída para dizer a esse homem que ele é mais importante, que é superior”, frisa ela, que continua: “Vemos isso muito bem na questão da educação doméstica e aqui, com muito cuidado para não culpabilizar as mulheres”.

Terlúcia Silva afirma que a diferença é vista na infância, nos brinquedos de meninos e meninas, na cor da roupa, no que é exigido do menino, sobretudo dentro de casa, na responsabilidade, no cuidado com as roupas, por exemplo. “Nós temos uma sociedade que cria o homem com essa ideia de superioridade, de posse. E, do contrário, criamos as meninas para a obediência. É esse ponto que precisamos compreender nessas práticas violentas que estamos tratando”.

Segundo ela, o homem se sente superior porque há todo um contexto social que valida isso e o privilégio. “Ele faz algo errado, mesmo adulto, e se justifica dizendo que é um menino. Se a mulher faz a mesma coisa, é tachada de irresponsável. Há uma grande informação na sociedade, em casa, na igreja, nos programas de televisão, nas músicas, que vão reforçar essa ideia de que o homem é superior”, constata.

Para a ativista, a estrutura social coloca o homem nesse lugar. “É como se a voz do homem tivesse mais validade”. Ela diz que essa é uma atitude altamente agressiva e que, quando se trata de violência contra a mulher, foca-se no psicológico, no físico e essas atitudes, que são cotidianas e que estão no campo das violências contra as mulheres, são esquecidas.

“Os casos têm se tornado mais visíveis hoje porque temos ampliado a consciência. Aquela atitude que sempre experimentamos em nossa vida nos violenta, nos inibe, nos impede. Hoje já conseguimos em qualquer sala de aula, palestra, que as meninas identifiquem isso desde muito novas”, constata. Para ela, é importante trazer à tona o assunto porque há uma tendência de desqualificar a experiência das mulheres. “Os homens, ao serem questionados se cometeram esse tipo de violência, negam, porque é tão natural para eles que sequer percebem”, emenda.

Terlúcia lamenta que ainda não exista legislação para punir essas atitudes e ressalta que qualquer tipo de ação que tente cercear, reprimir, negar e impedir gera consequências psicológicas. Por isso, orienta as mulheres a dizer não, expor o agressor para ver se ele muda de atitude. Ela conta que os movimentos feministas e de mulheres negras têm trabalhado muito para ampliar a compreensão do que seja violência contra as mulheres, mostrando, por exemplo, que violência contra a mulher não se resume à violência física.

Ela acrescenta que houve avanço na questão da violência psicológica, com legislação específica, e os movimentos têm atuado junto às mulheres de diferentes segmentos na perspectiva de sensibilização e de ampliar a compreensão. “Trabalhar, sobretudo, a autonomia e empoderamento para dizer não, para não aceitar determinadas atitudes, independentemente do espaço em que essa mulher esteja”.



Foto: Pixabay

Foto: Arquivo Pessoal



“

Todas nós, mulheres, temos a experiência de ter alguém do sexo masculino que tenta nos explicar alguma coisa

Terlúcia Silva

Foto: Arquivo Pessoal



“

Por ter uma característica estrutural, é algo arraigado, difundido nas bases socioculturais da sociedade e, por este motivo, tende, muitas vezes, a ser naturalizado, ou seja, considerado trivial e inofensivo

Illova Anaya

Ciclo do machismo estrutural se perpetua nos espaços públicos

O termo mansplaining vem da junção dos termos em inglês man (homem) e explaining (explicando). Manterrupting vem de man (homem) e interrupting (interrompendo). Ambos, conforme Illova Anaya, psicóloga clínica e hospitalar, membro da Comissão de Psicologia Hospitalar do Conselho Regional de Psicologia 13ª Região, são termos criados para definir duas das várias expressões do machismo estrutural que os homens podem cometer contra as mulheres.

Nesse caso, segundo ela, são atitudes cometidas no sentido de minimizar ou subestimar a capacidade intelectual de uma mulher. “Por ter uma característica estrutural, é algo arraigado, difundido nas bases socioculturais da sociedade e, por este motivo, tende, muitas vezes, a ser naturalizado, ou seja, considerado trivial e inofensivo”, ressalta.

Ela observa que a sociedade é histórica e culturalmente construída com base em fortes pilares que segmentam ho-

mens e mulheres em posições sociais não apenas diferentes, mas hierarquicamente desiguais. Enquanto ao homem sempre coube o papel de chefe de família, provedor material e, por conseguinte, de autoridade, funções consideradas de maior relevância social, à mulher relegou-se o papel de cuidadora da família e do lar, inclusive devendo submeter-se à autoridade do marido.

“Como preceitos enraizados na nossa construção social, esses valores ainda hoje são transmitidos em muitas famílias, levando homens a cometerem atitudes como essas, reproduzindo, assim, o ciclo do machismo estrutural”, analisa.

Illova Anaya ressalta que o mansplaining e o manterrupting são apenas termos novos para velhos conhecidos da realidade das mulheres. Não apenas essas, como outras tantas atitudes de desmerecimento, violência contra a mulher. A diferença, conforme a psicóloga, é que, ao lon-

go dos anos e depois de muita luta, as mulheres têm conseguido mais espaço e visibilidade, tanto para mostrar sua capacidade, quanto para levantar discussões sobre essas temáticas, bem como denunciar situações de injustiça, violências sofridas em virtude do gênero.

“Acredito que toda mulher, em algum momento da vida, vivenciou ou irá vivenciar situações de mansplaining e de manterrupting. Mas, para se tornar algo crônico e que afete psicologicamente, é preciso que seja uma situação persistente e corriqueira de opressão”, explica. Ela acredita que, ao tornar-se corriqueira, persistente e abusiva, praticada por um homem ou grupo de homens frente a uma determinada mulher, pode ser considerada uma violência psicológica especialmente, mas não só em ambientes domésticos, onde pais, maridos, companheiros usam dessa estratégia para exercer controle sobre as mulheres.

Efeitos nocivos afetam autoestima

O principal efeito nocivo dessas atitudes, conforme a psicóloga, recai sobre a autoestima da mulher, podendo suscitar sentimentos de incapacidade, insegurança e, em casos extremos, gerando até crises de ansiedade ou outros transtornos. A psicóloga Illova Anaya relata que as pacientes que chegam aos consultórios ou outros serviços de saúde, vítimas de violência, são necessariamente vítimas de violência psicológica e, em alguma medida, podem ter vivenciado situações de mansplaining e manterrupting.

A psicóloga ressalta, inclusive, que é difícil dizer uma forma de lidar com essas situações de violência. “Apesar de ser uma atitude aparentemente banal, tem um escopo

sociocultural muito forte que pode se apresentar com diferentes nuances a depender do contexto em que acontece. Nesse sentido, as orientações vão variar de situação para situação”, pontua.

Ela exemplifica que, em alguns ambientes domésticos, muitas vezes é inviável buscar entendimento pela via da racionalidade, ou seja, pelo diálogo, porque o homem pode não aceitar questionamentos, nem reconhecer que está cometendo violência psicológica.

Nos ambientes corporativos, ela pontua que, talvez, seja possível abrir uma porta de diálogo para expor essas situações de forma que os envolvidos possam estar atentos e se reconhecerem como participantes nesse processo. De

toda forma, a psicóloga afirma que é importante que a mulher esteja atenta ao comportamento dos homens com quem convive. Ela ensina que é preciso observar se existem situações onde eles a colocam em posição de inferioridade ou mesmo de humilhação, subestimando e interrompendo sua fala, ou cometendo outros tipos de atitudes abusivas.

Apesar da dura realidade de muitas mulheres, ela diz que tem sido oferecido mais espaço e maior visibilidade às temáticas de gênero, ampla divulgação de denúncias e de casos de violência que incentivam e encorajam outras mulheres a fazerem o mesmo, além de diversas campanhas educativas de proteção e prevenção à violência contra a mulher.

INIBIÇÃO À MULHER

Cultura patriarcal e o machismo

Prática está ligada à subordinação feminina e na crença de que homens são “superiores”, mesmo elas sendo mais capacitadas

Mayra Santos
 mayraalvessantos@hotmail.com

A cultura patriarcal e o machismo são responsáveis pela invisibilização da participação e ascensão da mulher na sociedade. Assim, o mansplaining e o manterrupting são práticas que fomentam essa forma de pensar e agir e inibem a elevação da mulher no aspecto profissional e pessoal. A afirmativa é de Glória Rabay, pesquisadora dos direitos das mulheres, que estuda sobre o assunto há pelo menos 40 anos. Ela afirma que tal prática está ligada à subordinação e à crença de que as mulheres são “inferiores” aos homens, mesmo quando elas são mais capacitadas e, por isso, acabam sendo silenciadas por eles.

Para a pesquisadora, o mansplaining e o manterrupting são comportamentos normalizados e perpetuados na cultura social, mas que agora recebeu nome, o que para ela é muito importante. “Não é uma interrupção qualquer, é uma prática cultural, estrutural que foi normalizada. Por isso, é muito importante que se diga o nome

exato para que homens e mulheres, chefes, colegas de trabalho, enfim, todos entendam o que a mulher está dizendo quando homens dentro do ambiente de trabalho, por exemplo, estão praticando o mansplaining”, ressalta.

Esse comportamento está especialmente ligado ao mundo do trabalho, inclusive no Jornalismo. Rabay conta que uma orientanda sua fez uma pesquisa com mulheres que fazem a cobertura de Jornalismo Político e muitas delas mencionaram terem sido alvo dessa conduta por parte dos homens que convivem ao redor delas. “Podem ser colegas de trabalho, superiores ou até a fonte, que costumam interromper o pensamento da mulher no debate, na discussão de pauta. Infelizmente, é muito comum, sendo que muitas vezes passa despercebido por quem vivencia isso”, afirma a pesquisadora.

O mansplaining e o manterrupting são nocivos para a mulher, uma vez que minam a liberdade de expressão e afetam a autoestima feminina. Além disso, a mulher que é vítima dessas condutas pode ad-

quirir uma insegurança no âmbito profissional, o que acaba repercutindo na sua qualidade de vida no trabalho. De acordo com Rabay, “muitas delas acabam duvidando da própria competência, por tantas vezes os homens dizerem sobre o que elas já sabem, inclusive sobre o que são formadas e capacitadas para fazer”.

De um modo geral, segundo a pesquisadora, boa parte dos homens tem muita dificuldade de aceitar que as mulheres possam estar mais capacitadas e possam ser mais inteligentes do que eles, porque foram educados para pensar que são “superiores”, que estão sempre no patamar mais alto e capacitado. Ela afirma ainda que essa cultura está ligada ao machismo e é estrutural. “Desde criança, os irmãos, meninos e meninas, são educados para pensar que os homens são mais inteligentes, fortes, decididos e capazes do que o público feminino, o que influencia no comportamento estrutural que vai reger o modo como a sociedade vai tratar homens e mulheres”. E é justamente isso que é vivenciado ainda nos dias atuais.



Foto: Pixabay



Foto: Arquivo Pessoal

Muitas acabam duvidando da própria competência, por tantas vezes os homens dizerem sobre o que elas já sabem, inclusive sobre o que são formadas e capacitadas para fazer

Glória Rabay



Foto: Arquivo Pessoal

Recebi algumas mensagens de homens, sempre homens, completamente despreparados, querendo me explicar o meu trabalho ou conceitos de Ciência Política, do qual não tinham a menor ideia

Rejane Negreiros



Foto: Pixabay

Falar com firmeza e educação para tentar mudar os comportamentos da sociedade

A jornalista paraibana Rejane Negreiros, especialista em política, conta que durante sua trajetória profissional se deparou muito mais com o manterrupting – a interrupção da fala da mulher por um homem – do que com o mansplaining. Ela disse que esse tipo de comportamento é corriqueiro e que já perdeu as contas de quantas vezes chamou a atenção de homens para que deixassem, por exemplo, uma colega concluir a fala. Porém, afirma que, diante dessas situações, não se cala. Ao contrário, fala com firmeza e educação, simultaneamente, sem aumentar o tom de voz e pede para falar e concluir o seu pensamento. Essa é a forma como a jornalista encontrou para se posicionar e não deixar atitudes como essa ganharem força.

A polarização política e o bolsonarismo no Brasil, para ela, fomentaram o mansplaining. Negreiros afirma que a internet está cheia de “analistas” de rede social. “Recebi algumas mensagens de homens, sempre homens, completamente despreparados, querendo

me explicar o meu trabalho ou conceitos de Ciência Política, do qual não tinham a menor ideia”, relata. Além disso, a cientista política acrescenta que procurou lidar de forma pedagógica, mas não obteve êxito.

“Por ser jornalista e cientista política, pelo compromisso que tenho com a verdade factual e por entender que a formação cidadã passa pela compreensão dos fatos, tentei ser pedagógica algumas vezes, mas percebi que era perda de tempo e de energia. Então, resolvi ignorar e nem leio mais”, revela. Para ela, esse comportamento é muito presente em uma sociedade machista que não escuta a mulher e que é marcada por um passado que não vai embora, sendo, por isso, difícil quebrar padrões estabelecidos e naturalizados.

“Muitas mulheres tiveram e têm suas vozes silenciadas ao longo dos anos e suas competências desprezadas em relações pessoais ou profissionais autoritárias. Não é fácil mudar essa cultura, mas a gente resiste e insiste”, ressalta.

Embora existam diversos empecilhos, Negreiros é otimista e acredita que, se esse tipo de comportamento foi construído, pode ser também desconstruído. E acrescenta: “Como estamos falando de algo cultural, é preciso investir em educação, e falo da educação que emancipa o ser humano, que o torna cidadão. Isso passa pelo debate crítico, pela discussão que deve começar em casa”.

Essa conduta machista representa um atraso para a sociedade sob o ponto de vista social e moral e que, para alcançar esse avanço, a equidade precisa ser encorajada no meio social, afirma a jornalista, que acrescenta ainda: “Evoluímos na ciência, mas estamos bem atrasados em questões sociais que passam pela esfera moral. Temos que evoluir como seres humanos e entender, por uma questão civilizatória, que não há um gênero inferior ao outro. Nesse sentido, é muito importante avançarmos em agendas que promovam equidade. Temos competências distintas que somadas só trazem benefícios”, arremata.

MANSPLAINING E MANTERRUPTING

Sem consideração à opinião

Oportunidade de fala, a coragem e o ímpeto de se mostrar ajudam as mulheres a conquistarem seus espaços

Mayra Santos
mayraalvessantos@hotmail.com

A engenheira ambiental Nathália Padilha, de 30 anos, é doutora em Biotecnologia Industrial pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e, atualmente, trabalha numa grande empresa de tecnologia avançada, em Recife, onde gerencia mais de 30 equipes nacionais e internacionais. Para ela, o mansplaining e o manterrupting sempre aconteceram no seu dia a dia, desde muito cedo, começando, inclusive, no núcleo familiar. Além de engenheira, ela é torcedora apaixonada pelo Sport Recife, por isso sempre frequentou ambientes em que o público masculino era predominante, como no estádio de futebol. Por ser a mais nova da família e por ser mulher, sua opinião muitas vezes não era levada em consideração.

Ao longo dos anos, Padilha ingressou na faculdade e, em seguida, no mercado de trabalho, onde alcançou êxito por meio da autoconfiança e do conhecimento. A mesa de reunião quase sempre era composta só por homens, sendo ela a única mulher. De início, não lhe era dada oportunidade de fala, mas a coragem e o ímpeto de se mostrar ajudaram a engenheira a conquistar espaço.

Ela conta que escutava e observava tudo que era discutido, anotava e pontuava o que fora abordado. No final da reunião, corajosamente, pedia espaço para falar, era quando destrinchava tudo que havia escutado. “Eu dava o arremate, sempre tentando trazer para a aplicabilidade, trazendo e mostrando minha experiência, isso era muito comum no início. Hoje já estou numa posição de respeito e reconhecimento, as pessoas já sabem o que esperar de mim”, garante.

Além de ter passado por situações que caracterizam o mansplaining e o manterrupting, Padilha já presenciou colegas mulheres sendo silenciadas. Diante disso, enquanto líder de diversas equipes, resolveu fazer a diferença e dar



Foto: Pixabay

a oportunidade para outras mulheres também mostrarem seus talentos, incitando o posicionamento delas no trabalho. “Eu sempre falava, tentava perguntar qual a opinião delas, justamente para incluí-las, porque eu sabia como elas estavam se sentindo”, revela.

Estar cercada por mulheres que já passaram por isso e que conseguiram romper essa “bolha” é o “segredo” para enfrentar o machismo, afirma Nathália Padilha. Além disso, conta que veio de uma formação predominantemente feminina, sua mãe, tia e irmã sempre mostraram o mundo para ela. Ela diz ainda que tem se aproximado tanto de mulheres quanto de homens que acreditam na igualdade de gênero, e que juntos têm construindo só coisas boas.



Foto: Arquivo Pessoal

“Eu sempre falava, tentava perguntar qual a opinião delas, justamente para incluí-las, porque eu sabia como elas estavam se sentindo”

Nathália Padilha



Foto: Arquivo Pessoal

“A gente lida com a ausência de diálogo saudável que também pode se configurar em assédio moral, dependendo de como isso se estender, enquanto conflito”

Danielle Azevedo

Ambiente masculino e a misoginia

Passando do universo da Engenharia para a Política, a deputada estadual paraibana Cida Ramos conta que já passou por situações de silenciamento de forma dupla, visto que, além de ser mulher, é pessoa com deficiência. Cida Ramos trabalha na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e na Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) como deputada, sendo esse um ambiente político e majoritariamente masculino, além disso, com uma carga cultural muito forte onde se vê misoginia e machismo, segundo a deputada.

Para ela, embora a política nessa cultura não seja

para mulheres, a deputada afirma que veio para quebrar paradigmas. “Sou a única deputada estadual do Brasil com deficiência. Para uma pessoa com deficiência é sempre reservado um lugar que merece benemerência, que merece piedade. E quando tem alguém, principalmente uma mulher, que quer elaborar leis, que tem opiniões, acaba sendo uma carga maior”, revela.

O mansplaining se configura muitas vezes de forma sutil, com frases que parecem inofensivas, como “você não entendeu” ou ainda com tentativas de intimidar, elevando o tom de voz, diz a deputada. Ela con-

ta que, assim que chegou à Assembleia Legislativa, escutou de colegas deputados que seu tom de voz era muito forte. Ela ressalta que quando é um homem que fala firme é visto como naturalidade, mas quando é uma mulher, é visto como agressiva.

Cida precisou se impor e expor suas ideias para conquistar o respeito e seu espaço enquanto parlamentar. Além disso, procura agregar as mulheres na política. “Estou lutando, independentemente de partido político, para formar uma frente parlamentar das mulheres para atuar de forma mais coletiva, aprovando

leis, formando uma atuação mais próxima entre mulheres. Acredito que isso é muito importante”, evidencia.

O machismo pode se configurar de forma muito sutil, mas também de forma mais agressiva. Para Cida Ramos, o machismo é essa reprodução cotidiana da cultura. “É esse machismo que alimenta o mansplaining e o manterrupting. Acho que tem que ter tolerância zero, temos que nos posicionar mesmo. Quando lutamos por direitos, estamos tomando para nós mesmos a tarefa de mudar a sociedade, o que é imprescindível para que avancemos”, arremata.



Foto: Divulgação

“Para uma pessoa com deficiência é sempre reservado um lugar que merece benemerência, que merece piedade. E quando tem alguém, principalmente uma mulher, que quer elaborar leis, que tem opiniões, acaba sendo uma carga maior”

Cida Ramos

Dialogar e ouvir sempre serão os caminhos para a empatia

De acordo com a psicóloga e terapeuta de relacionamento Danielle Azevedo, toda relação afetiva saudável é estruturada com um bom diálogo. Quem dialoga e ouve o outro também tem empatia e se sente responsável afetivamente pelo outro. O mansplaining e o manterrupting são justamente o oposto disso, mesmo que inconscientemente e sempre existiu nos relacionamentos amorosos e profissionais. Tais condutas prejudicam seja qual for o tipo de relacionamento, visto que o diálogo é a base para uma relação.

No ambiente institucional, essas condutas podem ser entendidas de uma forma mais objetiva, como o assédio moral, dependendo

de como seja interrompido essa funcionária, de como seja tratada e de como seja desrespeitada e criticada. “A gente lida com a ausência de diálogo saudável que também pode se configurar em assédio moral, dependendo de como isso se estender, enquanto conflito”. A especialista acrescenta que, de uma forma muito mais objetiva e direta, se está falando também de falta de empatia, de diálogo, da falta de responsabilidade afetiva. Para ela, o que falta é se colocar no lugar do outro, refletir sobre as próprias contribuições se são satisfatórias e não aprisionadoras ou bloqueadoras de comportamento, como ocorre durante o mansplaining e o manterrupting.

Para Azevedo, o machismo está muito relacionado ao preconceito, à história e à cultura. O Brasil ainda tem uma cultura muito estruturada nesse machismo e a maioria das mulheres ainda se cala. “Isso a gente vê todos os dias em quadros de violência doméstica, em casos de traumas psicológicos, inclusive no término de um relacionamento, devido a dependência emocional. Porém, quando a gente fala de um cenário que envolve o financeiro, no caso do meio ambiente de trabalho, existe outra dependência, a mulher se sente intimidada para lidar com homens que ocupam cargo hierarquicamente superior ao dela e que agem de forma machista”, avalia.

Já sob o aspecto do relacionamento amoroso, Danielle Azevedo explica que a partir do momento que a mulher se anula no diálogo com seu parceiro sobre seus pensamentos, sobre suas discordâncias, sobre aquilo que pode ser melhor ou pior para a construção dessa história, ela anula a possibilidade que há de melhor dentro dessa relação. “A mulher precisa falar o que pensa, o que sente mais ainda, precisa ser recepcionada nessa escuta. Quando a gente permitir ouvir quem está do nosso lado também é uma prova de amor”, defende a psicóloga.

Antigamente, “como no tempo dos nossos avós”, havia a necessidade de procriação, de trabalhar no roçado,

de viajar para prover um lar. “É como se o relacionamento fosse apenas uma ferramenta de funcionamento melhor dessa família”, conta Danielle. Para ela, esse estigma do amor romântico ficava sempre em segundo plano, porque havia uma responsabilidade maior que era ser pai, marido e provedor desse lar. Então, o romantismo e tudo que envolve a afetividade conjugal ficavam para depois.

Considerando essa realidade da época, as mulheres pensavam em como precisavam do parceiro para se manter, para suprir as necessidades. Em consequência dessa afirmação da submissão, a mulher assumia que precisa que o homem ficasse

um pouco ausente e, aí, aconteciam as traições, os episódios de violência, de tortura psicológica, o que naquela época acontecia com muito mais frequência.

De acordo com a psicóloga, hoje o cenário é mais positivo, embora ainda exista mansplaining e manterrupting. A mulher ganhou mais espaço e mais voz na relação. “Hoje vivemos numa sociedade que tenta ser igualitária nesse aspecto afetivo, conjugal, sexual e profissional. Então, se eu não gosto de alguma coisa, não preciso ser agressiva para expor meu pensamento, basta ser assertiva. Não preciso me submeter, anular o meu pensamento acerca disso”, explica.